

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ALINE VITOR RIBEIRO**

**LENDO HARRIET BEECHER STOWE NO BRASIL: *CIRCULAÇÃO  
E TRADUÇÕES CULTURAIS DO ROMANCE A CABANA DO PAI  
TOMÁS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX***

**GUARULHOS  
2016**

**ALINE VITOR RIBEIRO**

**LENDO HARRIET BEECHER STOWE NO BRASIL: *CIRCULAÇÃO  
E TRADUÇÕES CULTURAIS DO ROMANCE A CABANA DO PAI  
TOMÁS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientação: Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco Villardaga

**GUARULHOS  
2016**

Guarulhos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Orientadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Stella Maris Scatena Franco Vilaridaga

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana Martins Villaça

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Anne Junqueira

## **Agradecimentos**

A trajetória de um aluno de mestrado nem sempre é muito fácil e ao longo desse caminho muitas pessoas foram importantes para que esse estudo fosse realizado e, por fim, concluído.

Dessa maneira, eu agradeço imensamente à minha família que a princípio não sabia que eu escolheria o curso de História ao inscrever-me no vestibular, mas que mesmo assim me apoiou e continuou acreditando em minhas escolhas e em meu trabalho quando ingressei nessa louca jornada que foi o Mestrado. Sou grata pela paciência, pelo amor e, principalmente, por acreditarem em mim. Nada disso seria possível sem vocês.

Ao longo dessa jornada, por diversas vezes, tropeçamos e caímos mais do que gostaríamos. Nesses momentos muitos amigos ajudaram-me a lembrar que eu deveria continuar e, assim me animaram com suas palavras, delicadeza e carinho. Por isso, agradeço ao Roger Camacho Barrero Jr., que com sua amizade de longa data compartilhou comigo todos os momentos – positivos e negativos – do percurso do mestrado. Silvani Silva Costa, uma amiga muito querida que nunca se cansou de ouvir coisas sobre *A Cabana do pai Tomás* e que sempre disponibilizou minutos do dia para me fazer rir. Michelle Carolina Britto, obrigada por dizer sim ao Thor; foi naquele dia que você se tornou uma grande companheira, tanto da vida acadêmica, quanto de hábitos nerds. Agradeço pela paciência, risadas e, sobretudo, pela amizade. Tiago Januário, obrigada por entender meu estresse e, ao mesmo tempo, compartilhar o seu comigo enquanto descobrimos uma paixão por açaí. Agradeço ao Jonathan Portela e Verônica Calsoni pelo companheirismo e pela nossa amizade que ultrapassa os muros da universidade. Estendo os meus agradecimentos a todos os colegas da turma de mestrado em História da Universidade Federal de São Paulo do ano 2013. Vocês tornaram cada dia de aula mais interessante e são amigos muito especiais que guardarei para sempre.

Também não posso esquecer-me dos importantes momentos que tive ao frequentar as reuniões do *Laboratório de Estudos de Histórias das Américas (LEHA - USP)* coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Anne Junqueira, do grupo *Trânsito nas Américas* coordenado pelas Prof<sup>as</sup>. Dr<sup>as</sup> Stella Maris Scatena Franco Vildardaga e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Anne Junqueira, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da

Universidade de São Paulo (USP) e do *Laboratório de Pesquisa de História das Américas (LAPHA)* coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana Martins Villaça e Prof. Dr. José Carlos Vilardaga, da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Agradeço pelas oportunidades de aprendizado em que foi possível realizar trocas acadêmicas e, ao mesmo tempo, conhecer pessoas maravilhosas. Agradeço por ter sido tão bem acolhida em todas as reuniões das quais participei e por fazerem do trabalho do historiador uma tarefa menos solitária.

Agradeço a todos os professores da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) pelas boas discussões durante as aulas e por todo o aprendizado que proporcionaram. Dedico um agradecimento especial à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana M. Villaça. Foi um prazer ser estagiária do Programa de Aperfeiçoamento Didático (PAD) em sua disciplina, História da América II. Não posso esquecer-me de agradecer à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Rita Toledo por sugerir leituras sobre Tradução Cultural. Essas indicações fizeram uma grande diferença para a metodologia de minha pesquisa.

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Anne Junqueira por aceitar compor a banca examinadora do meu trabalho, juntamente, com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana M. Villaça. Agradeço ambas pelas sugestões e interesse com que examinaram minha pesquisa.

Sou grata aos funcionários – Douglas Barbosa, Erick Dantas e Rita Cavalcante – da Câmara e Secretária de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo. Agradeço a ambas disposição e gentileza com que sempre me atenderam e auxiliaram na resolução de problemas de cunho burocrático.

Agradeço ao Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” (CAPH), da Universidade de São Paulo (USP), por permitir que eu utilizasse suas máquinas leitoras de microfilme. Sem essa oportunidade um dos capítulos de minha pesquisa não poderia ser escrito. Faço lembrança, nesse momento, às funcionárias Elisabete Aparecida de Carvalho Euzébio e Elisabete Martinez Viana que me acolheram e ofereceram auxílio de forma muito simpática.

Agradeço, especialmente, a minha orientadora, à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Stella Maris Scatena Franco Vilardaga pela sua orientação, paciência e dedicação. Sinto-me honrada por ter compartilhado essa trajetória contigo. Você não foi simplesmente uma orientadora, mas um grande exemplo de profissional que conseguiu em todos os momentos mesclar a seriedade e rigidez da pesquisa com simpatia, sensibilidade e gentileza. Agradeço, imensamente, pela

compreensão e respeito com que sempre me tratou. Não consigo mensurar o quanto aprendi ao longo dos seis anos de orientação, pois foram muitos aprendizados. Porém, eu sei que levarei para sempre boas lembranças de todo esse caminho, que me ajudaram, sem dúvida alguma, a amadurecer. Muito obrigada!

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter concedido uma bolsa de mestrado para a realização dessa pesquisa e que foi de grande importância.

*A presente narrativa que corrobora A cabana do Pai Tomás, é respeitosamente dedicada a Harriet Beecher Stowe, cujo nome é identificado em todo o mundo com a abolição da escravidão.*

(NORTHUP, Solomon. *Doze anos de Escravidão*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014. p . 11)

**Resumo:**

O objetivo deste projeto é investigar a circulação da obra *A Cabana do Pai Tomás* no Brasil, na segunda metade do século XIX, em diferentes veículos críticos à escravidão. O romance foi escrito pela estadunidense Harriet Beecher Stowe e publicado nos Estados Unidos entre 1851 e 1852. Este estudo realizará um levantamento, o mais amplo possível, das apropriações do romance, procurando mapear e detectar os grupos de leitores, a amplitude geográfica e temporal da circulação e os diferentes tipos de veículos de disseminação da produção cultural pelos quais o romance circulou. Além desse mapeamento, realizamos uma análise de duas fontes específicas. Trata-se de refletir sobre as apropriações que a escritora Nísia Floresta fez d' *A Cabana* na crônica *Páginas de uma vida obscura*, de 1856, e, de analisar a tradução do romance que foi publicada nas páginas de *A Redempção*, jornal de cunho abolicionista radical, entre 1887 e 1888. Dessa forma, esta Dissertação busca compreender como condições temporais e sociais implicaram em formas particulares de tradução cultural que se processaram na leitura d' *A Cabana do Pai Tomás* feita no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Escravidão, abolição, tradução cultural, história do livro, história da leitura

**Abstract:**

The goal of this project is to investigate the movement of the novel "The Uncle Tom's Cabin" in Brazil in the second half of the nineteenth century, in different vehicles critical to slavery. The novel was written by north-american writer Harriet Beecher Stowe and published in the United States between 1851 and 1852. This study want to do a survey, about the appropriation of the novel, trying to map and identify the groups of readers, the geographic and temporal scope of the movement and the different kind of vehicles for the dissemination of cultural production by which the novel circulated. In addition to this mapping, we will analysis two specific cases. The first one is the book "Pages of an obscure life" written by the brazilian Nisia Floresta, and published in 1856. This novel is a appropriation of the Stowe's book. The second case is a translation of the american novel. This translation was published in 1887 and 1888, by a radical abolitionist newspaper call "A Redempção". Thus, this Dissertation want to understand how social and temporal conditions resulted in particular forms of cultural translation about the reading of "The Uncle Tom's Cabin" in Brazil during the second half of the nineteenth century.

Keywords: Slavery, abolition, cultural translation, history of book, history of reading



## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1: <i>A Cabana do pai Tomás</i> no Brasil: Um estudo sobre sua circulação.....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 2: Pai Tomás e Tom Brasileiro: A crítica à escravidão e a tradução cultural de Nisia Floresta.....</b>	<b>52</b>
<b>Capítulo 3: <i>A Cabana do pai Tomás</i> nas páginas de um periódico abolicionista.....</b>	<b>93</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>124</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>127</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>129</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é estudar a circulação e traduções culturais do romance estadunidense *A Cabana do pai Tomás*<sup>1</sup>, escrito por Harriet Beecher Stowe e publicado em 1851/51 no Brasil entre anos 1852 e 1888.

Harriet Beecher Stowe nasceu em 14 de junho de 1811, em Litchfield, Nova Inglaterra. Seu pai era o Reverendo Lyman Beecher que segundo Charles Edward Stowe<sup>2</sup> era um notável calvinista. Sua mãe teve muitos filhos, dentre eles: Catherine, Willian, Edward, Mary, George, Harriet, Henry Ward e, por último, Charles.<sup>3</sup>

Sua vida possuiu marcas religiosas bastante fervorosas, desde a primeira educação. Podemos perceber esse traço na vida da autora por meio do trecho de uma carta escrita por sua avó destinada à sua irmã Catherine, que diz

Harriet is a very good girl. She has been to school all this summer, and has learned to read very fluently. She has committed to memory twenty-seven hymns and two longs chapters in the Bible. She has a remarkably retentive memory and will make a very good scholar.<sup>4</sup>

Assim percebemos que desde muito jovem a autora esteve imersa em ideias religiosas. Aos catorze anos já era professora de moral.<sup>5</sup> Harriet se tornou professora de retórica e composição na Litchfield Female Academy. Sua irmã Catherine a responsabilizou por um método de ensinar, onde os alunos melhoraram sua linguagem escrita e criaram métodos para “falar” o que pensavam.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup>Doravante o livro será chamado de *A Cabana*.

<sup>2</sup> Charles Edward Stowe era filho de Harriet e, além disso, é autor de uma de suas biografias.

<sup>3</sup> STOWE, Charles Edward. *The life of Harriet Beecher Stowe*. Middlesex: The Echo Library, 2006. p. 1.

<sup>4</sup> STOWE, Charles Edward. Op. Cit. p. 4. Tradução livre: *Harriet é uma menina muito boa. Ela foi para a escola o verão todo e aprendeu a ler fluentemente. Ela já decorou vinte e sete hinos e dois longos capítulos da Bíblia. Ela tem uma memória notável que vai fazê-la uma boa estudiosa.*

<sup>5</sup>BRAGA, Marcelle Danielle de Carvalho. *Um mosaico de fatos Produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados Unidos em meados do XIX - A Cabana do Pai Tomás e os romance anti-tom*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2014. p. 5.

<sup>6</sup> HEDRICK., Joan D. *Harriet Beecher Stowe: a life*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 54.

Alguns anos após a morte da mãe, em 1826, a família Beecher mudou-se para Boston, onde Lyman Beecher e entraria em conflito com outro grupo religioso, os Unitaristas, o que nos indica participação e empenho constantes nas causas relacionadas à religião. Seus irmãos tornaram-se pastores e/ou professores em um seminário. Seu irmão Edward se tornaria pastor da Igreja de Park Street, no mesmo período em que a família se mudou para Boston.<sup>7</sup>

Ao mesmo tempo que toda a família estava ligada a correntes e grupos religiosos, também teve participações em movimentos críticos à escravidão. Seu pai foi membro da Sociedade Americana de Colonização que foi fundada em 1816 e tinha como objetivo enviar negros livres para a Libéria. Nesse sentido, Lyman Beecher defendia a colonização como um meio de alcançar a abolição de modo pacífico.<sup>8</sup> George e Edward Beecher, irmãos de Harriet, também participaram da luta contra a escravidão. Ambos foram membros da Sociedade Americana Antiescravista e o segundo tornou-se, em 1838, diretor da Sociedade Antiescravista de Illinois. Além deles Harriet e seu irmão Henry também se tornaram críticos a escravidão após, segundo Joan Hedrick, o escritório de um abolicionista ter sido queimado por indivíduos favoráveis àquele sistema.<sup>9</sup>

Em 1851 publicou seu livro de maior destaque, *A Cabana do pai Tomás*, no original *Uncle Tom's Cabin*. O romance foi publicado, originalmente, de maneira seriada no jornal abolicionista *National Era*, de Washington. Enquanto escrevia o que seria um livro de grande sucesso a autora enviou uma carta para o abolicionista Frederick Douglas, em que expunha muitas de suas revoltas sobre a escravidão e, em especial, sobre a promulgação da Lei dos Escravos Fugidos (1850). Há um trecho de sua carta, em que ela deixa claro sua solidariedade aos negros, principalmente aos fugitivos. Seu marido também parecia compartilhar da mesma opinião e segundo a autora, ambos não se furtavam aos pedidos de ajuda dos fugidos, mas faziam de tudo o que podiam para ajudá-los. Além disso, Stowe diz viver em um estado escravista e nem por isso deixou de ajudar os escravos.

for myself and husband, we have for the last seventeen years  
lived on the border of a slave State, and we never have shrunk

---

<sup>7</sup> HEDRICK, Joan D. Op. Cit. p. p. 45.

<sup>8</sup> THOMPSON Jr., J. Earl. "Lyman Beecher's Long Road to Conservative Abolitionism". In: *Church History*, Vol. 42, Nº. 1. Cambridge University Press, 1973. p. 93 e 94.

<sup>9</sup> HEDRICK, Joan D. *Harriet Beecher Stowe: a life*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 105 e 106.

from the fugitives, and we have helped them with all we had to give.<sup>10</sup>

Em junho de 1851 a história de pai Tomás começou a ser publicada pelo *National Era*. Segundo Charles Stowe, a história teria sido anunciada para preencher as páginas do jornal por três meses; no entanto, sua publicação se estendeu até o mês de abril de 1852. A trama ganhou muitos interessados; por isso, o romance, que deveria ser algo menor tomou proporções maiores .

The intense interest excited by the story, the demands made upon the author for more facts, the unmeasured words of encouragement to keep on in her good work that poured in from all sides, and above all the ever-growing conviction that she had been intrusted with a great and holy mission, compelled her to keep on until the humble tale had assumed the proportions of a volume prepared to stand among the most notable books in the world.<sup>11</sup>

Podemos notar que rapidamente o livro ganhou fama e ao final de sua publicação Stowe havia chamado a atenção do editor John P. Jewett, de Boston. Jewett realizou uma proposta para que o livro de Stowe fosse publicado em forma de livro. Em março de 1852 a autora assinou um acordo com o editor, em concordância com o *National Era* que autorizaria a publicação do romance. A primeira edição copilada d'*A Cabana do pai Tomás* foi lançada em vinte de março de 1852 e contava com cinco mil exemplares.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> STOWE, Charles Edward. Op. Cit. p. 77. Tradução livre: *Por meu marido e eu, nós que vivemos os últimos dezessete anos nas bordas de um estado escravista e nós nunca nos encolhemos diante dos fugitivos e nós os ajudamos com tudo que tínhamos que dar.*

<sup>11</sup>STOWE, Charles Edward. Op. Cit. p. 156. Tradução livre: *O intenso interesse pela história, as exigências feitas sobre a autora para mais fatos, as palavras de encorajamento para continuar o seu bom trabalho, e acima de tudo a convicção crescente de que ela tinha sido confiada para uma grande e santa missão, obrigou-a a continuar até que o conto humilde assumiu as proporções de um volume preparado para ficar entre os livros mais notáveis do mundo.*

<sup>12</sup>STOWE, Charles Edward. Op. Cit. p. 159.

O livro copilado em dois volumes obteve ainda mais visibilidade e sucesso. Sabe-se que no primeiro ano de sua publicação o romance alcançou mais de 300 mil exemplares vendidos.<sup>13</sup> Essa edição, além de vender intensamente nos Estados Unidos, também circulou mundialmente. Suas traduções foram feitas em períodos muito próximos a sua publicação. As traduções para o Espanhol, Português (de Portugal) e Francês foram publicadas em 1853.

*A Cabana do pai Tomás* foi citada em diversos momentos, por diferentes indivíduos e em distintos períodos. É possível notar a circulação desde sua publicação no século XIX até o século XX. Nosso intuito é observar e analisar a circulação desse romance no Brasil na segunda metade do século XIX. Porém, existem referências do livro em outros países e, como exemplo disso, podemos mencionar a escritora peruana Clorinda Matto de Turner (1852 – 1909). A peruana foi defensora dos indígenas e escreveu diversos textos em seu favor. Sua publicação mais famosa é intitulada *Aves sin nido*, de 1889, traduzida para o Inglês em 1904. Nessa trama a autora denuncia os maus tratos e exploração indígena. Turner cita o romance estadunidense em seu texto *Las obreras del pensamiento de la América del Sud*. Na ocasião a autora afirmava que existiam muitas mulheres que combatiam com os homens no ofício da escrita e que suas obras tinham tanta qualidade quanto aquelas escritas por mãos masculinas. Todas as autoras referenciadas – a estadunidense Harriet Beecher Stowe, a francesa George Sand e a cubana Gertrudiz Gómez de Avellaneda – lançaram um olhar para grupos considerados subalternos.<sup>14</sup> Stowe e Avellaneda escreveram romances denunciando a escravidão, onde o escravo seria o protagonista. A cubana, em seu livro *Sab* (1841) também aproxima a condição da mulher com a condição do escravo. Sugeriu que a mulher vivia em condições de aprisionamento tão horríveis quanto o escravo. Sand foi uma representante ativa em favor do direito e da liberdade da mulher. Dessa maneira, Turner se aproxima dessas autoras legitimando a sua escrita em favor do indígena que também pertenceria a um grupo subalterno.

---

<sup>13</sup>FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989, p. 194.

<sup>14</sup>ARANGO-KEETH, Fanny. “Del angel del hogar y la obrera del pensamiento: Construcción de la identidad sociohistorica y literaria de la escritora peruana del siglo XIX.” in: ANDRE, Juan e GUARDIA, Sara Beatriz. *Historia de las mujeres em America Latina*. Murcia: Centro de estudios La mujer em la Historia de la America Latina, 2013. p. 294.

Também podemos lembrar que em 1893 ocorreu a Exposição Universal de Chicago, que teria como objetivo comemorar os quatrocentos anos da chegada de Cristóvão Colombo à América. Na ocasião, o desenvolvimento tecnológico, científico e até mesmo cultural estadunidense pôde ser apresentado ao mundo. Cinquenta e três países participaram da exposição e estavam divididos em pavilhões. A exposição dedicou um espaço específico para mostrar o trabalho da mulher ao redor do mundo. Nessa mostra estão representadas pintoras, escultoras e escritoras de diversas nacionalidades. Harriet Beecher Stowe é uma das mulheres ali representadas, por meio de um busto.

Pode-se ainda citar o trabalho de Heike Paul, que constrói seu estudo a partir da notícia publicada em um jornal alemão, que comentava a eleição de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos em 2008. O jornal, intitulado *Die Tageszeitung*, no dia 5 de junho do relativo ano noticiava a vitória do primeiro presidente negro da história estadunidense com a seguinte frase “Uncle Barack’s Cabin”. Dessa maneira, Paul inicia seu percurso de pesquisa observando as representações e narrativas sobre a escravidão estadunidense e, assim, busca entender a ampla divulgação e recepção da obra de Stowe na Alemanha. Além disso, o autor também se propõe a analisar a imagem de Pai Tomás, que consolida a figura estereotipada do negro, como sendo dócil e feliz.<sup>15</sup>

No Brasil, o romance teve forte repercussão, sobretudo entre grupos engajados no abolicionismo ou simplesmente críticos à escravidão, mas continuou sendo referenciada ao longo do século XX. Ela serviu de base a uma telenovela exibida pela Rede Globo em 1969. Outro exemplo recente e interessante é o fato do título do livro dar nome a uma favela na zona oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais. A ocupação do local se deu efetivamente nos anos 1960. Tal comunidade surgiu após a desapropriação de terrenos por decretos expedidos pela prefeitura e depois de ter-se dado a ocupação, por esta população desabrigada, de outro terreno, “doado” pelas autoridades.<sup>16</sup> Dessa forma, percebemos que a circulação do livro estadunidense não esteve circunscrita aos Estados Unidos, mas é recorrentemente lembrada e reapropriada em diferentes contextos.

---

<sup>15</sup>PAUL, Heike. “Cultural mobility between Boston and Berlin: how Germans have read and reread narratives of American slavery.” in: GREENBLATT, Stephen. *Cultural Mobility: a manifesto*. England: Crambridge University Press, 2009. p.124

<sup>16</sup>CUNHA, Álisson Veloso da e OLIVEIRA, Wellington. “A memória e a história da favela cabana do pai Tomás nos primeiros anos de seu surgimento” in: RELUCÉ, Gonzalo Espino (compilador). *Tradición oral, culturas peruanas – una invitación al debate*. Serie Humanidades. Fondo Editorial de la UNMSM, Lima, 2003. p. 49

Por isso, esse estudo se debruça sobre a temática da circulação do romance buscando compreendê-la em seu período de publicação até a abolição da escravidão no Brasil. Além disso, pretendemos analisar as apropriações e seleções feitas do livro, por meio de traduções culturais que tinham como objetivos aproximar o público brasileiro do ideal abolicionista. Sabe-se que ao longo do século XIX a tarefa da tradução se intensificou no Brasil. Periódicos passaram a traduzir muitos romances, especialmente, os franceses. O livreiro Baptiste Louis Garnier, que possuía loja no Rio de Janeiro publicou diversas traduções de livros franceses a partir de 1850, obras de Alexandre Dumas, Víctor Hugo e Julio Verne.<sup>17</sup>

A tradução, como um campo de estudo tem desenvolvido diversas pesquisas nas áreas de Letras e de História. No caso da pesquisa histórica Peter Burke e Maria Lúcia Palares-Burke desenvolveram importantes discussões acerca do tema. No entanto, há algumas décadas os estudos sobre traduções eram marginais na academia. No final dos anos 1970 é que a temática ganhou maior enfoque, dando importância ao público-alvo das traduções já que, anteriormente, pensava-se mais o tradutor e sua função.<sup>18</sup> Nesse sentido, esse trabalho pretende contribuir para os estudos da tradução cultural, buscando dar enfoque ao caso brasileiro, o qual possui poucos trabalhos a respeito.

Dessa forma, nosso estudo será organizado em três capítulos. O primeiro, intitulado *A Cabana do pai Tomás no Brasil: Um estudo sobre sua circulação*, pretende refletir sobre a circulação do livro de Harriet Beecher Stowe na segunda metade do século XIX no Brasil. Para a construção desse capítulo, realizamos um levantamento de citações e referências do romance estadunidense em veículos brasileiros. Assim, esse levantamento conta com fontes diversas, como, entre outras, cartas, críticas de peças teatrais e romances.

Ao nos debruçarmos sobre esse levantamento buscamos observar os períodos com maiores incidências de citações, grupos que citaram o livro, bem como o lugar onde essa referência se encontrava. Dessa forma, procuramos ter noção da amplitude da circulação do livro de Stowe. Ao mesmo tempo, buscamos observar de que maneira foi selecionada e apropriada, pois, assim, podemos notar os diferentes usos que foram dados para uma mesma obra.

---

<sup>17</sup>HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985. p. 244.

<sup>18</sup>BURKE, Peter e R. PO-CHIA, Hsia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ed. UNESP, p. 8 e 9.

No segundo capítulo intitulado *Pai Tomás e Tom Brasileiro: a crítica a escravidão e a tradução cultural de Nísia Floresta* analisamos a tradução cultural escrita pela autora brasileira Nísia Floresta. Nesse momento, observamos as aproximações e distanciamentos entre o texto brasileiro e o original e como Floresta se apropriou do posicionamento abolicionista da estadunidense para construir o seu próprio discurso.

O terceiro capítulo, intitulado *A Cabana do pai Tomás nas páginas de um periódico abolicionista*, também, dá enfoque a uma tradução. Trata-se da primeira tradução do romance de Stowe publicada no Brasil por um veículo brasileiro. Foi publicada por um jornal abolicionista paulista. Da mesma maneira que refletimos sobre a tradução cultural de Floresta, também, nesse capítulo, observamos as seleções do romance original. Como trata-se da tradução da obra atentamos para mudanças de termos, o que demonstra diferenças no texto, alterações em nomes de personagens e cenários.

Esse trabalho, pretende, portanto, em seus três capítulos realizar um estudo mais geral da circulação do romance estadunidense e, posteriormente, realizar dois estudos de caso mais detalhados que deverão demonstrar um intercâmbio de ideias e posicionamentos e, ao mesmo tempo, a busca de autores que tentaram legitimar seus próprios discursos, utilizando-se para isso de um livro já mundialmente famoso e respeitado.



## CAPÍTULO 01

### A CABANA DO PAI TOMÁS NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE SUA CIRCULAÇÃO

#### 1. Introdução

Nesse capítulo pretendemos lançar um olhar para os veículos e suportes que de alguma maneira fizeram uso do livro de Harriet Beecher Stowe para disseminar e legitimar ideias abolicionistas na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Sabemos que por diversas vezes *A Cabana do pai Tomás* foi apropriada e utilizada para angariar novos adeptos em favor da emancipação dos escravos em diferentes períodos e grupos.

No entanto, antes de nos debruçarmos sobre a circulação do romance consideramos importante, conhecermos o contexto vivido no Brasil no que se refere à leitura, circulação de impressos e ao próprio leitor. Sabe-se que a circulação de impressos – jornais, revistas e livros – intensificou-se após a chegada da família real ao Brasil, em 1808. Nesse período houve a abertura da imprensa régia e, com isso, publicações que anteriormente eram importadas de cidades portuguesas, passariam a ser impressas no Brasil.<sup>19</sup> Ao abrir caminhos para a produção impressa no Brasil, D.João VI, ao mesmo tempo, criou regras que deveriam mediar essa atividade. Haveria a análise de todo material a ser publicado. Dessa maneira iniciava-se um processo de censura que proibiria publicações que se opusessem a religião, ao governo e aos bons costumes.<sup>20</sup>

Com a abertura dos portos o comércio de livros ganhou maior liberdade para a chegada de impressos de outros países, pois até então o Brasil somente poderia comercializar com a metrópole. Com maior espaço para o comércio livreiro surgiram novas formas de contatos com livros, inclusive intensificou-se a presença e atividade de livreiros estrangeiros e houve a criação de gabinetes de leitura. Esses gabinetes, auxiliavam indivíduos que não possuíam poder aquisitivo a adquirir os livros.

Não podemos nos esquecer que nas primeiras décadas do século XIX houve a inauguração de diversas bibliotecas públicas ao longo do território brasileiro. Em 1811 foi oficialmente aberta a Biblioteca Pública da Bahia, em 1814 houve a abertura da Biblioteca

<sup>19</sup> ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

<sup>20</sup> SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D' O Brasil Ilustrado (1855-1856) À Revista Ilustrada (1876-1898)*. São Paulo: Paco Editorial, 2011. p.19

Pública do Rio de Janeiro e em 1825 inaugurou-se a Biblioteca Pública de São Paulo. Em grande medida a abertura da biblioteca paulista estava embuída de um projeto quase civilizador que era o de ilustrar as gentes, como aponta Marisa Midore Deaecto.<sup>21</sup>

Em meados do século XIX em diversas províncias, como é o caso de São Paulo, intensificaram-se, também, as publicações de traduções de livros estrangeiros. O contato com a leitura expandiu-se para o interior do Brasil, onde autores como Daniel Defoe, Walter Scott e outros já podiam ser encontrados traduzidos para a Língua Portuguesa.

Ainda na primeira década do século XIX o folhetim também ganhou espaço nas páginas dos jornais nacionais. Muitas obras passaram a ser traduzidas e publicadas pelos periódicos. Segundo Marlyse Meyer, entre 1839 e 1842 a publicação de romances folhetins eram praticamente diários no *Jornal do Comércio*. Nas décadas de 1840 e 1850 há uma rápida penetração do folhetim francês o que sugere um aumento de leitores que auxiliam favoravelmente nas vendas dos jornais.<sup>22</sup>

No período imperial houve um aumento da circulação de impressos; porém, os circuitos ainda eram demarcados pelas relações com os livros e impressores europeus. O sistema editorial nacional ainda não ganharia tanto espaço. Contudo, nas últimas décadas do século XIX houve um aumento significativo de tipografias em território nacional, mas boa parte dos livros continuavam sendo impressos na Europa. Sobre isso, Deaecto aponta que

As razões para isso são várias, desde a política empresarial das filiais de empresas estrangeiras instaladas na Corte, que preferiam imprimir os livros na Europa a investir na produção local, aos avanços técnicos nos setores produtivos e de transporte marítimo, que viabilizavam o custo da produção exterior, incluindo o preço do frete e as taxas de importação. Tudo isso fez com que o livro percorresse um longo caminho até chegar nas mãos do leitor nacional<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup>DEAECTO, Marisa Midore. Op. cit. p.41

<sup>22</sup>MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 292

<sup>23</sup>DEAECTO, Marisa Midore. Op. cit. p.41 e 271.

A França foi, por um período considerável, o centro da produção livreira. Após a Revolução, uma série de fatores auxiliaram o país a despontar em sua produção de impressos, como as melhorias técnicas – a inserção do prelo de ferro, o papel feito à máquina, etc – e o abrandamento dos controles fiscais do Antigo Regime. Dessa maneira, muitos profissionais do ramo editorial começaram a procurar novos mercados. Editoras e livreiros enviavam representantes para outros territórios, como Quebec, Nova York e Rio de Janeiro afim de abrir novas filiais.

O Brasil recebeu vários livreiros franceses ao longo do século XIX, um dos mais expressivos foi Baptiste Louis Garnier que chegou no Rio de Janeiro em 1844 e fundou uma filial do negócio dos irmãos<sup>24</sup>. São Paulo também recebeu profissionais do mundo editorial. Anatole Louis Garraux instalou-se em São Paulo em 1859 e em 1863 abriu a Livraria Acadêmica no Largo da Sé nº1. Ele publicava catálogos que eram distribuídos pela capital e interior buscando conquistar público para seu empreendimento.<sup>25</sup>

Devemos nos lembrar também que nas últimas décadas dos oitocentos houve o fortalecimento do movimento abolicionista brasileiro e com isso o mercado editorial também ganhou certo impulso. Diversos jornais foram fundados e muitos livros de cunho emancipacionistas surgiram para buscar adeptos à abolição. O final do século XIX presenciou a abertura e fechamento de inúmeros jornais que iniciavam e encerravam atividades devido a problemas financeiros.

A circulação de livros e impressos abolicionistas aqui no Brasil interessa particularmente a esse estudo, pois acreditamos que o trânsito de livros estrangeiros em território nacional era considerável. Em alguns momentos a própria produção literária brasileira apropriou elementos dos discursos presentes nos livros estrangeiros. Nesse ponto, concordamos com Emília Viotti da Costa quando afirma que “os livros e as ideias se exportavam. As ideias e os panfletos atravessavam as fronteiras e o exemplo estrangeiro

---

<sup>24</sup>HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985 p. 222 e 223. Segundo Hallewell, Baptiste possui três irmãos – Auguste, François-Hippolyte, Pierra (não seguiu no ramo livreiro). Auguste, François-Hippolyte e Baptiste iniciaram suas carreiras como balconistas de livrarias, mas depois conseguiram abrir seu próprio negócio. Publicavam reimpressões, obras sobre política e até dicionários.

<sup>25</sup>DEAECTO, Marisa Midore. Op. Cit. p. 291.

era frequentemente invocado para justificar alguns posicionamentos”.<sup>26</sup> Como dissemos no início, o objetivo desse capítulo é refletir sobre a circulação e apropriação do romance estadunidense *A Cabana do pai Tomás*. Portanto, buscaremos entender como o livro foi apropriado aqui no Brasil, lembrando que o mercado editorial brasileiro ainda estava se consolidando.

## 2. Um estudo da circulação d'A Cabana do pai Tomás

Passaremos agora a lançar um olhar mais detalhado para a circulação do romance de Stowe. Nesse momento realizaremos uma análise a partir de um levantamento geral realizado e que contém diversos itens que demonstram de alguma forma a circulação e a apropriação do livro estadunidense. Será possível notar publicações de diferentes gêneros, como cartas, peças teatrais, resenhas em jornais e revistas, ou mesmo livros que citaram a *Cabana*. Para apresentarmos esse levantamento, organizamos uma tabela contendo algumas informações primordiais sobre cada item. Foram criadas algumas categorias, sendo elas: título do suporte, tipo de suporte, data de publicação, local de publicação, autor (es), descrição do material e observações. Essas categorias foram criadas buscando melhor visualização e esquematização dessas referências do romance estadunidense. Dessa maneira, poderemos observar os itens de maneira cronológica, bem como notar a recorrência de citações em uma mesma província, etc.

Abaixo inserimos o levantamento realizado:

<b>Título do suporte</b>	<b>Tipo de Suporte</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Local de publicação</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Descrição das informações contidas no material</b>
<i>O opúsculo Humanitário</i>	Livro	1853	Rio de Janeiro	Nísia Floresta	Coletânea de artigos sobre a educação da mulher
<i>Páginas de uma vida obscura/ Brasil Ilustrado</i>	Folhetim	1855/56	Niterói	Nisia Floresta	Romance de cunho emancipatório que conta a história do escravo Domingos.

<sup>26</sup> COSTA, Emília Viotti. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 380.

<i>Úrsula</i>	Livro	1859	Maranhão	Maria Firmina dos Reis	Romance que conta a história de Úrsula, tendo como cenário a escravidão e como objetivo principal a sua denúncia.
<i>A Moderação</i>	Jornal	1860	Maranhão	Sem autor	Crítica ao livro <i>Úrsula</i> . A crítica cita Harriet Beecher Stowe.
<i>Ao acaso/ Diário do Rio de Janeiro</i>	Jornal	1864	Rio de Janeiro	Machado de Assis	Crítica ao drama <i>Cancros Sociais</i> de Maria Ribeiro. Nessa crítica Machado de Assis cita Harriet Beecher Stowe e seu livro.
<i>Vítimas Algozes</i>	Livro	1869		Joaquim Manuel de Macedo	Conjunto de três novelas de cunho emancipatório que citam o livro de Harriet Beecher Stowe.
<i>A escrava Isaura</i>	Livro	1875	Rio de Janeiro	Bernardo Guimarães	Romance de cunho abolicionista que conta a triste trajetória da escrava Isaura
<i>Jornal do comércio</i>	Jornal	1875	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Artigo com comparação entre <i>A escrava Isaura</i> e <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Revista Illustrada</i>	Revista	1876	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Comentário sobre a estreia da peça <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Resenha Teatral/ Revista Illustrada</i>	Revista	1876	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Resenha da peça <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Lei 28 de setembro drama em cinco actos</i>	Peça teatral	1877	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Peça teatral de cunho abolicionista que possuiria cenas muito parecidas com <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Crítica</i>	Revista	1877	Rio de	Autor	Resenha de Lei 28 de

<i>teatral/Revista Ilustrada</i>			Janeiro	desconhecido	setembro drama em cinco actos
Crítica teatral da peça <i>Mãe</i>	Desconhecido	1860	Desconhecido	Machado de Assis	Machado de Assis realiza uma crítica da peça <i>Mãe</i> e a compara com <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Crônica Theatral/Revista Ilustrada</i>	Revista	1880	Rio de Janeiro	Sem autor	Anuncia que a peça d' <i>A Cabana</i> está em cartaz no teatro Recreio
<i>Pelo teatro/Revista Ilustrada</i>	Revista	1881	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Anuncia que a peça d' <i>A Cabana</i> está em cartaz no teatro Santa Anna.
<i>Carta a Dr. Domingos Jaguaribe</i>	Carta	1882	Desconhecido	Joaquim Nabuco	Carta de Joaquim Nabuco a Domingos Jaguaribe em que discute o assunto da abolição.
<i>Sociedade Libertadora Cabana do Pai Thomaz</i>		1882	Sergipe	Francisco José Alves (fundador)	Organização em favor da causa abolicionista.
<i>Catálogo de Livros</i>	Livro	1883	São Paulo	Anatole Louis Garraux	Tradução d' <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>O escravocrata (O liberato e família Salazar)</i>	Peça teatral	1884	Desconhecido	Arthur Azevedo e Urbano Duarte	Peça teatral de cunho abolicionista que cita <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Crítica da peça A Cabana do pai Tomás/Jornal A província de Minas</i>	Jornal	1884	Ouro Preto	Autor desconhecido	Crítica da peça d' <i>A Cabana</i>
<i>Livros para ler/Revista Ilustrada</i>	Revista	1885	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Comparação entre o texto <i>Cora, a filha de Agar</i> , de Ribeiro da Silva e <i>Escrava</i>

					<i>Isaura</i> , de Bernardo Guimarães com a <i>Cabana do Pai Tomás</i>
<i>Pelos Theatros/ Revista Ilustrada</i>	Revista	1886	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Compara uma peça intitulada <i>Mãe dos escravos</i> com <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Pelos Theatros/ Revista Ilustrada</i>	Revista	1887	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Anuncia que o teatro Recreio continua apresentando a peça sobre o romance e que há bom resultado.
<i>Pelos Theatros/ Revista Ilustrada</i>	Revista	1887	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Crítica da encenação d' <i>A Cabana do pai Tomás</i> no Teatro Recreio
<i>Pelos Theatros/ Revista Ilustrada</i>	Revista	1887	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	O Teatro Recreio continua encenando <i>A Cabana do pai Tomás</i>
<i>Pelos Theatros/ Revista Ilustrada</i>	Revista	1888	Rio de Janeiro	Autor desconhecido	Crítica da estreia da peça <i>A Cabana do pai Tomás</i> no Teatro das Variedades
<i>Tradução d'A Cabana do pai Tomás/Jornal A Redempção</i>	Jornal	1887/88	São Paulo	Antônio Bento (editor)	Tradução d' <i>A Cabana</i> no jornal abolicionista paulista <i>A Redempção</i>
<i>Minha Formação</i>	Livro/Autobiografia	1895 (1ª publicação)	São Paulo	Joaquim Nabuco	Diário produzido por Joaquim Nabuco rememorando sua trajetória de vida, leituras que o influenciaram, posicionamento político e viagens.

A partir da tabela acima podemos notar uma diversidade de situações em relação à circulação do livro estadunidense. É possível perceber que foram encontradas referências do romance em diferentes regiões do Brasil. Obviamente não conseguimos reunir integralmente todas as citações e referências sobre o livro em nosso trabalho; no entanto,

esse levantamento nos auxilia a perceber que o romance teve ampla circulação, em diferentes períodos e em diferentes lugares.

A maioria das referências encontradas são oriundas do sudeste do Brasil e principalmente da província do Rio de Janeiro. Os livros *O Opúsculo Humanitário* e *Páginas de uma vida obscura* de Nísia Floresta foram publicados no Rio de Janeiro e o segundo, editado de maneira seriada pelo jornal *Brasil Ilustrado* entre os anos 1855 e 1856. Ambos os livros de Floresta citam o romance estadunidense. *O Opúsculo Humanitário* (1853) é uma coletânea de artigos que discute a emancipação feminina e *Páginas de uma vida obscura* (1855/56) como mostraremos com maior ênfase no segundo capítulo, uma tradução cultural d'*A Cabana*.

Algumas críticas, tanto relacionadas a peças ou obras que possuem tramas próximas à de *A Cabana do pai Tomás* também se fazem presentes como, uma resenha teatral publicada em 15 de julho de 1876, na *Revista Ilustrada*. O texto diz que “vale a pena ir assistir à representação da *Cabana*”<sup>27</sup>. No dia 26 de julho de 1876, na mesma revista na seção intitulada “Resenha Theatral”, a *Cabana* é citada novamente, ao dizer que a peça sobre o romance “continua a ser representada no S. Pedro (teatro) com optimos resultados para a empresa.”<sup>28</sup> Em 1880 há outra citação do livro de Stowe, a dizer que estava em cartaz no teatro Recreio o espetáculo a *Cabana do pai Thomaz* “um drama que sempre rende lágrimas e boas receitas...”<sup>29</sup> Essas críticas teatrais não possuíam assinatura tornassem possível a identificação dos autores. Portanto, só é possível saber que a revista sempre avaliou as peças sobre o romance estadunidense de forma positiva. Ao mesmo tempo a revista sempre lembrava aos leitores que a peça d'*A Cabana* ainda estaria em cartaz em algum teatro na cidade.

Em nossa contagem – que, certamente, não daria conta de organizar integralmente todas as referências sobre o romance aqui no Brasil, mas que mostra dados significativos sobre a produção do livro – observamos cerca de sete encenações sobre o livro estadunidense entre os anos 1876 e 1888, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup>Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, N° 27, 15 de julho de 1876

<sup>28</sup>Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, N° 29, 29 de julho de 1876

<sup>29</sup>Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, N° 220, 1880.

<sup>30</sup>Infelizmente não foi possível encontrar o roteiro dessas peças, todas as referências que possuímos a respeito disso foram retiradas de críticas teatrais e notas publicadas nos periódicos, como a *Revista Ilustrada*.



Foram encontradas onze citações sobre o livro de Stowe na *Revista Illustrada* entre os anos 1876 e 1888. Sabe-se que essa revista iniciou suas atividades em 1876 e seu fundador era o italiano Ângelo Agostini. Ao longo de sua existência a revista foi impressa por diversas tipografias e possuía cerca de sete ou oito páginas por edição. Algumas de suas páginas eram compostas por textos (poemas, críticas teatrais, etc) e outras apresentavam gravuras e caricaturas.<sup>31</sup> Essas imagens que compunham o jornal tinham como objetivo, em muitas ocasiões, criticar as autoridades e ao mesmo tempo satirizá-las.

Também observamos peças que possivelmente foram influenciadas pela trama de Stowe, mas que se apropriaram de elementos do livro original em suas tramas sem se referirem diretamente ao romance e/ou citarem-no. Nesse sentido, apontamos as seguintes peças: *Lei 28 de setembro drama em cinco actos* (autor desconhecido), *Mãe* (José de Alencar) e *O escravocrata* (Arthur Azevedo e Urbano Duarte). As três peças foram consideradas pela crítica como próximas do romance estadunidense.

A primeira não foi muito bem avaliada pela *Revista Illustrada*, mas mesmo assim o autor da crítica (que é desconhecido) admite que algumas cenas são semelhantes à d'A *Cabana*, como observamos abaixo

...inaugurou ante-ontem o Theatro D. Izabel as suas representações. E começou com *Lei 28 de setembro drama em cinco actos* ou a *Liberdade do ventre laxante em cinco doses*. É uma peça de situações complicadas intrincando-se cada vez mais desde a senzala até a apothese do Sr. Visconde do Rio Branco cuja a caricatura serve de epílogo. Tem cenas de muito realismo, algumas que fazem mesmo lembrar A Cabana do pae Thomaz.<sup>32</sup>

A peça de José de Alencar intitulada *Mãe*, de 1859, faz referência ao romance de Stowe, batizando os protagonistas de Jorge e Elisa, que segundo Hélio S. Guimarães seria uma homenagem aos jovens escravos fugitivos da *Cabana do pai Tomás*, esses escravos fugitivos d'A Cabana tinham os mesmos nomes que Alencar usou para batizar os seus

---

<sup>31</sup>SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Op. cit.

<sup>32</sup>Revista Illustrada. Rio de Janeiro. Ano II N° 86. 13 de outubro de 1877. p. 3.

protagonistas: George e Elisa.<sup>33</sup> Machado de Assis escreveu uma crítica sobre a peça de Alencar e parece elogiá-la, afirmando que

Esse drama, essencialmente nosso, podia, se outro fosse o entusiasmo de nossa terra, ter a mesma nomeada que o romance de Harriet Stowe — fundado no mesmo teatro da escravidão. Os tipos acham-se ali bem definidos, e a ligação das frases não pode ser mais completa.<sup>34</sup>

*O escravocrata* de Arthur Azevedo e Urbano Duarte peça datada de 1884 cita o título do livro de Stowe como sendo o nome de um clube abolicionista. Na trama a organização chama-se Clube Abolicionista Pai Tomás e alguns personagens são membros desse clube. A peça, obviamente, possui tendências abolicionistas e conta a história de um escravo que mantém uma relação amorosa com uma mulher branca. Não sabemos exatamente qual foi a repercussão da encenação, mas os autores em um prólogo o texto da peça afirmam que

*O Escravocrata*, escrito há dois anos e submetido à aprovação do Conservatório Dramático Brasileiro sob o título *A família Salazar*, não mereceu o indispensável *placet*. Embora não trouxesse o manuscrito nota alguma com declaração dos motivos que ponderaram no ânimo dos ilustres censores, para induzi-los à condenação do nosso trabalho, somos levados a crer que essa mudez significa - ofensa à moral, visto como só nesse terreno legisla e prepondera a opinião literária daquela instituição.

---

<sup>33</sup>GUIMARÃES, Hélio de Seixas. “Pai Tomás no romantismo brasileiro” in: Teresa revista de Literatura Brasileira . São Paulo, 2013. p;425.

<sup>34</sup>*Crítica Teatral*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. Publicado originalmente de 29/03/1860 a 1879.

Resolvemos então publicá-lo, a fim de que o público julgue e pronuncie.

Sabemos de antemão quais os dois pontos em que a crítica poderá atacá-lo: imoralidade e inverossimilhança.<sup>35</sup>

Os dados sobre a peça são escassos e não temos conhecimento do lugar de sua publicação e nem encontramos alguma resenha sobre a peça ou o parecer do Conservatório Dramático Brasileiro para compreender melhor os motivos pelos quais a encenação teria sido vista com maus olhos. Porém, o que nos interessa aqui nesse estudo é a referência realizada ao romance de Harriet Beecher que coopera em mostrar-nos mais uma vez a circulação que o livro teve ao longo da segunda metade do século XIX. A referência feita à *Cabana* pode ter sido utilizada para reafirmar o argumento abolicionista da trama brasileira já que uma organização abolicionista, na peça, teria sido inspirada no próprio título do romance estadunidense.

Ao observar as províncias que compõem a região sudeste do Brasil observamos algumas referências de São Paulo e de Minas Gerais. Há duas referências paulistas, uma delas faz parte do catálogo da livraria do livreiro francês Anatole L. Garraux. O livreiro possuía uma loja no Largo da Sé, em São Paulo. Como aponta Laurence Hallewell, em 1883 Garraux “lançou” um novo catálogo, encadernado de vermelho, que continha uma relação de diversos livros, originalmente publicados em Língua Inglesa, mas que ganharam tradução em Língua Portuguesa. O que interessa nesse catálogo é a indicação a uma versão traduzida para o Português, da obra de Harriet Beecher Stowe. Essa publicação teria sido a versão traduzida pelo português Francisco Ladislau Álvares de Andrade. Essa tradução apareceu primeiramente em Paris, em 1853, apenas um ano após o lançamento da obra nos Estados Unidos, no jornal *National Era*.<sup>36</sup> Segundo Diana Cooper-Richet, há escassos dados biográficos sobre o tradutor da obra de Stowe, mas o que se sabe dele é que se mostrou bastante ativo em trabalhos de traduções do Inglês e o Francês para o Português.

---

<sup>35</sup>AZEVEDO, Arthur e DUARTE, Urbano. *O escravocrata*. 1884. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/arturazevedo/oescravocata.htm>

<sup>36</sup>HALLEWELL, Laurence. *Op. cit.* p.229 e 230.

Além de tradutor também foi autor de alguns livros identificados por Cooper-Richet, como *História de José de Faro ou o mercador ambulante* (1832).<sup>37</sup>

A outra citação da obra de Stowe que encontramos em São Paulo está presente no jornal *A Redenção* de 1887 e 1888. Esse jornal foi fundado pelo abolicionista Antônio Bento e tinha como objetivo organizar e efetivar as ações do grupo de abolicionistas intitulado *Os caifazes*. Curiosamente, ao longo da trajetória desse jornal encontramos a tradução d'*A Cabana do pai Tomás* que, possivelmente, foi a primeira tradução do livro publicada em um veículo brasileiro, pois, como foi afirmado, anteriormente, já existia uma tradução para a Língua Portuguesa, que datava de 1853, feita em Portugal por Francisco Ladislau. A tradução publicada pelo *A Redenção* aparece em formato de folhetim da primeira edição em janeiro de 1887 e se estende até a última em maio de 1888. Essa tradução será tema do último capítulo desse estudo.

No caso mineiro encontramos duas citações no mesmo veículo. O jornal *A província de Minas*, de Ouro Preto, publicou duas notas referentes à peça baseada no romance estadunidense. A primeira citação se dá em 15 de maio de 1884 e diz que em breve haveria a chegada de uma companhia sob a direção de um artista chamado Couto Rocha e que *A Cabana do pai Tomás* é um dos espetáculos apresentados pela companhia. A segunda citação se encontra na edição de 31 de julho de 1884 na seção intitulada “Gazetilha” e sub intitulada “Theatro Ouro pretano”. A peça sobre o livro estadunidense é anunciada como um evento que iria acontecer no mesmo dia. Porém não encontramos crítica ou resenha sobre o espetáculo o que não nos permite ter conhecimento de qual foi a recepção da encenação.

As referências das províncias do sudeste do Brasil encontram-se todas nas últimas décadas do século XIX. Nesse momento, o Brasil já vivenciava maior movimentação abolicionista, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Também é possível observar, na tabela, que há alguns livros que embora não necessariamente tragam *A Cabana* citada têm partes de suas tramas que provavelmente foram inspiradas no romance de Stowe. É o caso dos romances *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães. Nesses casos a apropriação do livro estadunidense se deu de forma indireta. Ao estudarmos a circulação d'*A Cabana* percebemos os diferentes usos que foram feitos do romance. A utilização de elementos de

<sup>37</sup>COOPER-RICHET, Diana. “Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?” in: *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 25, nº 42, julho/dezembro, 2009. p. 553 e 554.

uma obra em outra pode fazer parte de uma estratégia de sensibilizar o leitor, conseguir adeptos para a causa defendida, ao mesmo tempo em que se recontextualizaria elementos estrangeiros em uma outra sociedade buscando a aproximação de um discurso, por exemplo, com um público-alvo específico que nesse caso seria o público leitor brasileiro da segunda metade do século XIX. Inclusive, não se pode esquecer que são públicos diferentes e que cada província, cada grupo, recepcionaria aquela trama de uma forma.

Maria Firmina dos Reis nasceu em 1825, em São Luís, capital da província do Maranhão. Era filha bastarda e descendente de escravos. Ao longo de sua trajetória foi professora, sendo aprovada em um concurso estadual em 1847 para o cargo de mestra régia. Antes de se aposentar abriu a primeira escola mista (para meninos e meninas) da província do Maranhão. Firmina foi colaboradora de diversos jornais em sua província ao publicar poesias, livros, diários de viagem, canções populares e charadas e enigmas. A autora faleceu em 1917 aos 92 anos, cega e empobrecida.<sup>38</sup>

O romance *Úrsula* foi publicado em 1859 e sua autoria era desconhecida, pois Firmina apenas assinara o romance como “uma maranhense”. Assim como em *A Cabana do pai Tomás* a trama brasileira não possui um final considerado feliz. A protagonista, Úrsula, possui uma trajetória de bastante sofrimento junto a sua mãe, Luíza, causada pelo seu tio Fernando, que as atormenta. Ao longo da trama a moça apaixonou-se por um forasteiro que ao cair de um cavalo se machuca perto da fazenda onde ela morava. O forasteiro chamado Tancredo é resgatado pelo escravo Túlio e Úrsula passa a cuidar do rapaz. É nesse momento que ambos se apaixonam. Seu tio Fernando não aceita e não permite que os jovens se relacionem, pois ao que parece ele desejava desposar a sobrinha. O homem assassina o escravo Túlio – que ao longo da história tenta ajudar o casal a permanecer junto – e Tancredo. O desfecho da protagonista também é infeliz, pois ela

---

<sup>38</sup>Segundo Algemira de Macedo Mendes, Maria Firmina colaborou com o jornal *A Imprensa*, publicando, em 1860, poesias, assinando com as iniciais M.F.R.. Em 1861, começa a publicar *Gupeva* no jornal *Jardim das Maranhenses*. Em 1863 e 1865, republica *Gupeva*, respectivamente, nos jornais *Porto Livre* e *Eco da Juventude*. Publicador Maranhense (1861). Colaborou também com os seguintes jornais: *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense* (1867), *O Domingo* (1872), *O País* (1885), *Revista Maranhense* (1887), *Diário do Maranhão* (1889), *Pacotilha* (1900), *Federalista* (1903). Escreveu no *Almanaque de Lembranças Brasileiras* (1863,1868) um artigo de título “*Minhas impressões de viagem*” (1872), um diário intitulado *Álbum* (1865), várias charadas e enigmas. MENDES, Algemira de Macedo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. Tese de doutorado, PUC-RS. Rio Grande do Sul, 2006. p. 20. e MENDES, Algemira de Macedo. “*O discurso antiescravagista em Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis” in: *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*. Brasília: UNB, v. 20, n. 31, 2011. p. 77.

enlouquece após a morte de seu amado. O vilão, Fernando, também falece marcado por muitos remorsos.<sup>39</sup>

À primeira vista o romance pode não despertar nenhuma semelhança com o livro estadunidense, mas sabemos que o escravo Túlio possui características bastante parecidas com o protagonista do livro estadunidense, pai Tomás. Segundo Algemira M. Mendes o escravo

Túlio é vítima, não algoz. Sua revolta se faz em silêncio, pois não tem meios para confrontar o poder dos senhores. Não os sabotava nem os roubava, como os escravos presentes em *Vítimas-algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo (1869). Seu comportamento pauta-se pelos valores cristãos...<sup>40</sup>

Pai Tomás também possui o mesmo comportamento. O velho escravo é sempre fiel e em momento algum pensa em rebelar-se contra seus senhores, ainda que seja maltratado por eles, como ocorre quando está em poder de seu terceiro senhor, Legree, onde sofrendo muito e acabando por morrer por causa de maus tratos. Pode-se pensar que Maria Firmina dos Reis utilizou-se da mesma estratégia que Harriet B. Stowe ao representar o escravo Túlio. Ao construí-lo como um sujeito bondoso, fiel e com aspectos cristãos a autora buscava aproximar o leitor de sua proposta que, assim como o caso estadunidense, era a defesa da emancipação escrava. Os protagonistas do romance *Úrsula* são brancos, mas seus personagens negros ganham grande importância ao desempenharem a denúncia contra a escravidão.<sup>41</sup> Da mesma forma que pai Tomás, Túlio também morre pelas mãos do próprio senhor que o assassina.

A denúncia sobre a escravidão na obra brasileira também pode ser vista por meio da personagem Susana, que também é uma escrava. Em sua trajetória ela cita como era sua vida antes de ser trazida do continente africano, ao mesmo tempo, em que o leitor pode conhecer a condição escrava. Segundo Algemira M. Macedo

---

<sup>39</sup>TELLES, Norma. “Rebeldes, escritoras, abolicionistas” in: *R. História*, São Paulo, 120, jan/jul, 1989. p. 76 e 77.

<sup>40</sup>MENDES, Algemira de Macedo. Op. cit. (2011) p. 80.

<sup>41</sup>Idem, *ibidem*.

A negra Susana é a imagem do africano que, tirado à força, de forma brutal e bestial, de sua terra natal, foi animalizado e classificado como objeto, coisa, mão-de-obra forçada e gratuita para senhores inescrupulosos. É ela quem explica ao jovem Túlio, escravo alforriado pelo branco Tancredo, o sentido da verdadeira liberdade. Ao dedicar o capítulo a uma negra africana, Maria Firmina dos Reis inova, porque, até onde se sabe, na literatura, o negro não era concebido como ser humano. É por intermédio das reminiscências da personagem preta Susana que a escritora faz a tentativa de avisar ao despreocupado leitor de século XIX quão brutal e desumana é a forma pela qual o homem livre é transformado em cativo. São descritas cenas marcantes de sua captura, a separação dos familiares e da terra natal, a tormentosa viagem e o processo de degradação dos seres humanos, tratados como animais ferozes.<sup>42</sup>

Assim, podemos notar que Firmina também tentou de muitas maneiras aproximar o leitor de sua causa. Alguns periódicos chegaram a citar seu nome e o da autora estadunidense sugerindo certa semelhança entre as duas.

Obra nova – com o título *Úrsula* publicou a Sra. Maria Firmina dos Reis um romance nitidamente impresso que se acha à venda na tipografia Progresso.

Úrsula – Acha-se à venda na tipografia Progresso este romance original brasileiro, produção da exma. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães. Saudamos a nossa provinciana pelo seu ensaio que revela de sua parte bastante ilustração: e, com mais vagar emitiremos a nossa opinião que, desde já afiançamos não será desfavorável à nossa distinta comproviana. Raro é ver o belo sexo entregar-se a trabalhos do espírito e deixando os prazeres fáceis do salão propor-se aos afãs das lides literárias. Quando, porém, esse ente, que forma o encanto da nossa peregrinação na vida, se dedica às contemplações do espírito, surge uma Roland, uma

---

<sup>42</sup>Idem, *ibidem*. p. 83.

Stael, uma Sand, uma H. Stowe, que vale cada delas mais do que bons escritores; porque reúnem à graça do estilo, vivas e animadas imagens, e esse sentimento delicado que só o sexo amável sabe exprimir.<sup>43</sup>

Como se pode perceber pela citação acima, o jornal *A Moderação* que publicou a crítica sobre sua obra, teve um posicionamento bastante favorável em relação ao livro de Firmina sugere aproximação entre a maranhense e outras autoras consagradas do momento, entre elas, Stowe. Logo, as proximidades entre as duas obras, especialmente entre o personagem Túlio e pai Tomás, podem não ter sido ao acaso.

Stowe realiza um manifesto em favor da abolição no final de seu livro. Pode-se dizer que a autora brasileira também realizou seu manifesto, mas ao invés de criar um capítulo separado para esse objetivo intercalou-o na própria trajetória de uma personagem. Devemos considerar também o período de publicação de *Úrsula*. O romance foi publicado em 1859. Como sabemos o movimento abolicionista brasileiro só ganhou força nas últimas décadas do século XIX. Por isso, um livro de denúncia como o de Firmina ainda não era comum, mas podemos perceber que os livros de Nísia Floresta também foram publicados na mesma década que o da autora maranhense. Ambas as autoras já estavam se inserindo no debate contra a escravidão e de alguma forma se posicionando em favor da abolição. Além disso, não podemos esquecer que Firmina era descendente de escravos e seu livro foi o primeiro a ser escrito e publicado por uma mulher negra no Brasil. Pode-se pensar que sua condição racial tenha sido um fato importante para a escrita de seu livro que tinha como objetivo denunciar a escravidão.

É necessário lembrar, também, que as províncias do nordeste do Brasil tiveram posicionamento contra a escravidão representativo. Segundo Celso Castilho, no nordeste e em outras regiões, o discurso sobre a emancipação era público antes mesmo da Lei do Ventre Livre de 1871. Muitas províncias como Pernambuco, Piauí, Ceará, São Paulo, Amazonas, Santa Catarina, Espírito Santo e Minas Gerais tiveram fundos para a emancipação criados pela Assembleias Legislativas até 1870.<sup>44</sup> Isso nos mostra que mesmo

---

<sup>43</sup>Citado por Algemira M. Macedo: *A Moderação*, 11 ago. 1860. Apud MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina dos Reis – fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

<sup>44</sup>CASTILHO, Celso Thomas. “Propõe-se a Qualquer Consignação, Menos de Escravos’: o problema da emancipação no Recife, ca. 1870,” in: MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo e CASTILHO, Celso Thomas. (Orgs.) *Tornando-se Livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição*. São Paulo: EDUSP, 2015. p. 277 e 278.



que o movimento abolicionista brasileiro tenha ganho maior fôlego nas últimas décadas dos oitocentos já havia certa movimentação em décadas anteriores. A tabela aqui estudada também nos apresenta dados sobre isso, como podemos perceber por meio das publicações de Nisia Floresta e Maria Firmina. As duas autoras também eram naturais de províncias nordestinas. A primeira viajou por muitos lugares mas nasceu no Rio Grande do Norte e a segunda, no Maranhão.

Ao mesmo tempo podemos dizer que *A Cabana do pai Tomás* teve certa circulação nas províncias nordestinas. No levantamento realizado listamos três menções - diretas ou indiretas – à obra estadunidense e de sua autora em veículos nordestinos. São eles: *Úrsula* (1859), a crítica do romance *Úrsula* datada de 1860 publicada no jornal *A Moderação* e a fundação da *Sociedade Libertadora a Cabana do pai Thomaz* em 1882.

A *Sociedade Libertadora a Cabana do pai Thomaz* foi fundada em 1882 no Sergipe pelo abolicionista Francisco José Alves. O fundador da *Sociedade* foi jornalista e editor dos jornais *O Descrido* (1881-1882) e *O Libertador* (1882-1884). Nesses periódicos defendia as ideias abolicionistas bem como denunciava atrocidades cometidas contra os escravos. A *Sociedade* era seguida por diferentes pessoas, incluindo até mesmo senhores de engenho que eram favoráveis à abolição. Os membros se reuniam uma vez ao mês e nessas reuniões entregavam cartas de alforrias. Além disso, também realizavam eventos com o objetivo de angariar dinheiro para comprar alforria de escravos.

O próprio Francisco J. Alves se auto intitulava Pai Thomaz. Podemos perceber tal referência por meio da seguinte citação do jornal *O Sergipe*

É muita ousadia da minha parte dirigir-vos a palavra nesse momento solene – eu um quase analfabeto que tive a infelicidade de não cultivar as letras o que poderei dizer perante uma plêiade de jovens tão estudiosos e de homens tão provecos da dialéctica. Nada que vos possa agradar estou certo: Mas srs. É tal a grandeza da causa que defendo a da liberdade do homem escravizado por outro homem, que ella me empresta forças para dizer-vos o fim a que vos

convidei para vos reunir nesta cabana do pobre velho  
Pai Thomaz<sup>45</sup>

Além disso, o abolicionista fundou uma escola, em outubro de 1882, para crianças que fossem filhos de negros libertos. A escola funcionava em sua própria casa e os alunos em geral moravam nas proximidades. Segundo Meirevandra S. Figueirôa um mês após a criação da escola, o jornal *O Sergipe* publicou um anúncio divulgando a “abertura de uma aula de primeira lettras onde serão admittidos os ingênuos filhos dos escravos que se libertarem”. A escola era mista, não possuía uniformes obrigatórios, não havia um calendário escolar fixo e nem férias. Duas professoras eram encarregadas da instrução das crianças, - Uma delas era a filha de Francisco J. Alves que se chamava Maria dos Prazeres Siqueira Alves e a outra professora chamada-se Etelvina Amália de Siqueira e era sobrinha do abolicionista.<sup>46</sup>

A *Sociedade Libertadora a Cabana do pai Thomaz* também apoiou a encenação da peça baseada no livro de Stowe. Para os membros da *Sociedade* a peça teatral serviria como um meio quase didático de mostrar à população os maus tratos sofridos pelos cativos.<sup>47</sup>

Nos casos nordestinos encontramos menos referências que em relação ao Rio de Janeiro, mas é possível observar a circulação do livro de Stowe. Também podemos lembrar nesse ponto da autobiografia de Joaquim Nabuco intitulada *Minha Formação*. Segundo o prefácio escrito pelo próprio autor em sua autobiografia, em 1900, a publicação desse livro se deu, primeiramente, no Comércio de São Paulo, em 1895. No entanto, Nabuco era natural de Recife.

Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho, a autobiografia de Nabuco obteve sucesso um pouco menor que seus livros anteriores, especialmente *Um estadista do império*, no qual ele teria maior rigor na pesquisa histórica.<sup>48</sup> Tal livro conta a trajetória de

---

<sup>45</sup>Jornal *O Sergipe*, Aracaju. Nº 120, Anno II. 17 de novembro de 1882. p. 1. Citado por: FIGUEIRÔA. Meirevandra Soares. “Matéria Livre... Espírito Livre Para Pensar”: Um Estudo das Práticas Abolicionistas Em prol da Instrução de Escravos Ingênuos na Província Sergipana (1881-1884). 176 Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Sergipe(UFS)São Cristovão, 2007. p. 65

<sup>46</sup>FIGUEIRÔA. Meirevandra Soares. Op cit. p. 66 e 67.

<sup>47</sup>FIGUEIRÔA. Meirevandra Soares. Op. cit. p. 76, 77 e 78.

<sup>48</sup>CARVALHO, Maria Alice Rezende de. “Minha formação” in: MOTA, Lourenço Dantas (org.).

seu pai José Thomaz Nabuco de Araújo (1813-1878), e em sua elaboração Joaquim Nabuco teria utilizado muitos documentos guardados pelo pai e que faziam referência à vida política do mesmo. Talvez pela quantidade de material envolvido na escrita deste livro é que Maria A. R. de Carvalho tenha apontado para o rigor da pesquisa e é possível que por isso tenha feito mais sucesso que sua autobiografia.

Joaquim Nabuco nasceu em Recife em 1849. Filho de político do Império era, portanto, membro da elite brasileira do período. Quando seu pai foi eleito deputado e mudou-se para o Rio de Janeiro, ainda jovem foi morar com sua madrinha que era proprietária de um engenho, de nome Massangana. Assim o autor teve contato com escravos, contato que envolvia desde brincadeiras com as crianças negras até assistir aos castigos impostos àqueles desobedeciam ao senhor.<sup>49</sup> É curioso que em sua autobiografia o capítulo destinado a detalhar suas experiências de vida na propriedade de sua madrinha seja o de número vinte intitulado Massangana, já ao final do livro, possui, ao todo, vinte e seis capítulos. Nesse ponto, o autor inseriu uma nota de rodapé ao título dizendo que

A razão que me fez não começar pelos anos da infância foi que estas páginas tiveram, ao serem primeiro publicadas, feição política que foram gradualmente perdendo, porque já ao escrevê-las diminuía para mim o interesse, a sedução política. A primeira idéia fora contar minha formação monárquica; depois, alargando o assunto, minha formação político-literária ou literário-política; por último, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana, de modo que o livro confinasse com outro, que eu havia escrito antes sobre minha reversão religiosa. É deste livro, de caráter mais íntimo, composto em francês há sete anos, que traduzo este capítulo para explicar a referência feita às minhas primeiras relações com os escravos.<sup>50</sup>

Podemos pensar que no ato da compilação da sua autobiografia para livro o autor tenha interferido em sua composição, demonstrando de que maneira esta deveria ser feita, agindo mais ou menos como um editor de sua própria autobiografia. Assim, o livro teria partes específicas para cada aspecto de sua vida que poderia auxiliar o leitor a melhor compreendê-la, ou que melhor representaria Nabuco da forma que ele preferisse. Sobre essa tentativa de selecionar os conteúdos a serem inseridos ao longo do livro podemos

---

*Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico*, 2. São Paulo: Editora SENAC, 2002. p.226. p. 222.

<sup>49</sup> COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.101.

<sup>50</sup>NABUCO, Joaquim. *Op.cit.*p. 179

lembrar os apontamentos de Pierre Bourdieu, sobre textos biográficos. Segundo o autor, o relato autobiográfico se baseia sempre na tentativa de dar sentido, tornar coerente e criar relações inteligíveis aos eventos relatados.<sup>51</sup> Em textos biográficos ou autobiográficos também é possível notar a tentativa do biografado em transmitir propositalmente certa imagem de si.

Como já apontamos, as lembranças sobre a infância de Nabuco não se encontram no início do livro. Os primeiros capítulos dessa autobiografia são dedicados a mostrar para o leitor seu posicionamento político e como este se formou. Sabe-se que Nabuco foi um forte defensor da monarquia ao longo de sua vida. Por várias vezes ele assume tal posicionamento em sua autobiografia, portanto, são evocadas leituras e autores que se tornaram referências para essa defesa. Segundo o autor, a causa republicana também o seduziu em certos momentos e suas ideias flutuavam entre a monarquia e a república. Porém ao ler o escritor inglês Walter Bagehot<sup>52</sup> deixou-se seduzir totalmente pela causa monarquista. Em suas palavras,

O que me decidiu foi a *Constituição Inglesa* de Bagehot. Devo a esse pequeno volume que hoje não será talvez lido por ninguém em nosso país, a minha fixação monárquica inalterável; tirei dele, transformando-a a meu modo, a ferramenta toda com que trabalhei em política...<sup>53</sup>

Bagehot é o título do segundo capítulo de *Minha formação*, confirmando o legado deixado pelo escritor inglês para o posicionamento político de Nabuco. O autor aponta que um dos aprendizados que obteve com a leitura da *Constituição Inglesa* foi a ideia de governo de gabinete, que seria a alma da Constituição Inglesa. Segundo Nabuco

Sua idéia [de Bagehot] é que os dois poderes, o Executivo e o Legislativo, se unem por um laço que é o gabinete e que, de fato, assim só há um poder, que é a Câmara dos Comuns, de que o gabinete é a principal comissão. “O sistema inglês, diz ele, não consiste na absorção do Poder Executivo pelo

---

<sup>51</sup>BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” in: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.184.

<sup>52</sup>Walter Bagehot (1826-1877) foi um autor inglês conhecido por suas obras sobre o governo da Inglaterra. Entre outros, escreveu *The English Constitution* (1867) que discutia a Constituição do Reino Unido.

<sup>53</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit p.21 e 22.

Legislativo; consiste na fusão deles.” O rival desse sistema é o que ele chamou sistema presidencial.<sup>54</sup>

Maria A. R. de Carvalho afirma que a fonte de inspiração para Nabuco, Bagehot, teria sido influenciado pelas ideias de Montesquieu, ao pensar em um equilíbrio de forças entre cada estamento (de acordo com a linguagem de Montesquieu), que o poder monárquico não feriria. Esse equilíbrio originaria a ordem e a prosperidade.<sup>55</sup> Nabuco passa a comparar o sistema governamental estadunidense e o inglês e chega a algumas conclusões que diz terem sido absorvidas do pensamento do escritor inglês. Segundo ele:

uma monarquia secular, de origens feudais, cercada de tradições e formas aristocráticas, como é a inglesa, podia ser um governo mais direta e imediatamente do povo do que a república. “Uma vez que o povo americano escolheu o seu presidente, ele não pode mais nada, e o mesmo se dá com o colégio eleitoral que lhe serviu de intermediário.” A Câmara dos Comuns, essa, porém, faz e desfaz o gabinete, de modo que o governo está sempre nas mãos da representação nacional. Se se dá um desacordo entre eles, em que o ministério supunha ter de seu lado a opinião, dissolve a Câmara, e, dentro de dias, a nação se pronuncia. Comparados os dois governos, o norte-americano ficou-me parecendo um relógio que marca as horas da opinião, o inglês, um relógio que marca até os segundos.<sup>56</sup>

É possível notar que Nabuco considerava que as transformações que poderiam ocorrer na sociedade teriam maior sucesso caso respeitassem as estruturas e a ordem já pré determinadas. Nesse caso, um respeito às tradições e aos costumes seriam fundamentais para que o povo fosse melhor representado, ao contrário, do que ocorreria na República. Segundo ele, para o inglês a liberdade está intimamente ligada à ordem que nas palavras de Nabuco seria a verdadeira “arquitetura social”.<sup>57</sup> Dessa forma, o autor afirma a importância da monarquia e esclarece o por que ela deveria existir no Brasil.

No texto autobiográfico, o autor afirma que em 1873 assumiu totalmente a defesa da monarquia. Foi nesse mesmo ano que fez sua primeira viagem à Europa.<sup>58</sup> Em meio a essas viagens conheceu a Inglaterra, lugar de sua admiração devido à monarquia

---

<sup>54</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit. p. 27.

<sup>55</sup>CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Op. cit. p.226.

<sup>56</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit. p. 33.

<sup>57</sup>Idem, *ibidem*. p.117.

<sup>58</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit. p. 46 e 47.

constitucional. No entanto, não foi nesse período que Nabuco estreitou relações com os abolicionistas britânicos, como será visto adiante. No momento de sua primeira viagem, segundo Emilia Viotti da Costa, Nabuco era um jovem boêmio e de vida social bastante ativa que foi para a Europa após o pai fornecer-lhe recursos. A autora aponta que Nabuco, nesse período

Passou tempo entre os namoricos e visitas a famosos franceses (...) Suas relações com a Embaixada Brasileira em Paris facilitaram-lhe o contato com políticos franceses de renome. Visitou a Itália, a Suíça, a Inglaterra como despreocupado turista, frequentando altas rodas, escrevendo e recitando poesias inconsequentes, redigidas em francês.<sup>59</sup>

Nesse ponto de sua vida, Nabuco não era ainda engajado nas causas abolicionistas e nem possuía produção que abarcasse tais temas, porém segundo o autor Londres foi fundamental para a solidificação política de sua vida. Quando estava na Europa, especialmente, na França distribuía exemplares de um livro de poesias que ele havia escrito intitulado *Amour et Dieu* que foi recebido com cartas amáveis pelos intelectuais franceses, mas não encorajadoras.<sup>60</sup> Em sua autobiografia, não cita esses episódios de falhas, mas reafirma a importância europeia, de sua cultura, arte e literatura e aponta com firmeza que os laços entre a América e a Europa não podiam ser esquecidos, pois essas duas partes estavam ligadas por terem as mesmas raízes devido à colonização.<sup>61</sup> Podemos pensar que Nabuco de alguma forma projetava uma identidade nacional brasileira que era muito próxima à do europeu, ou seja, do homem branco, mas que nada tinha em comum com o indígena e o negro. A questão da civilização é bastante clara quando ele admira todo o progresso do continente europeu e percebe a ausência de todos esses elementos no Brasil, ainda que ao estar na Europa sintasse nostálgico à sua pátria

A instabilidade a que me refiro, provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado a nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia. As

---

<sup>59</sup>COSTA, Emília Viotti da. Op. cit. p. 103.

<sup>60</sup>Idem, *ibidem*. p.104.

<sup>61</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit. p. 49.

paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Ápia, uma volta da estrada de Salermo a Amalfi, um pedaço do Cais do Sena à sombra do velho Louvre.<sup>62</sup>

O trecho anterior deixa bastante explícito a defesa de Nabuco em relação ao fundamento europeu da civilização brasileira.<sup>63</sup> Para ele seria impossível obter uma identidade totalmente autêntica, mas ao afirmar isso não recorre à mestiçagem da população, mas afirma as relações identitárias com o europeu.

Sobre seu posicionamento abolicionista, sabe-se que quando foi eleito deputado pelo Partido Liberal em 1878, já demonstrava apoio à causa emancipatória. Quando ainda estava em campanha discursou no Teatro Santa Isabel e colocou-se favorável da abolição, alegando que a grande questão para a democracia brasileira era a escravidão, como aponta Viotti.<sup>64</sup> No entanto, antes disso, em 1875, iniciou uma série de debates que geraram polêmica com o autor José de Alencar que era deputado. Nesses embates, Nabuco criticou severamente Alencar por ser conivente com a escravidão, já que este a considerava como um fato social necessário.<sup>65</sup>

É importante lembrar que nesse período a Lei do Ventre Livre já havia sido aprovada e que isso fragilizou mais o sistema escravista. A partir de então a escravidão passou a ser mais comumente denunciada. José de Alencar foi contrário à aprovação desta lei na Câmara dos Deputados. Segundo Roberto Ventura, Alencar teria alegado que esta lei infringia o direito de posse, compra e que o Estado não poderia intervir no círculo familiar e na autoridade do patriarca.<sup>66</sup> Por essa razão, Nabuco foi um forte crítico do posicionamento de Alencar e estendeu suas críticas à produção literária dele, afirmando que seus romances indianistas e seus personagens negros eram imitações de produções estrangeiras. Mais uma vez é necessário lembrar que a produção cultural defendida por Nabuco é aquela relacionada aos saberes europeus, o que justifica o incômodo que tinha

---

<sup>62</sup>Idem, *ibidem*. p. 49

<sup>63</sup>CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Op. cit. p. 229.

<sup>64</sup>COSTA, Emilia Viotti da. Op. cit. p. 104.

<sup>65</sup>Tal alegação pode ser encontrada em sua obra *Cartas de Erasmo de 1865* citado por VENTURA, Roberto. “Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república” in: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 335.

<sup>66</sup>Idem, *ibidem*. p. 335.

em relação às obras de José de Alencar. Em *Minha formação*, Nabuco não retoma essa polêmica, mas recorda-se de talvez tenha sido injusto com o oponente. Segundo ele,

fui colaborador literário do Globo e travei com José de Alencar uma polêmica, em que receio ter tratado com a presunção e a injustiça da mocidade o grande escritor – (digo receio, porque não tornei a ler aqueles folhetins e não me recordo até onde foi a minha crítica, se ela ofendeu o que há profundo, nacional, em Alencar: o seu brasileirismo);<sup>67</sup>

Uma das questões centrais desse debate era a escravidão e a abolição defendida por Nabuco. Porém em seu livro autobiográfico quando recupera tais lembranças, limita-se a parecer arrependido, mostrando que por ser jovem naquela época teria sido mais severo do que o necessário. Nesse momento seu posicionamento em relação ao abolicionismo não fica completamente claro. Porém, como aponta Maria A. R. de Carvalho em *Minha formação* o abolicionismo é um tema que tem diferente tratamento em relação a outros textos, como é o caso do livro *O abolicionismo* publicado em 1883. Neste último a temática é tratada com maior vigor já que se trata de um livro para ganhar adeptos à causa. Já em seu relato autobiográfico, Nabuco recorre a memórias particulares que teriam sido responsáveis pelo seu posicionamento abolicionista. Ele se recorda de um escravo que apareceu no engenho de sua madrinha e suplicou que fosse comprado, pois seu senhor era demasiadamente cruel.<sup>68</sup> Para Nabuco esse momento foi crucial para definir-se a favor da causa emancipatória. Esse evento seria para o autor como uma dívida que o levaria a trilhar os caminhos do movimento abolicionistas.

Há ainda outros trechos em que ele relembra experiências em relação à abolição. No entanto, sua experiência quando tinha apenas oito anos teria sido mais decisiva do que qualquer influência. O autor cita que leu *A cabana o pai Tomás*, romance estadunidense escrito por Harriet Beecher Stowe e publicado em 1851/52, primeiramente em folhetim por um jornal abolicionista intitulado *National Era* e, posteriormente, copilado em formato de livro em dois volumes. O livro obteve muito sucesso logo ao ser publicado. Diversas traduções foram feitas em curtos períodos de tempo, sendo traduzida para a Língua Portuguesa em 1853. Tal livro foi citado e apropriado em diferentes veículos, obras e momentos do século XIX. Porém, Nabuco alega que sua própria experiência foi um fator

---

<sup>67</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit. p.84.

<sup>68</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit. p. 183.



mais forte para seu posicionamento do que qualquer leitura. Em outro momento de sua vida no ano de 1882, que não é citado na autobiografia, o abolicionista enviou uma carta para seu amigo Dr. Domingos Jaguaribe e em meio ao texto ressalta a importância do livro de Stowe para o movimento abolicionista. Na correspondência ele chega a dizer que esta obra seria a “Bíblia da emancipação”<sup>69</sup>

É possível notar que Nabuco teve um objetivo em sua autobiografia, procurando dar sentido a sua trajetória de abolicionista, onde a sua experiência pessoal teria sido o ponto fundador e relevante para sua formação. Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho apontam que as motivações que fizeram Nabuco tornar-se adepto do abolicionismo foram bem distintas dessas expostas em *Minha formação*. Segundo Bethell e Carvalho, em grande medida o autor justificava o fim da escravidão, baseando-se na ideia de que ela era um crime, um atentado à civilização. Seria um atraso ao país bem como ao desenvolvimento político e econômico, como vários outros abolicionistas também justificavam.<sup>70</sup> Os autores atentam que é possível que o abolicionista possa ter se interessado pela questão emancipatória anteriormente. Seu pai era contra o tráfico de escravos e Nabuco convivera com Castro Alves e outros abolicionistas ao longo da vida escolar. No entanto, após formar-se na faculdade, por volta de 1871/72, ele não tinha o mesmo engajamento em prol do abolicionista como se vê anos à frente.<sup>71</sup>

Sua iniciação no movimento abolicionista de fato ocorreu após ter sido eleito deputado em 1879, com 29 anos. Segundo Bethell e Carvalho,

quem abriu o debate sobre o assunto (abolição) foi o deputado baiano, médico, senhor de escravos, católico ultramontano e abolicionista, Jerônimo Sodré Pereira, em discurso de 5 de março de 1879. A partir daí, Nabuco começou a se apropriar do tema até torná-lo quase uma obsessão, dentro e fora do Parlamento.<sup>72</sup>

Em *Minha formação* o autor não cita nenhum desses eventos, mas relaciona toda sua trajetória de abolicionista ao evento vivenciado na infância. Obviamente não podemos nos esquecer que esses elementos que buscam criar coerência no relato do autobiografado

<sup>69</sup>De Joaquim Nabuco a Doutor Domingos Jaguaribe. Londres, 16 de novembro de 1882. Revista da Biblioteca Nacional, Ano 5, nº 56, Maio de 2010.

<sup>70</sup>BETHEL, Leslie e CARVALHO, José Murilo de. Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos. Correspondência, 1880-1905. Estudos Avançados, 23 (65), 2009. p. 207.

<sup>71</sup>Idem, *ibidem*. p. 208, 209,

<sup>72</sup>Idem, *ibidem*. p. 212.

são comuns e que muitas vezes divergem de outros elementos que fazem parte da trajetória daquele indivíduo e também podem estar descoladas do contexto histórico.

O que se pode pensar a partir da leitura e análise da autobiografia de Joaquim Nabuco é que, primeiramente, o autor buscou reafirmar seu posicionamento monarquista mesmo depois da queda e transição do II Reinado para a República. No fim de seu livro afirma que o fim do Império deveria ser o final de sua carreira política e que ele havia se dedicado a uma causa que deveria ter durado por volta de 30 anos, mas que durou apenas nove.<sup>73</sup> Fica claro que essa causa é a luta abolicionista. Quando Nabuco aponta para essa realidade a data que consta na página de início do capítulo vinte e seis é 1889 a 1899, o que já nos mostra um outro posicionamento, mais contraído e desanimado e, talvez decepcionado com os rumos políticos.

Sua trajetória abolicionista não ganhou tanto destaque, pois ele parece preocupar-se em contar mais detalhadamente suas experiências na Europa e como estas o influenciaram a ser monarquista. A causa abolicionista é basicamente justificada por experiências de seu tempo de criança e também ao se recordar de diversos nomes que também participaram desse movimento, como André Rebouças, José do Patrocínio, Luis Gama, etc. Ao lembrar de outros abolicionistas, faz menção ao relacionamento que possuía com eles. Porém, suas experiências e influências em relação à questão abolicionista ficam vagas e o leitor pode ficar com a impressão que ele descobriu o antiescravismo por si mesmo.

Pode-se pensar que a autobiografia de Nabuco é um relato um pouco angustiada do período de transição do Império para a República, onde existem novos ambientes e questionamentos, mas que são ainda pouco aceitos e criticados por indivíduos como Nabuco que defendiam o monarquismo, a tradição e os costumes. Os momentos em que o abolicionista fala sobre sua luta contra a escravidão são muito breves. Sua citação sobre o livro de Stowe não nos mostra nenhuma grande influência que a obra tenha causado sobre ele. Como apontamos, anteriormente, Nabuco dá a impressão de ter descoberto o abolicionismo por si mesmo, por meio de suas experiências pessoais. Nesse sentido, a leitura que fez *d'A Cabana* não teria suscitado nenhuma provocação para sua jornada em favor da emancipação. Por outro lado, na carta ao Dr. Jaguaribe podemos perceber certa admiração à obra. Naquele momento o autor aproxima-se do livro o elogiando e recomendando sua leitura aos demais. Por isso, pensamos que Nabuco não mostrou-se

---

<sup>73</sup>NABUCO, Joaquim. Op. cit. 249.

mais próximo do livro de Stowe em sua autobiografia, pois construía ali uma imagem de si que seria um símbolo do abolicionismo e que toda a sua trajetória já lhe oferecia elementos para que se tornasse um grande abolicionista, seria quase como uma missão.

Em certo momento de nossa análise fizemos menção aos livros presentes no levantamento e que poderiam ser inspirados em *A Cabana do pai Tomás*, mesmo que sem citações diretas. Nesse ponto abordamos o romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, sobre o qual já comentamos. Agora gostaríamos de abordar um outro romance, que está, em relação à *Cabana*, na mesma posição de *Úrsula*, por ser uma inspiração, muito mais do que uma fonte direta. Trata-se do romance *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, publicado em 1875.

O livro de Guimarães foi por muitas vezes comparado com o romance de Stowe, tanto pelos traços da personalidade de sua protagonista Isaura quanto por trechos da trama. A crítica do período em alguns momentos aproximou ambas as obras. Na edição nº 400 da Revista Illustrada publicada em 1885, a seção “Livros a ler” comenta sobre obras, as quais os autores para sua escrita se inspiraram e se apropriaram em outros livros. Nesse ponto, a *A escrava Isaura* é citada, e é logo comparada com o livro de Stowe. O autor do texto indica o romance brasileiro como uma inspiração bem escrita. Fala-se que “Outras composições porém tem sido mais felizes: Isaura o belíssimo romance de Bernardo Guimarães é inspirado da Cabana do pae Thomaz...”.<sup>74</sup>

No romance, a protagonista brasileira possui a mesma fidelidade e submissão que pai Tomás, como podemos observar a seguir

- Anda cá, rapariga; - disse o feitor voltando-se para Isaura. - De hoje em diante é aqui o teu lugar; esta roda te pertence, e tuas parceiras que te dêem tarefa para hoje. Bem vejo que te não há de agradar muito a mudança; mas que volta se lhe há de dar?... teu senhor assim o quer. Anda lá; olha que isto não é piano, não; é acabar depressa com a tarefa para pegar em outra. Pouca conversa e muito trabalhar...  
Sem se mostrar contrariada nem humilhada com a

---

<sup>74</sup>Revista Illustrada. Rio de Janeiro. Nº 400 21 de janeiro de 1886

nova ocupação, que lhe davam, Isaura foi sentar-se junto a roda, e pôs-se a prepará-la para dar começo ao trabalho. Posto que criada na sala e empregada quase sempre em trabalhos delicados, todavia era ela hábil em todo o gênero de serviço doméstico: sabia fiar, tecer, lavar, engomar, e cozinhar tão bem ou melhor do que qualquer outra. Foi pois colocar-se com toda a satisfação e desembaraço entre as suas parceiras; apenas notava-se no sorriso, que lhe ajeitava nos lábios, certa expressão de melancólica resignação; mas isso era o reflexo das inquietações e angústias, que lhe oprimiam o coração, que não desgosto por se ver degradada do posto que ocupara toda sua vida junto de suas senhoras. Côncscia de sua condição, Isaura procurava ser humilde comqualquer outra escrava, porque a despeito de sua rara beleza e dos dotes de seu espirito, os fumos da vaidade não lhe intumesciam o coração, nem turvavam-lhe a luz de seu natural bom senso.<sup>75</sup>

Por meio do trecho anterior já é possível sugerir uma aproximação entre Tomás e Isaura. Mesmo magoada por ter sido obrigada a realizar outra função que não aquela que já era de costume, a moça continua resignada e bastante dedicada. O mesmo ocorre por diversas vezes na trama de Stowe. Pai Tomás é vendido logo no início da trama para que seu senhor consiga saudar algumas dívidas e o negro se recusa a fugir, alegando que é melhor que ele seja vendido para poupar os demais cativos. O traço da passividade e submissão pode ser visto em ambos os personagens.

Toda a trama do livro acontece ao redor de Isaura, que sofre muito em poder de seu senhor chamado Leôncio, que se nega a libertá-la, como havia sido acordado entre seu pai e o pai da cativa. Seu senhor, que é apaixonado pela escrava a aterroriza em vários momentos, inclusive a prende e a isola de todos os outros. Mesmo em todas essas

---

<sup>75</sup>GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Disponível em: Domínio Público ([www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)) p. 23.

condições a moça mantém seu posicionamento fiel e submisso, que podemos observar mais uma vez a seguir:

- Isaura, - disse Leôncio, continuando o diálogo que deixamos apenas encetado, - fica sabendo que agora a tua sorte está inteiramente entre as minhas mãos.

- Sempre esteve, senhor, - respondeu humildemente Isaura.

- Agora mais que nunca. Meu pai é falecido, e não ignoras que sou eu o seu único herdeiro. Malvina por motivos, que sem dúvida terás adivinhado, acaba de abandonar-me, e retirou-se para a casa de seu pai. Sou eu, pois, que hoje unicamente governo nesta casa, e disponho do teu destino. Mas também, Isaura, de tua vontade unicamente depende a tua felicidade ou a tua perdição.

- De minha vontade!... oh! não, senhor; minha sorte depende unicamente da vontade de meu senhor.<sup>76</sup>

No caso estadunidense, Tomás também é aterrorizado e maltratado diversas vezes por seu terceiro senhor, Simon Legree. Mesmo com toda a violência que é tratado pelo senhor o velho escravo continua resignado e fiel.

Porém, ainda que Isaura se pareça com pai Tomás, ela também possui certa semelhança com outra personagem do romance de Stowe, a escrava Eliza. Na trama estadunidense a escrava descobre que seu filho, que é ainda muito pequenino, seria vendido juntamente com pai Tomás. Eliza, então, foge com o filho e, posteriormente, se encontra com o marido George. O casal passa por muitas dificuldades até chegar em seu destino, que é o Canadá. Na trama brasileira Isaura foge com seu pai, Miguel. Pai e filha saem de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro e encaminham-se para Recife, no entanto, o objetivo central de Miguel é que ele e a filha consigam deixar o país.

Em *A Cabana do pai Tomás*, Eliza e seu filho são perseguidos pelo comerciante de escravos que teria negociado com seu senhor. Em *A escrava Isaura*, o senhor da protagonista envia pessoas para que consigam trazê-la de volta para sua fazenda, como

<sup>76</sup>GUIMARÃES, Bernardo. Op. cit. p. 31.

observamos abaixo:

Já são passados mais de dois meses depois da fuga de Isaura, e agora, leitores, enquanto Leôncio emprega diligências extraordinárias e meios extremos, e desatando os cordões da bolsa, põe em atividade a polícia e uma multidão de agentes particulares para empolgar de novo a presa, que tão sorrateiramente lhe escapara, façamo-nos de vela para as províncias do Norte, onde talvez primeiro que ele deparemos com a nossa fugitiva heroína.<sup>77</sup>

Segundo o pesquisador estadunidense Raymond Sayers, a fuga de Isaura de Campos de Goitacazes para Recife teria sido inspirada na fuga da personagem Eliza, do livro de Stowe, rumo ao Canadá. Tal observação foi revelada por Sayers, pois aqui no Brasil, em geral, os escravos fugidos se encaminhavam para os Quilombos, e não para outras localidades.<sup>78</sup> Já no caso norte-americano é bastante conhecida a rota de fuga escrava rumo ao Canadá, por uma trilha que era conhecida como estrada subterrânea. Sobre essa trilha, André Martin aponta que, no contexto da Lei dos Escravos Fugidos a sua prática era muito difícil de ser cumprida, “já que grupos abolicionistas se esforçavam para burlá-las. Eles incursionavam nas fazendas do Sul, libertavam os negros e os levavam para locais ‘seguros’ ao norte do paralelo 36, 30º, num procedimento que ficou conhecido como ‘ferrovia subterrânea’, a qual se estendeu até o Canadá.”<sup>79</sup>

Ainda que Bernardo Guimarães possa ter se inspirado em *A Cabana do pai Tomás* para construir sua protagonista e eventos que acontecem na trama, temos que lembrar que o protagonista estadunidense é negro; já a protagonista brasileira é totalmente branca. Isaura quase não possui traço algum que a remeta ao africano. Leôncio, o senhor de Isaura, faz um anúncio sobre uma escrava fugida e nesse texto o homem descreve a personagem.

---

<sup>77</sup>GUIMARÃES, Bernardo. Op. cit. p. 35.

<sup>78</sup>SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Trad. de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Ed. Cruzeiro, 1958. p. 317 e 318.

<sup>79</sup> MARTIN, Andre. Guerra de Secessão. In: MAGNOLI, Demetrio. *História das Guerras*. 3ed. SP: Ed. Contexto, 2006. p. 231.

Podemos notar aqui suas características brancas

Fugiu da fazenda do Sr. Leôncio Gomes da Fonseca, no município de Campos, província do Rio de Janeiro, uma escrava por nome Isáura, cujos sinais são os seguintes: Cor clara e tez delicada como de qualquer branca; olhos pretos e grandes; cabelos da mesma cor, compridos e ligeiramente ondedos; boca pequena, rosada e bem feita; dentes alvos e bem dispostos; nariz saliente e bem talhado; cintura delgada, talhe esbelto, e estatura regular.<sup>80</sup>

Nesse sentido pode-se pensar que o autor brasileiro tenha criado a personagem dessa forma, justamente para se aproximar de um público que possivelmente seria branco e até mesmo de classes mais altas da sociedade brasileira. O modelo branco poderia ser mais fácil de agradar e aproximar o público do leitor; por isso, branquear o personagem seria uma estratégia importante para a difusão e aceitação de seu romance. Essa construção da personagem com traços brancos teria muito a ver com as ideias raciais que circulavam no Brasil e em outros países nesse período. A raça negra era vista como inferior, incapaz e limitada, enquanto a raça branca era símbolo da civilidade e do desenvolvimento. Esse discurso racial esteve presente no interior do movimento abolicionista, por isso podemos inferir que Guimarães tenha sido influenciado por essas ideias e, por essa razão Isaura seja uma mulher basicamente branca.

Por fim lançaremos um breve olhar sobre a trama *Vítimas Algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo publicada em 1869 que se encontra em nosso levantamento e na qual o autor citou *A Cabana do pai Tomás*. O livro de Macedo reúne três histórias de cunho emancipatório. No entanto, como o título sugere, os escravos ao longo das tramas se tornam algozes de seus senhores, invertendo a lógica que permearia os demais romances, *A Cabana*, *A Escrava Isaura* e *Úrsula* onde o escravo seria considerada uma vítima e um herói. Sobre *Vítimas Algozes*, Helio S. Guimarães aponta que

Desde as páginas iniciais, os objetivos do livro são

---

<sup>80</sup>GUIMARÃES, Bernardo. Op. cit. p. 51.

explícitos, as estratégias de persuasão são muito nítidas, e o argumento principal é muitas vezes reiterado: a escravidão é abominável e precisa ser extinta não porque o escravo seja vítima de uma instituição moralmente condenável, mas porque ela, a escravidão, inevitavelmente transforma o escravo em algoz dos seus senhores, colocando em perigo a ordem, a paz e a integridade da família senhorial.

O discurso construído pelo autor é bastante diferente daquele defendido por Stowe. Em momento algum da trama estadunidense os personagens deixam de representar o vitimizado para ameaçarem a ordem da sociedade. Na verdade, a autora os representa, muitas vezes, como “mártires” que é o termo, inclusive, utilizado ao se referir ao pai Tomás, quando ele falece. Macedo claramente cria uma outra forma de olhar a escravidão. Se Stowe desenvolve um cenário onde os cativos eram bons cristãos, fieis e submissos, o autor brasileiro insere escravos demonizados como consequência do cativoiro.<sup>81</sup>

Na última história, intitulada *Lucinda, a mucama*, há uma citação de *A Cabana do pai Tomás*. A personagem Cândida lia o romance para sua mãe e em certo ponto, quando finalizam a leitura do livro as personagens que se encontram no local discutem a respeito da obra

Florêncio e Liberato acabavam de ouvir com Leonídia a leitura do último capítulo da *Cabana do Pai Tomás*. Leonídia e Cândida tinham lágrimas nos olhos.

Lucinda entrou no quarto de dormir de sua senhora, e dali pôde ouvir o que foi dito.

– Pois vocês choram por isso? – perguntou Florêncio.

– Meu pai – disse Liberato –, este romance concorreu para uma grande revolução social; porque encerra grandes verdades.

– Quais, meu doutor?

– As do contra-senso, da violência, do crime da escravidão de homens, como nós outros, que nos impomos senhores; as da privação de todos os direitos, da negação de todos os generosos sentimentos das vítimas, que são os escravos; as da

---

<sup>81</sup>GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Op. cit. p. 427 e 428



insensibilidade, da crueldade irrefletida, mas real, e do despotismo e da opressão indeclináveis dos senhores.  
– Admiravelmente, meu doutor: o tal romance, belo presente que fizeste a Cândia, e que eu já tinha lido, mostra e patenteia o mal que os senhores fazem aos escravos.  
– E muito mais ainda, meu pai [...] – Conseqüência do flagelo da escravidão: as vítimas se tornam algozes.  
[...] – Que se quebre pois o cutelo! – exclamou Liberato.  
– E como? – perguntou Cândia.  
– Banindo-se a escravidão, que nos desmoraliza; que é nossa inimiga natural, que nos faz mal em troca do mal que fazemos: porque o escravo condenado à ignomínia dá o fruto da ignomínia à sociedade que o oprime, e pune a opressão, corrompendo o opressor.  
[...] E Lucinda que ouvira tudo da porta do quarto, murmurou com os dentes cerrados.  
– E portanto... eu sou vítima.<sup>82</sup>

Quando a mucama ouve todo o discurso proferido por Liberato sobre o livro estadunidense ela passa a acreditar que é uma vítima justamente por ser escrava e isso lhe dá ânimo para vingar-se de seus senhores. Nesse sentido, Macedo mostra que a vitimização do escravo poderia levá-lo a prejudicar seus senhores justificando sua condição. Por ser vítima, o cativo se sentiria no direito de causar danos ao senhor. Esse traço não é identificado em *A Cabana do pai Tomás*. O personagem Liberato seria a representação do indivíduo que teria se deixado seduzir pelo ideal construído por Stowe em seu romance, onde os escravos não seriam capazes de más ações. No livro de Macedo os escravos são capazes de agir de forma maldosa devido a sua condição cativa. Lucinda, a mucama, que era muito próxima de sua senhora, a jovem Cândia, a influencia a perder a virgindade com um aventureiro francês e engravida dele, o que para a família é um acontecimento vergonhoso e, ao mesmo tempo, triste.

Macedo é favorável a abolição, mas seu posicionamento é diferente daquele estabelecido por Stowe em sua obra. O autor brasileiro representa os escravos como indivíduos animalizados e endurecidos por causa da escravidão. Como consequência disso, o escravo se tornaria o algoz de seu senhor, e esse, por sua vez, se tornaria vítima.

---

<sup>82</sup>MACEDO, Joaquim Manuel de. *Vítimas Algozes*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2134](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2134). p. 115.

Macedo a todo momento aponta que a escravidão envenenava os negros como é perceptível no trecho a seguir

– Árvore da escravidão, deram seus frutos. Quem pede ao charco água pura, saúde à peste, vida ao veneno que mata, moralidade à depravação, é louco. Dizeis que com os escravos, e pelo seu trabalho vos enriqueceis: que seja assim; mas em primeiro lugar donde tirais o direito da opressão?... Em face de que Deus vos direis senhores de homens, que são homens como vós, e de que vos intitulais donos, senhores, árbitros absolutos?... E depois com esses escravos ao pé de vós, em torno de vós, com esses miseráveis degradados pela condição violentada, engolfados nos vícios mais torpes, materializados, corruptos, apodrecidos na escravidão, pestíferos pelo viver no pantanal da peste e tão vis, tão perigosos postos em contacto convosco, com vossas esposas, com vossas filhas, que podereis esperar desses escravos, do seu contacto obrigado, da sua influência fatal?... Oh! Bani a escravidão!... A escravidão é um crime da sociedade escravagista, e a escravidão se vinga desmoralizando, envenenando”, desonrando, empestando, assassinando seus opressores. Oh!... Bani a escravidão! Bani a escravidão! Bani a escravidão!<sup>83</sup>

O trecho anterior foi retirado do final do livro de Macedo e por meio dele podemos perceber que a escravidão deveria ser abolida, mas não para libertar os escravos, e sim para proteger os senhores. Esse discurso foi comum no século XIX. Por algum tempo o escravo foi representado como um indivíduo violento, traiçoeiro e a abolição serviria para impedir suas maldades para com os brancos.<sup>84</sup> Dessa forma, pensamos que o autor fazia parte dos indivíduos que defendiam a abolição por causa do medo que foi crescendo em relação ao

<sup>83</sup>MACEDO, Joaquim Manuel de. Op. cit. p. 187.

<sup>84</sup>AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada século XIX*. São Paulo: Annablume, 2003. p. 144 e 145.

negro.

Esse capítulo tinha como objetivo mostrar a circulação d'*A Cabana do pai Tomás* no Brasil na segunda metade do século XIX. Nesse sentido, foi possível notar que o livro teve ampla circulação já que conseguimos encontrar referências em diferentes províncias e em diferentes períodos. Obviamente, em muitos momentos, a escassez de material nos impediu de observar de forma mais completa a trajetória do romance no país. Porém, com o levantamento realizado vimos que suas referências aumentaram nas últimas décadas do século, o que pode nos levar a pensar que, conforme o movimento abolicionista foi ganhando fôlego e intensificando sua radicalidade, mais ainda o livro foi utilizado.

Sua apropriação ocorreu de diferentes maneiras. Ainda que o objetivo geral fosse defender a abolição e criticar a escravidão sua trama foi incorporada em diferentes discursos, mesmo que estes fossem distintos daqueles desenvolvidos pela autora. Ele foi mobilizado em relato autobiográfico, usado para justificar a adesão à causa abolicionista (Nabuco); em romances que abordaram a questão da escravidão ao mesmo tempo em que se engajavam no debate sobre branqueamento (Guimarães); em textos nos quais o fim da escravidão devia ser conciliado com a proteção aos senhores (Macedo). Nada disso está, originalmente, em *A Cabana do pai Tomás*. Isso nos faz concordar com Roger Chartier ao afirmar que os significados e sentidos atribuídos a um texto não são fixos, mas são alterados tendo em vista o contexto no qual os leitores estão inseridos.<sup>85</sup> Consideramos muito interessante e enriquecedora essa pluralidade de apropriações, pois com isso notamos a complexidade da obra aqui estudada. O livro estadunidense criou inúmeras possibilidades de formação de opinião e pôde ser lida por diversos indivíduos com objetivos diferentes.

---

<sup>85</sup>CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002. p.121.

## CAPÍTULO 02

### PAI TOMÁS E TOM BRASILEIRO: A CRÍTICA À ESCRAVIDÃO E A TRADUÇÃO CULTURAL DE NÍSIA FLORESTA

#### 1. Introdução

Este capítulo pretende discutir e relacionar a obra de Harriet Beecher Stowe, *Uncle Tom's Cabin*, publicada em 1852, e a obra *Páginas de uma vida obscura*, escrita por Nísia Floresta, e lançada em 1856, no jornal *Brasil Ilustrado*. Considera-se, nesse estudo, que a obra brasileira é uma tradução cultural<sup>86</sup> realizada por Floresta, a partir daquela, estadunidense.

O livro de Stowe circulou intensamente desde sua primeira publicação. Sabe-se que no mesmo ano de lançamento as vendas alcançaram cerca de 150 mil exemplares<sup>87</sup> e seu sucesso penetrou outros países além das fronteiras dos Estados Unidos, bem como a Inglaterra, a Alemanha e o Brasil. A primeira tradução para o Português foi feita em um intervalo muito curto de tempo em relação ao do lançamento em língua inglesa. Em 1853 deu-se a publicação de uma versão portuguesa, realizada pelo tradutor Francisco Ladislau Álvares de Andrade, e lançada primeiramente em Paris. Essa tradução portuguesa foi vendida no Brasil no catálogo de 1883 do livreiro francês Anatole Louis Garraux, que possuía uma loja no Largo da Sé, em São Paulo.<sup>88</sup> Sobre o comércio de livros por meio de catálogos, a historiadora Marisa Midore Deaecto aponta que ela consiste em uma prática antiga e que se relaciona aos primórdios do comércio de livros na Época Moderna. Essa prática, no século XIX servia, também, como um regulador de preços no comércio local e em relação aos outros centros. Além disso, os catálogos eram uma forma de viabilizar o conhecimento de grande parte da produção bibliográfica, de difícil apreensão no período,

---

<sup>86</sup>Tendo Peter Burke como referência teórica sobre o conceito de tradução cultural entende-se que ela se constitui de um duplo processo, de descontextualização e recontextualização. Essa ação seria o esforço de adaptar ao seu próprio contexto certos elementos de outra cultura ou, pelo menos, de uma localidade que não seja a sua própria. BURKE, Peter e R. PO-CHIA, Hsia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ed. UNESP, p. 14 e 15.

<sup>87</sup>HEIKE, Paul. "Cultural mobility between Boston and Berlin: how Germans have read and reread narratives of American slavery." in: GREENBLATT, Stephen. *Cultural Mobility: a manifesto*. England: Cambridge University Press, 2009.

<sup>88</sup>HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985. p. 229, 230.

tendo em vista os ainda precários meios de comunicação.<sup>89</sup>

No entanto, a primeira tradução para o Português, no Brasil, veio a público apenas entre 1887 e 1888, por meio da publicação da obra em folhetim no jornal abolicionista *A Redenção*, que era editado por Antonio Bento, um conhecido abolicionista radical e fundador do grupo *Os caifazes*.<sup>90</sup>

Muitos escritos e obras de abolicionistas brasileiros citam *A Cabana do pai Tomás*, como um modelo a ser seguido ou como um texto que todos devem ler. Este é o caso de Joaquim Nabuco, em sua carta datada de 1886, endereçada ao amigo Dr. Domingos Jaguaribe. Nessa ocasião o abolicionista afirmou que considerava o livro de Stowe uma “Bíblia da emancipação escrava”.<sup>91</sup> No caso de Nísia Floresta, defendemos que não se trata de uma mera referência ao romance estadunidense, mas sim de um processo de descontextualização e recontextualização, como aponta Peter Burke. Essa ação seria o esforço de adaptar ao seu próprio contexto, certos elementos de outra cultura ou, pelo menos, de uma localidade que não a sua própria.<sup>92</sup> São perceptíveis no texto de Floresta muitos elementos e argumentos semelhantes aos de Stowe, mas não cabe dizer que a autora somente traduziu de forma literal o romance estadunidense, pois há diferenças contextuais importantes a serem consideradas e sobre as quais se refletirá mais adiante.

Nísia Floresta já havia citado a obra *A Cabana*, de Harriet B. Stowe, em outro texto de sua autoria, intitulado *O Opúsculo Humanitário*, publicada em 1853, e que constitui uma coletânea de artigos sobre a temática da emancipação feminina. Nele, Floresta tece elogios a Stowe, apontando que ela é o verdadeiro tipo de norte-americana e o mais perfeito modelo que se pode apresentar a todas as mulheres. Além disso, afirma que é um livro precioso e que oferece uma amostra da educação e da inteligência das mulheres. Ela o classifica como um primor de moral, de delicadeza de estilo, de sentimentos sublimes e de preceitos cristãos, evidenciando uma recepção muito favorável e seu apoio ao livro de Stowe.<sup>93</sup>

Sabe-se que a autora havia traduzido vários textos. Segundo Marie-France Dépêche, a

---

<sup>89</sup>DEAECTO, Marisa Midore. *O império dos livros*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2011. p. 304, 308 e 309.

<sup>90</sup> AZEVEDO, Elnice. “Antonio Bento, homem rude do sertão: um abolicionista nos meandros da justiça e política.” in: *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, 2007. p. 123 a 143.

<sup>91</sup> De Joaquim Nabuco a Doutor Domingos Jaguaribe. Londres, 16 de novembro de 1882. Revista da Biblioteca Nacional, Ano 5, nº 56, Maio de 2010.

<sup>92</sup> BURKE, Peter e R. PO-CHIA, Hsia (orgs.). Op. cit. p. 15 e 16.

<sup>93</sup>FLORESTA, Nísia. *O Opúsculo humanitário*. São Paulo: Editora Cortez, 1989. p.40 a 42.

tradução da brasileira parece ter atingido um público que a autora visava, ou seja, uma minoria de mulheres entre uma minoria de homens educados.<sup>94</sup>

Ao longo de sua trajetória como mulher envolvida com o mundo das letras há outro texto que também marcou sua atuação como tradutora (e como tradutora cultural). Trata-se de uma tradução que gerou certa polêmica e que é um exemplo instigante para este trabalho. Seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, publicado em 1832, foi considerado por seus biógrafos como precursor ao discutir questões relativas ao direito das mulheres à educação e ao trabalho. Floresta indicou que havia traduzido este texto da conhecida feminista inglesa, Mary Wollstonecraft que o publicou em 1782. Contudo, estudos no âmbito da tradução cultural, realizados por Maria Lucia Pallares-Burke, levaram à descoberta de que o texto de Nísia Floresta, na realidade se inspirou no livreto *Woman not inferior to man*, de 1739, publicado com o pseudônimo de “Sophia, a Person of Quality”. Este, por sua vez, de acordo com Pallares-Burke, teria sido apropriado de um texto ainda mais antigo, de autoria de François Poulain de la Barre, pensador francês do século XVII, que buscou provar, de maneira cartesiana, que a diferença entre os sexos só podia ser afirmado pelos costumes e não pela razão.

Os textos originais (Poulain de la Barre e ‘Sophia’) eram mais “radicais” do que o de Wollstonecraft no que diz respeito à questão da igualdade de direitos entre os sexos. Por isso Nísia Floresta - que em sua juventude tinha um forte espírito de rebeldia -, teria preferido traduzi-los. Entretanto, a feminista inglesa tinha um nome e uma trajetória mais conhecidos entre os brasileiros. Daí Nísia indicá-la, estrategicamente, como a autora de sua “tradução livre”, omitindo os verdadeiros autores. Esta é a hipótese de Pallares-Burke em seu ensaio de sugestivo título “A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta”.<sup>95</sup>

A ideia de tradução cultural pode ser aplicada para se pensar também a respeito de *Páginas de uma vida obscura*. Antes desta análise, cabe realizar uma breve discussão acerca desse conceito. Segundo Peter Burke, a expressão tradução cultural foi usada pela

---

<sup>94</sup>DÉPÊCHE, Maria-France. “As traduções subversivas feministas ontem e hoje” in: Labrys, Estudos Feministas. Nº 1 e 2. Julho/Dezembro,2012. p. 9 e 10.

<sup>95</sup>PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996. É preciso ressaltar que até 2004 o texto original de Mary Wollstonecraft não tinha sido traduzido para o Português, no Brasil. A primeira tradução foi feita por Ivania Pocinho Motta, e é o resultado de sua Dissertação de Mestrado, realizada no Departamento de História da USP, e posteriormente publicado como: MOTTA, Ivania Pocinho. *A importância de ser Mary: análise e tradução do livro ‘A vindication of the rights of Woman’, de Mary Wollstonecraft*. São Paulo: Annablume, 2009.

primeira vez por antropólogos próximos a Edward Evans-Pritchard, para descrever o que ocorre em encontros culturais quando duas culturas tentam compreender uma à outra.<sup>96</sup> Como já foi mencionado, a tradução cultural busca inserir elementos de uma cultura estranha em outra.

Burke aponta que existem consequências nessa tradução/adaptação, pois esta, para a cultura traduzida, é uma forma de perda e pode causar até certos maus entendidos e alterações de sentido no texto originário. No estudo da tradução cultural alguns questionamentos podem ser úteis para se pensar tais traduções. Por isso, seria importante lembrar do que Burke chama de “regime de tradução” do período estudado, ou seja, para ele é relevante buscar compreender as regras, normas e convenções que governam a prática da tradução em um dado período.<sup>97</sup> Dessa forma, a tradução seria historicizada e não simplesmente naturalizada, como algo literalmente vinculado ao texto original, desconsiderando as perdas ocorridas no processo de “adaptação” a outro vocabulário e contexto.

Assim, Burke defende um estudo aprofundado dos elementos que se perderam na trajetória da tradução, sendo esta uma estratégia fundamental para identificar diferenças interculturais.<sup>98</sup> Ao mesmo tempo em que se lança na tentativa de compreender os distanciamentos entre a obra original e suas traduções, o estudioso da tradução cultural busca informações para responder a algumas perguntas, tais como: quem era o tradutor? Com que intenção traduzia? O que traduziu?<sup>99</sup> O esforço de responder a essas questões é importante para refletir sobre o próprio ato de traduzir. A autoria da tradução (ou “quem” traduziu) deixa nela marcas referentes ao posicionamento político do tradutor e suas relações com o poder vigente.

## **2. Nísia Floresta e Harriet Beecher Stowe: escravidão e abolição na segunda metade do século XIX no Brasil e nos Estados Unidos**

Como já foi mencionado anteriormente, o texto de Floresta possui relações estreitas com o de Stowe, mas ao mesmo tempo, há diferenças contextuais significativas. Portanto,

---

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*. p. 14 e 15.

<sup>97</sup> Idem, *ibidem*. p.17.

<sup>98</sup> Idem, *ibidem*. p.46.

<sup>99</sup> Idem, *ibidem*. p 17.

é perceptível que a autora buscou recontextualizar a trama do livro original e adaptá-la ao contexto brasileiro oitocentista. Para evidenciar essa hipótese da tradução cultural na obra *Páginas de uma vida obscura*, as tramas e elementos que envolvem ambas as obras serão, num primeiro momento, descritas brevemente, o que auxiliará numa posterior reflexão sobre os distanciamentos e proximidades entre os textos.

O livro *A Cabana do pai Tomás* foi publicado primeiramente em formato de folhetim, por um jornal de cunho abolicionista intitulado *National Era*. O texto foi publicado semanalmente de 5 de junho de 1851 a 1 de abril de 1852. Posteriormente foi editado em forma de livro sendo publicado em 1852. A obra compilada possui quarenta e cinco capítulos que são nomeados e divididos em dois volumes e um prefácio. No total, a primeira edição possui 312 páginas no primeiro volume e 322 páginas no segundo volume. Ao longo do texto há algumas gravuras que indicam situações da trama, que representam lugares onde acontecem cenas e até mesmo referências a personagens. No período em que foi publicada, segundo a biógrafa Joan Hedrick, a obra de Stowe estourou no mercado nacional, dentre outros fatores, graças ao desenvolvimento tecnológico da imprensa, pois o livro foi editado de forma barata e muito ágil, e contou com a contribuição das ferrovias para a distribuição rápida dos exemplares. Vendeu dez mil exemplares na primeira semana em que foi publicado e cem mil cópias no final do primeiro ano de publicação.<sup>100</sup>

Além disso, os Estados Unidos já possuíam um público alfabetizado considerável, o que pode ter auxiliado na grande circulação do livro. Sabe-se que nesse período o protestantismo se fazia muito presente na sociedade e um dado fundamental para seus seguidores era a leitura da Bíblia. Por isso, a alfabetização, segundo Luiz E. Fernandes e Marcus V. de Moraes não era apenas uma questão social ou econômica, mas um elemento cultural.<sup>101</sup>

A crítica a rotulou de “sentimental” ao mesmo tempo em que valorizou os escritores do sexo masculino que, supostamente, seriam os únicos aptos a produzir uma literatura “menos fantasiosa”.<sup>102</sup> Os ataques em relação às obras escritas por mulheres costumavam reduzi-las a uma unidade, a de ser mulher. Nesse sentido, era quase que

---

<sup>100</sup>Hedrick, Joan. Op. cit. p. 223.

<sup>101</sup>FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcus Vinícius. “Os EUA nos século XIX.” In: KARNAL, Leandro (org.). *História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI*. São Paulo: Ed. Contexto, 2008. p 123.

<sup>102</sup>HEDRICK, Joan D. *Parlor Literature: Harriet Beecher Stowe and the question of “Great Women Artists”*. Chigaco: The University of Chicago Press, 1992. p. 302.



totalmente anulado o caráter individual de cada uma. Constancia Lima Duarte aponta que as críticas eram estruturadas de modo que os adjetivos utilizados revelavam o agrado ou desagrado acerca de tal obra:

Percebe-se, em expressões como "poemas delicados", "ligeiros", "misteriosos", "feminis", o destaque de qualidades que seriam o apanágio das mulheres, numa perpetuação da velha oposição entre os valores masculinos e femininos. Quando a intenção era elogiar o trabalho e valorizar a escritora, o poema passava a ser "viril", "forte", "duro", e a poetisa era alçada à categoria de "poeta", ou de um "poeta como os nossos melhores"!<sup>103</sup>

Por diversas vezes o livro de Stowe não teve grande reconhecimento sendo bastante criticado. Algumas críticas alegavam que as situações relatadas na trama e no apelo abolicionista que faz ao final do romance eram mentirosas. Por isso, a autora começou a escrever outro livro, no qual iria registrar os fatos com documentos originais que basearam sua obra. Tal livro seria *Uma chave para a Cabana do pai Tomás*:

I am now very much driven. I am preparing a Key to unlock 'Uncle Tom's Cabin.' It will contain all the original facts, anecdotes, and documents on which the story is founded, with some very interesting and affecting stories parallel to those told of Uncle Tom.<sup>104</sup>

A autora também dividiu a opinião dos abolicionistas. Segundo Michael Bennet, os grupos moderados e antiescravistas, segundo Michael Bennett, a agradeciam por legitimar a causa da abolição ao mesmo tempo em que a torna pública. Por outro lado os grupos mais radicais a criticavam alegando que Stowe era colonialista e diziam que ela é quem deveria agradecer, pois esses abolicionistas teriam criado um contexto possível para que ela tratasse da questão abolicionista em sua obra.<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup>DUARTE, Constancia Lima. "O canône literário e a autoria feminina" in: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1997. 92

<sup>104</sup>STOWE, Charles Edward. *The life of Harriet Beecher Stowe*. Compiled From Her Letters and Journals by Her Son Charles Edward Stowe. S/D. Disponível em:<http://www.gutenberg.org/cache/epub/6702/pg6702.html>. p.188

Tradução Livre: *Estou preparando uma chave para destrancar "A Cabana do pai Tomás". Ele irá conter todos os fatos originais e documentos em que se fundam a história, com algumas histórias muito interessantes e que afetam paralelas às de pai Tomás.*

<sup>105</sup>BENNETT, Michael. Democratic discourses : the radical abolition movement and antebellum American literature. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press. p. 122.

A *Cabana* conta a história do escravo Pai Tomás, que morava em uma cabana onde vários escravos se reuniam com a permissão de seu senhor (Sr. Shelby). A obra se inicia com uma negociação entre Sr. Shelby e um comerciante de escravos para vender Pai Tomás e um escravo de cinco anos chamado Harry. O fazendeiro, que era um “bom senhor” no trato com seus escravos, se encontrava endividado e por isso precisou vender os dois cativos. A escrava Eliza, mãe do pequeno Harry, quando toma conhecimento da negociação, decide fugir com seu filho e chama Pai Tomás, que não aceita, pois era muito disciplinado e obediente ao seu senhor, que conhecia desde a infância. Eliza e o filho fogem e são perseguidos pelo comerciante de escravos. Após a malfadada perseguição, o comerciante volta à fazenda do Sr. Shelby e leva Pai Tomás. O protagonista, no decorrer do livro, se torna cativo de um fazendeiro chamado Sr. Clare, mas logo é vendido novamente, em razão da morte de seu senhor. A partir deste momento Tomás passa por situações muito difíceis, pois é vendido para Simon Legree, um alcoólatra que espanca seus cativos, incluindo Tomás, já frágil e de idade. Enquanto enfrenta os maus tratos por parte deste novo dono, Eliza e Harry conseguem ajuda de um senador, cuja esposa era abolicionista, para irem ao Canadá, onde viveriam em liberdade. Sr. Shelby consegue dinheiro e passa a procurar Tomás para resgatá-lo de volta para a sua fazenda, mas nesta ocasião o protagonista já está no fim de sua vida e acaba morrendo, não compensando o esforço de seu senhor. No final da obra há um apelo da autora para que a escravidão seja abolida.

Stowe a todo momento busca sensibilizar seus leitores em relação a seus personagens. O protagonista é um exemplo de valores morais e bondade e os personagens considerados “maus” são extremamente antipáticos e agressivos. No caso de pai Tomás é perceptível sua mansidão e fidelidade aos seus três senhores, inclusive ao sulista Legree, que é o responsável por sua morte ao final do livro. Em muitas situações da trama a preocupação do escravo em obedecer os seus donos é maior do que a preocupação consigo mesmo. Esses traços de personalidade podem ser notados em vários momentos, mas foram selecionados três trechos que estão relacionados, respectivamente, aos senhores de Tomás. O primeiro refere-se a sua fidelidade ao primeiro dono, que é um proprietário de terras do Kentucky, Sr. Shelby, que o vende para sanar as dívidas que possuía:

"Well, old man!" said Aunt Chloe, "why don't you go, too? Will you wait to be toted down river, where they kill niggers with hard work and starving? I 'd a heap rather die

than go there, any day! There's time for ye,—be off with Lizy,—you 've got a pass to come and go any time. Come, bustle up, and I'll get your things together."

Tom slowly raised his head, and looked sorrowfully but quietly around, and said,

"No, no—I an't going. Let Eliza go—it's her right! I wouldn't be the one to say no—'tan't in *natur* for her to stay; but you heard what she said! If I must be sold, or all the people on the place, and everything go to rack, why, let me be sold. I s'pose I can b'ar it as well as any on 'em," he added, while something like a sob and a sigh shook his broad, rough chest convulsively. "Mas'r always found me on the spot—he always will. I never have broke trust, nor used my pass no ways contrary to my word, and I never will. It's better for me alone to go, than to break up the place and sell all. Mas'r an't to blame, Chloe, and he'll take care of you and the poor—"106

O segundo trecho mostra, mais uma vez, que Tomás demonstra sua preocupação com o seu senhor. Nesta ocasião o escravo conversa com seu segundo proprietário, o plantador da Louisiana St. Clare. O negro se preocupa com a falta de bondade que seu senhor possuía consigo mesmo:

St. Clare laid down his paper, and set down his coffee-cup, and looked at Tom. "Why, Tom, what's the case? You look as solemn as a coffin."

"I feel very bad, Mas'r. I always have thought that Mas'r would be good to everybody."

"Well, Tom, have n't I been? Come, now, what do you want? There's something you have n't got, I suppose, and this is the preface."

"Mas'r always been good to me. I have n't nothing to complain of, on that head. But there is one that Mas'r is n't good to."

"Why, Tom, what's got into you? Speak out; what do you mean?"

"Last night, between one and two, I thought so. I

---

<sup>106</sup> STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin or, Life Among the Lowly*. Boston: John P. Jewett & Company. Cleverland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington, 1852. (vol. I) p.64.

Tradução: *Sendo assim, meu velho – falou tia Cloé -, vá também você!...Ou vai esperar que o levem ribeira abaixo para onde à forçade trabalho e de fome matam os negros? Vamos decida-se! Você possui um passaporte que lhe permite ir para onde desejar. Aproveite-o e salve-se.*

- Não, não, não fugirei – responde-lhe pai Tomás, levantando a cabeça lentamente. - Está certo que Elisa assim o faça. Não serei eu a aconselhá-la a ficar. Seria pregar contra as leis da natureza. Mas você ouviu o que ela acabou de dizer, era preciso vender-me, ou então vender a fazenda com todos os negros. Pois então, prefiro que de mim se desfaçam. Sempre fui encontrado pelo amo em meu posto e é nele que há de encontrar-me. Jamais abusei de sua confiança, unca utilizei o meu passaporte contra a sua vontade nem o farei pelaprimeira vez hoje. É mais válido que eu seja o único sacrificado! Cloé, o patrão não merece que o condenem por esse motivo. Ele tomará cntra das crianças e de você! (STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pai Tomás*. São Paulo: Ed. Madras, 2004. p. 38.

studied upon the matter then. Mas'r is n't good to *himself*."

Tom said this with his back to his master, and his hand on the door-knob. St. Clare

felt his face flush crimson, but he laughed. "O, that's all, is it?" he said, gayly.

"All!" said Tom, turning suddenly round and falling on his knees. "O, my dear young Mas'r! I'm 'fraid it will be *loss of all—all—body and soul* The good Book says, 'it biteth like a serpent and stingeth like an adder!' my dear Mas'r!"<sup>107</sup>

No próximo trecho, Tomás já está em poder de seu terceiro senhor, Legree, que é sulista, do estado do Mississipi, e que o agride e o maltrata extremamente. Mesmo assim, o escravo demonstra sua lealdade, alegando que se o homem estivesse doente ele lhe daria toda assistência e até mesmo seu sangue para curá-lo:

Tom looked up to his master, and answered, "Mas'r, if you was sick, or in trouble, or dying, and I could save ye, I 'd give ye my heart's blood; and, if taking every drop of blood in this poor old body would save your precious soul, I 'd give 'em freely, as the Lord gave his for me. O, Mas'r! don't bring this great sin on your soul! It will hurt you more than 't will me! Do the worst you can, my troubles 'll be over soon; but, if ye don't repent, yours won't *never end!*"<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> Idem, *ibidem*. p. 293 e 294. Tradução: *St. Clare estava sentado em seu escritório; acabava de confiar diversos negócios a Tomás e, vendo-o estático à sua frente, perguntou-lhe:*

-Então, Tomás, o que você espera? Não está tudo em ordem?

-Receio que não, senhor – respondeu este com tanta gravidade, que chamou a atenção de St. Clare. O amo colocando a xícara de café que tinha na mão sobre a mesa, insistiu:

-Amigo Tomás, o que há com você, que está aí tão solene e grave quanto um túmulo?

-Sinto-me triste, senhor, porque cria fielmente que o meu amo era generoso e bom para todos.

-E não o sou, meu caro Tomás? Vamos, o que você quer? Tem algo a dizer-me?

- Realmente, não poderia ser melhor para mim; mas o senhor não é bom para com uma pessoa.

-O quê? Não estou compreendendo. Explique-se melhor.

- É que esta noite, por volta das duas horas, refleti, após ter feito minhas observações: 'Meu amo não é bom para si próprio'.

E, assim falando, Tomás fez menção de sair.

Mesmo corando até as orelhas, St. Clare não deixou de rir às gargalhadas.

-Era isso então que você queria dizer-me? – replicou, alegremente.

-Sim, senhor! – respondeu Tomás, e, virando-se, caiu de joelhos de golpe diante do amo dizendo, num tom de voz dilacerante:

-Acho que, de corpo e alma, caminha para a perdição, meu querido senhor! (...) (STOWE, Harriet Beecher. Op. Cit. p. 171 e 172)

<sup>108</sup> Idem, *ibidem*. (vol II). p. 273. Tradução: *Meu senhor, caso meu amo estivesse doente, ou moribundo, e me fosse possível salvá-lo, eu voluntariamente daria todo o meu sangue. Caso derramá-lo gota a gota pela salvação da sua alma fosse necessário, eu lhe daria de boa vontade, como nosso senhor deu o seu! Não carregue a sua alma de semelhante crime, ó meu amo! Isso lhe será mais prejudicial que a mim! Em breve as minhas penas cessarão, por mais que faça, mas se não se arrepender as suas não terão fim.* (STOWE, Harriet Beecher. Op. Cit. p. 341)

É possível notar os mecanismos narrativos da autora para que o leitor se alie à causa abolicionista e tenha pena dos negros tornando-se seu defensor. A representação de Tomás ao longo da obra indica a intenção que a autora tem de construir a figura de um verdadeiro Mártir<sup>109</sup>, que estaria disposto a morrer por causa dos irmãos e inclusive a perdoar e a salvar seu senhor, o mesmo que o golpeia e o maltrata recorrentemente.

No século XIX em estudos científicos os negros foram considerados inferiores aos brancos por causa de sua condição biológica. Herbert Spencer, filósofo inglês, apontou que muitos traços intelectuais daqueles sujeitos, considerados como selvagens, eram identificados nas crianças civilizadas.<sup>110</sup> Podemos identificar elementos que expressam essa ideia de inferioridade biológica no livro de Stowe quando a sra. Maria St. Clare diz para a prima Ophelia que todos o escravos são crianças grandes.<sup>111</sup> É possível notar que as ideias científicas do período circulavam fortemente e em diversos veículos, fazendo-se presentes inclusive em um romance de cunho abolicionista. Ao mesmo tempo pode-se pensar que Stowe não estaria alheia aos debates do período em que vivia; pelo contrário, ela pode ter utilizado tal ideia para valorizar seu discurso abolicionista. Inclusive, a personagem que fala sobre isso é alguém bastante antipático ao longo da trama e que não possui afeição alguma pelos africanos. Mais adiante, ainda ao conversar com a Srta. Ophelia, a mulher afirma que os negros são uma raça degenerada e que possuem sangue diferente dos brancos.<sup>112</sup>

O escravo retratado como vítima é um traço presente em muitas obras abolicionistas estadunidenses. A imagem do escravo como vítima era comumente usada por escritores antiescravistas e, além disso, as obras abolicionistas estadunidenses tinham o caráter de aproximar o cativo a um irmão, ao passo que o senhor era retratado como o inimigo, homem bruto e cruel.

Para os abolicionistas americanos, os senhores eram tiranos, monstros cruéis, pecadores...

Os primeiros (os abolicionistas norte-americanos) imaginavam o escravo em geral como um irmão da família

---

<sup>109</sup>No capítulo quarenta da obra é o que pai Tomás falece. Esse capítulo é intitulado “Mártir”, por isso faz-se uso desse termo para se referir ao personagem.

<sup>110</sup>GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Ed. Martins Fontes. p. 115.

<sup>111</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. Vol I. p. 251.

<sup>112</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. Vol I. p. 251.

humana.<sup>113</sup>

Outro aspecto importante e que é bastante relevante para a compreensão do discurso abolicionista de Stowe é a religião. Tal elemento está a todo momento inserido nas falas dos personagens, principalmente dos negros. Em geral os escravos, na obra, aderiram de forma fiel à religião cristã. Não é perceptível nenhuma manifestação religiosa originária africana. Pode-se notar que a autora esvaziou as relações entre o escravo e as imposições realizadas a eles pelas práticas de seus senhores. Logo, não há algum tipo de resistência por parte do cativo em relação àquela cultura imposta. Os cativos realizam até cultos protestantes na cabana, onde Tomás e sua esposa Cloé moram:

A few of the worshippers belonged to families hard by, who had got permission to attend, and who brought in various choice scraps of information, about the sayings and doings at the house and on the place, which circulated as freely as the same sort of small change does in higher circles.

After a while the singing commenced, to the evident delight of all present. Not even all the disadvantage of nasal intonation could prevent the effect of the naturally fine voices, in airs at once wild and spirited. The words were sometimes the well-known and common hymns sung in the churches about, and sometimes of a wilder, more indefinite character, picked up at camp-meetings.<sup>114</sup>

É importante lembrar que a trajetória de Harriet Beecher Stowe foi bastante influenciada e norteadada pela religião. Seu pai e alguns de seus irmãos estavam envolvidos com igrejas protestantes e movimentos religiosos que defendiam o abolicionismo. Seu pai, Lyman Beecher, pertencia ao grupo de reformistas que promoviam o reavivamento religioso nas Igrejas Congregacionais da Nova Inglaterra.<sup>115</sup> Este tipo de reformismo

---

<sup>113</sup>AZEVEDO, Celia Maria Marinho. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003. p. 97.

<sup>114</sup>Idem, *ibidem*. (vol.I) p. 50. Tradução: *Alguns dos que acabavam de chegar vinham defazendas próximas, e por sua parte alastravam as boas-novas que rodavam a localidade. A reunião dos negros estava em conformidade com o instituído nos círculos de classe mais elevada. Após alguns instantes, iniciaram-se os cantos, cuja beleza não foi desmerecida por alguns entonações nasais. As palavras eram, algumas, retiradas dos hinários da Igreja e, outras, selecionadas nas reuniões celebradas ao ar livre: no entanto, todas possuíam um caráter indeterminado e meio selvagem.*(STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. p. 30)

<sup>115</sup> As Igrejas Congregacionais seguiam um modelo no qual cada instituição religiosa teria maior autonomia e não seria submetida a nenhuma administração superior.

tornou-se referência para o movimento abolicionista, uma vez que pregava abertamente contra a escravidão.<sup>116</sup> Em relação a seu irmão, Henry Ward Beecher, há informação de que era abolicionista e ajudava alguns negros que formaram um grupo de canto e que, no contexto da Guerra Civil, se alistaram no Exército da União.<sup>117</sup>

Por outro lado, não se pode esquecer que durante as décadas de 1810 e 1820 a luta contra o escravismo foi fortemente influenciada por movimentos religiosos, como o Reformismo religioso. Tal movimento propunha uma reforma para a sociedade estadunidense, buscando alcançar níveis de “perfeição cristã” e atacava os pecados considerados “coletivos”, como o tráfico de bebidas alcoólicas, a guerra e a escravatura.<sup>118</sup> Dessa maneira, pensa-se que Stowe estava rodeada de artifícios religiosos que a influenciaram na escrita de sua obra. Célia Maria Marinho de Azevedo aponta que vários grupos abolicionistas americanos falavam “a língua da religião”, cuja imagem central é Deus e sua imposição de uma lei suprema sobre a sociedade. Além disso, para estes abolicionistas o reino de Deus poderia se tornar real em um futuro próximo, mas isso só viria a acontecer caso todos se livrassem do pecado e adotassem a virtude que seria o direito de independência e liberdade para todos.<sup>119</sup> Por isso, a escravidão era um mal que poderia ser considerado um impedimento da salvação.

Por outro lado, não se pode pensar que todos os abolicionistas eram aliados à religião. Havia outros grupos abolicionistas que não estavam exatamente condicionados ao discurso religioso e que propunham ideologias mais radicais. William Lloyd Garrison é um exemplo de abolicionista com um posicionamento mais radicalizado e diferente daquele defendido por Stowe. Segundo Marcelle Braga, a própria autora reconhecia o radicalismo de Garrison e discordava de muitas de suas ideias e métodos.<sup>120</sup> Isso evidencia que o movimento abolicionista possuía diferentes posicionamentos. Porém, na obra aqui discutida há a presença marcante do argumento religioso como fio condutor da obra.

No final o livro Stowe conclama todos os indivíduos a lutarem contra a escravidão. Nessa parte fica claro como este abolicionismo tende a vincular Deus a um juiz que condena todos que se omitem em relação à escravidão:

---

<sup>116</sup> FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcus Vinícius. Op. cit. p. 119.

<sup>117</sup> SCHAMA, Simon. *O futuro da América: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 235.

<sup>118</sup> FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcus Vinícius. Op. Cit. p. 119.

<sup>119</sup> AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Op. Cit. p. 44 e 50.

<sup>120</sup> BRAGA, Marcelle Danielle de Carvalho. Op. cit. p. 54.

Both North and South have been guilty before God; and the *Christian church* has a heavy account to answer. Not by combining together, to protect injustice and cruelty, and making a common capital of sin, is this Union to be saved, —but by repentance, justice and mercy; for, not surer is the eternal law by which the millstone sinks in the ocean, than that stronger law, by which injustice and cruelty shall bring on nations the wrath of Almighty God!<sup>121</sup>

A autora que os leitores prestem atenção aos sinais dos tempos, como se o Reino de Deus estivesse próximo, realmente:

O, Church of Christ, read the signs of the times! Is not this power the spirit of HIM whose kingdom is yet to come, and whose will to be done on earth as it is in heaven? But who may abide the day of his appearing? "for that day shall burn as an oven: and he shall appear as a swift witness against those that oppress the hireling in his wages, the widow and the fatherless, and that *turn aside the stranger in his right*: and he shall break in pieces the oppressor."<sup>122</sup>

Mais uma vez, é relevante lembrar que o abolicionismo estadunidense era influenciado por vertentes religiosas e, como aponta José Murilo de Carvalho, destaca-se, dentre elas, principalmente, o quakerismo.<sup>123</sup> Em *A Cabana* há um capítulo intitulado *The Quaker Settlement*, em que a personagem Eliza foge com o pequeno filho buscando chegar no Canadá. Não é à toa que, neste caminho, ela é acolhida em uma colônia Quaker, conseguindo auxílio e cuidados.<sup>124</sup>

Os quakers e outros grupos religiosos fundaram as primeiras sociedades antiescravistas

---

<sup>121</sup> STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. p. 322. Tradução: *Diante de Deus, os Estados do Norte e do Sul foram criminosos, e ao Juiz Supremo e a Igreja cristã deve presta contas estritas. Criando um capital comum de barbaridade e vivendo para abrigar a tirania, os Estados Unidos não podem salvar-se a não ser pela misericórdia, pelo arrependimento e pela justiça, pois a lei física eterna, em função da qual a pedra cai no fundo do Oceano, não é tão certa quanto essa outra mais poderosa, pela qual, sobre as nações, a crueldade e a injustiça chamam a cólera do Deus Onipotente.* (STOWE, Harriet Beecher. Op. Cit. p. 372)

<sup>122</sup> STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. p. 322. Tradução: *Ó Igreja de Cristo, perceba os sinais dos tempos! Não será essa influência a do Espírito Daquela cujo reinado ainda está por vir e cujo desejo será feito tanto na terra como nos céus? Sua cólera poderá ser detida por quem? Ele não disse que “esse dia há de arder como uma fornalha”, e Cristo surgirá para depor contra “os que privam o estrangeiro dos seus direitos, arrancam o salário ao pobre e oprimem a viúva e o órfão”, e Ele esmigalhará o opressor?* (STOWE, Harriet Beecher. Op. Cit. p. 371)

<sup>123</sup> CARVALHO, José Murilo de. “Escravidão e Razão Nacional” in: *Pontos e Bordados*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p.36.

<sup>124</sup> STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. 195-206.



em meados do século XVII. Sua participação no movimento abolicionista se tornou mais declarada em meados do século XVIII, com o movimento de renovação religiosa, intitulado O Grande Despertar:

(...) pela metade do século XVIII, em parte como consequência do movimento de renovação religiosa chamado de Grande Despertar, a posição antiescravista tornou-se oficial.<sup>125</sup>

O movimento de renovação religiosa conhecido como O Grande Despertar, segundo Leandro Karnal,

(...)marcou a vida religiosa das colônias. Uma das características do movimento foi o surgimento de pregadores itinerantes. Os ministros religiosos iam de povoado em povoado pregando uma religião mais emotiva e carismática.(...) Ao valorizar a experiência pessoal da religião, “o grande despertar” estimulou o surgimento de inúmeras seitas protestantes. Mais importante ainda, este movimento procurou negar a tradição religiosa.<sup>126</sup>

Ainda que a religião tenha sido um elemento de grande influência para alguns grupos abolicionistas estadunidenses, é importante lembrar que não havia uma única defesa da abolição e nem um único perfil de abolicionista. Como já foi afirmado, anteriormente, existiam outras correntes abolicionistas, inclusive distantes da religião; por isso é preciso flexibilizar os argumentos de Celia Maria Marinho de Azevedo e José Murilo de Carvalho ao apontarem para a religião como elemento quase que definidor para do abolicionismo estadunidense. Ignorar tal ressalva pode simplificar o problema, pois poder-se-ia deduzir que todos ou a grande maioria dos abolicionistas eram cristãos e que, portanto, tal elemento seria a principal da bandeira abolicionista. Porém, não se deve negar, por outro lado, que o argumento religioso é de extrema importância, inclusive, no livro de Stowe, que tem forte enraizamento cristão.

Ao discutir a ideia de abolicionismo que perpassa *A Cabana do pai Tomás*, é necessário lembrar que a mesma fora bastante criticada por diferentes grupos abolicionistas. A autora, a princípio, não fazia parte dos grupos abolicionistas mais radicais; ao contrário, apoiava o retorno dos escravos recém libertos para a Libéria, que foi um estado criado no continente africano afim de acolher tais indivíduos que não se

---

<sup>125</sup> CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit. p.36.

<sup>126</sup> KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação*. SP: Contexto, 2008. p. 48.

encaixariam na sociedade estadunidense. Seu pai e irmãos, exceto Catherine, tornaram abolicionistas radicais, enquanto ela defendeu ainda, por bastante tempo, o discurso moderado. Por isso, muitos grupos a criticaram, bem como sua obra. O movimento negro alegou que havia tons de racismo e os abolicionistas radicais a acusavam de preconceito e de não representar o movimento abolicionista. Por outro lado, os abolicionistas moderados lhe eram gratos, pois apontavam que depois do lançamento d'*A Cabana* a luta pelo fim da escravidão ganhou projeção e maior conhecimento pelas pessoas.<sup>127</sup>

Nos capítulos finais do livro, o personagem George Harris – marido de Eliza e pai do pequeno Harry – mudam-se para a Libéria, na esperança de construir um país civilizado e cristão. Tais aspectos podem ser vistos por meio do seguinte trecho, que relata uma carta escrita por Harris:

In these days, a nation is born in a day. A nation starts, now, with all the great problems of republican life and civilization wrought out to its hand;—it has not to discover, but only to apply. Let us, then, all take hold together, with all our might, and see what we can do with this new enterprise, and the whole splendid continent of Africa opens before us and our children. Our nation shall roll the tide of civilization and Christianity along its shores, and plant there mighty republics, that, growing with the rapidity of tropical vegetation, shall be for all coming ages.<sup>128</sup>

O trecho acima torna perceptível a defesa pela autora da Libéria como um bom destino para os negros e sua não permanência nos Estados Unidos. Segundo Joan Hedrick, Stowe afirmou que não era a favor da colonização africana e se pudesse reescrever seu livro não mandaria George Harris para a Libéria novamente.<sup>129</sup> Ao notar a Libéria enquanto um elemento utilizado por Stowe para defender a não permanência do liberto nos Estados

---

<sup>127</sup>DONOVAN, Josephine. “A source for Stowe's Ideas on Race in Uncle Tom's Cabin”. In: *NWSA Journal* Vol. 7, No. 3, Autumn, 1995. p. 24.

<sup>128</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. p. 301. Tradução: *Atualmente, uma nação nasce num dia. De posse do grande problema da civilização republicana e da vida, não lhe resta nada a descobrir, basta aplicar. Juntemos, então, nossas forças e verificaremos o aproveitamento que poderemos ter dessa nova investida e desse continente magnífico da África, que se abre para nós e nossos filhos. Aí introduziremos o Cristianismo e a civilização e sobre o solo africano fundaremos poderosas repúblicas que se desenvolverão pelos séculos vindouros, sujeitas às influências de uma vegetação tropical.* (STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. p. 359)

<sup>129</sup>DONOVAN, Josephine. Op. cit. p. 24.

Unidos, percebe-se que ela não possui um posicionamento radical frente à abolição. Ainda que defendesse o fim da escravidão, a princípio, não possuía em seu projeto o desejo de inserção do ex-cativo na sociedade estadunidense.

Juntamente à religião, o argumento abolicionista da obra se baseia na Declaração de Independência estadunidense e na própria Independência dos Estados Unidos. O narrador faz alusão à Revolução Americana relembrando que muito sangue fora derramado em busca de liberdade, e afirma que muitas mães permitiram que seus filhos derramassem esse sangue.<sup>130</sup> Em outro momento, o escravo George, que estava em fuga para o Canadá, em um diálogo com outro personagem questiona se ele na condição de escravo pertence a um país, pois se sente à margem da sociedade e da lei. Também faz alusão às festividades da Independência que ocorrem todos os anos:

My country again! Mr. Wilson, you have a country; but what country have I, or any one like me, born of slave mothers? What laws are there for us? We don't make them, — we don't consent to them,— we have nothing to do with them; all they do for us is to crush us, and keep us down. Haven't I heard your Fourth-of-July speeches? Don't you tell us all, once a year, that governments derive their just power from the consent of the governed? Can't a fellow think, that hears such things? Can't he put this and that together, and see what it comes to?<sup>131</sup>

José Murilo de Carvalho aponta que a Declaração de Independência, com sua introdução sobre a igualdade dos seres humanos e sobre os direitos inalienáveis à vida, serviu para a construção do discurso abolicionista. Segundo o autor, os princípios da Declaração faziam parte da cultura republicana norte-americana, por mais que na realidade não houvesse um cumprimento do proposto no documento. No entanto, bastava aos abolicionistas exigir que os EUA aplicassem na prática os princípios que justificaram sua existência como nação.<sup>132</sup>

<sup>130</sup> STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. 239.

<sup>131</sup> STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. Vol I. p.164. Tradução: *De fato, o senhor, possui uma pátria, porém, eu tenho alguma, por acaso, sendo filho de uma escrava? Quais são as leis para nós? Caso não as redefinirmos nem as retificarmos, não poderemos esperar nada delas, afinal, servem somente para dominar-nos a fim de esmagar-nos. Porventura não ouvi os discursos que se pronunciaram a 4 de julho, aniversário da Independência? Todos os anos, pela mesma época, não falam que os governos recebem sua autoridade do consentimento dos povos? Pois bem, que se pode pensar e concluir após tudo isso?* (STOWE, Harriet Beecher. Op. Cit. p. 94.)

<sup>132</sup> CARVALHO, José Murilo. Op. Cit. p.38.

Sobre as declarações de independência em âmbito global remetemos a ARMITAGE, David.

Os abolicionistas norte-americanos acreditavam que todos os estadunidenses deveriam ser condenados, mais do que qualquer outro povo escravista, não só porque eram cruéis com seus escravos, mas também por renegarem princípios que foram proclamados e exigidos pelos mesmos. Portanto, percebe-se que Stowe, inserida no movimento abolicionista, também vincula esses preceitos cristãos para manifestar-se contra a escravidão e contra aqueles que também escravizaram. Deve-se lembrar que a autora não escreveu sob um pseudônimo, mas expôs o seu verdadeiro nome e gênero, o que a fez sofrer duras críticas no período em que publicou seu texto, sendo desmerecida por muitos.

Após a reflexão sobre a obra estadunidense passa-se agora a pensar os mesmos elementos na obra da brasileira, Nisia Floresta, onde se buscará evidenciar os aspectos que denotam que o texto é uma tradução cultural.

*Páginas de uma vida obscura* foi publicada em folhetim no jornal de Niterói que também circulava no Rio de Janeiro, *Brasil Ilustrado*, entre 14 de março de 1855 e 30 de junho de 1855. Este jornal perdurou com tal nome até 1856 e, posteriormente, tornou-se *Revista Ilustrada* (1876-1898). O jornal que publicou a obra de Floresta possuía um subtítulo “Publicação Litterária”, o que já permite inferir quais tipos de publicações eram realizadas. *Páginas de uma vida obscura* foi publicado na seção de Variedades. Geralmente, o periódico possuía de sete a oito páginas, contendo outros folhetins, poemas, gravuras e enigmas para que os leitores resolvessem.

Na folha de rosto do jornal havia indicações dos preços para a venda em Niterói e na Corte, ou seja, no Rio de Janeiro e em outras províncias e até mesmo no exterior. Dessa maneira, era cobrada uma quantia de 1\$000 nas localidades de Niterói e Rio de Janeiro na edição avulsa de oito páginas. Há, ainda, outros valores que se relacionam à compra por seis meses ou um ano. No primeiro caso cobrava-se 8\$000 e no segundo 16\$000. Já para vendas em outras províncias e no exterior vendia-se a edição avulsa por 2\$000, por seis meses 10\$000 e por um ano 20\$000.<sup>133</sup> Apesar de ser um periódico fluminense era impresso pela tipografia N. (Nicolau) Lobo Vianna e Filhos, na Rua D’Ajuda, nº 7, Rio de Janeiro. Segundo Laurence Hallewell, Nicolau Lobo Vianna adquiriu sua tipografia em

---

*Declaração de independência: Uma história global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>133</sup>Esses valores, se convertidos para os dias atuais, equivalem aproximadamente a: 1\$000 = R\$3,63, 2\$000= R\$7,27, 8\$000 = R\$2,90, 10\$000= R\$3,63, 16\$000= R\$5,81, 20\$000= R\$7,27. Para realizar a conversão aproximada dos valores anteriores para moeda corrente no Brasil nos dias atuais foram utilizados os seguintes sites <http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Moedas-brasileiras-cronologia.shtml>, e <http://www.pafarocontabil.com.br/pagina.php?id=31>,

1830 de outro tipógrafo chamado, Lionídio Feliz da Silva. A partir de então o estabelecimento conseguiu maior desenvolvimento e importância da cidade do Rio de Janeiro. Em 1850, após seu falecimento, a viúva assumiu a direção da tipografia e, posteriormente, seus filhos assumiram o negócio, que continuou indo bem na década de 1860.<sup>134</sup>

O *Brasil Ilustrado*, segundo Benedita de Cássia Lima Sant'Anna, cumpria um papel de homenagear a autoridades governamentais, por isso é recorrente imagens que façam referência a pessoas políticas. Logo, grande parte do conteúdo do impresso relacionava-se a questões cotidianas e sobre os costumes da corte.<sup>135</sup> A autora também aponta para publicações específicas do jornal que podem sugerir o grupo social que pertenceria o público leitor desse veículo. Em 1856 apareceram litografias de página inteira com figurinos europeus bastante sofisticados.<sup>136</sup> Dessa maneira, pode-se pensar que o público leitor desse jornal eram indivíduos de camada social abastada e que teriam acesso àquele tipo de objeto, como vestidos sofisticados que poderiam ser de valor alto. Indivíduos menos abastados, certamente, não possuiriam meios para consumir tais mercadorias. O jornal, possivelmente, tinha conhecimento de quais grupos eram seus leitores, por isso fazia sentido ter entre as páginas do impresso estas publicações.<sup>137</sup>

O texto de Floresta foi publicado de maneira serial em dezessete capítulos, como pede o formato folhetim. Segundo Marlyse Meyer, esse gênero está intimamente ligado ao interesse do leitor, que fica curioso de saber o que acontecerá no dia seguinte ou na próxima edição. Tais publicações apresentam estruturas muito específicas, pois utilizam suspense, repetição e até mesmo o próprio leitor em alguns casos pode interferir na obra, pedindo o retorno de algum personagem morto anteriormente.<sup>138</sup> Assim, em cada número do jornal, é comum o leitor se deparar com capítulos fragmentados. Esta relação acaba por gerar uma fidelidade do leitor em relação ao texto, fazendo com que aquele sinta a necessidade de comprar o próximo número para saber o rumo dos acontecimentos. O

<sup>134</sup>HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 123. – Nicolau imprimiu até sua morte o jornal o Diário, concorrente de a Gazeta. O jornal perdurou até 1878.

<sup>135</sup>SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. p. 80.

<sup>136</sup>SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. p. 90.

<sup>137</sup>Devemos lembrar que mesmo as pessoas menos favorecidas e, até mesmo, analfabetas poderiam ter acesso ao conteúdo produzido pelo jornal já que no século XIX a leitura em voz alta ainda era algo corriqueiro.

<sup>138</sup>MEYER, Marlyse. “Folhetim: Uma história de leitura” in: BATISTA, Antônio Augusto Gomes e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 52 e 53.

objetivo dos autores era despertar a curiosidade e tornar a leitura mais instigante. No final de cada parte havia a palavra “Continua”, mostrando o encerramento daquela seção e, também, as iniciais da autora, que assinava como B.A.<sup>139</sup>

A história narrada gira em torno da trajetória de Domingos, um menino nascido no Reino do Congo, no continente africano, que é trazido ao Brasil e vendido primeiramente na província de Minas. Nesse momento o garoto aprende a Língua Portuguesa facilmente, segundo conta o narrador, e seu senhor promete que irá libertá-lo, no entanto, o homem falece antes de cumprir tal promessa. Assim, o escravo é vendido para outro senhor. Em poder desse novo proprietário, Domingos vai preso para inocentar seu dono de um assassinato e quando se encontra em liberdade novamente, seu senhor o vende e muda-se para a Europa.

Na propriedade de seu terceiro dono, no Rio de Janeiro, Domingos encontra um pouco de conforto, mas acaba sendo vendido novamente para um quarto senhor de escravos. Em posse deste último dono o escravo salva a vida do homem, que adoece intensamente após a morte de sua irmã. Dessa maneira, o cativo nunca mais é visto como um simples escravo. Seu senhor lhe oferece tratamento um pouco diferenciado por causa do que ocorrera. O escravo perde Maria, a mulher que ama, pois esta também adoece e falece. Posteriormente a esse triste fato na vida do cativo, Domingos se une a outra escrava, considerada inferior a ele, e com ela tem um filho, que não sobrevive por muito tempo. Domingos fica extremamente abatido com a morte do filho, perdendo as esperanças e, também, as forças, o que ocasiona a sua morte. Seu senhor o acompanha até o último momento.

No final do texto há uma comparação entre o destino de Domingos com o de Pai Tomás. Nesse momento, o personagem da trama brasileira é chamado de Tom Brasileiro.<sup>140</sup> Nísia Floresta ainda afirma que este possui uma vida de mais provações e era até mais fiel a seus donos que o seu contemporâneo estadunidense, mas que talvez sua história interessasse mais se tivesse sido escrita pelas mãos de Harriet Beecher Stowe.

Domingos ou o Tom Brasileiro, o protagonista, é um personagem bastante sofrido na trama. Assim como pai Tomás, em sua trajetória torna-se propriedade de vários senhores sendo também fiel a eles, protegendo-os e até mesmo prejudicando a si mesmo para salvá-

---

<sup>139</sup> Trata-se da abreviação de Brasileira Augusta.

<sup>140</sup> O nome de Tomás na obra original em língua inglesa é Tom.

los. Logo, pode-se pensar que o protagonista brasileiro possui a mesma “mansidão” e “lealdade” que aquele personagem do romance ambientado nos Estados Unidos.

Não são brilhantes feitos de um gênio e de façanhas ruidosas de um guerreiro que encadearão hoje a nossa admiração em torno de uma memória. (...) E sim uma vida de provanças, de abnegação completa, de dedicação sem exemplo, toda submergida em uma morte obscura! É a vida e a morte de um desses seres, desprezados entre nós, a quem os homens martyrisão durante a vida, e a igreja nem uma oração consigna depois do passamento.<sup>141</sup>

A fidelidade de Domingos em relação a seus senhores é trabalhada ao longo de toda a trama. Em certo momento, o senhor de Domingos comete um assassinato e suplica para que o negro ocupe o seu lugar, tomando tal culpa para si. O escravo fica assustado, mas aceita, pois é fiel ao seu senhor.

Em seu ardente zelo Domingos não havia reparado em uma grande faca tinta de sangue que seu senhor impunhava (...) Em face de um assassino pensava elle tranzido de crescente horror, quando já um pouco acalmado por alguns instantes de repouso seu senhor continuou: Salva-me! ...mas ah! depõe essa arma meu bom negro, pois não é o teu valor physico que poderei dever a vida, mas sim ao teu valor moral, à tua fidelidade e dedicação tão reconhecidas por mim: se não empregas hoje para salvar-me estou perdido...Eu as imploro nesta hora extrema! Matei um inimigo que me odiava (...) Toma esta faca, e veste esta japona que é tua, e daqual me havia servido para melhor disfarçar-me no caso de ser perseguido. Se elles vierem, consente em passar pelo assassino e nada temas depois (...)<sup>142</sup>

Domingos, assim como pai Tomás, pode ser visto como um mártir, pois vários elementos de sua vida, que lhe trazem algum conforto são retirados ao longo da trama, bem como ocorre com o protagonista de Stowe. A mulher a quem ama e seu filho morrem deixando o protagonista em total desolamento, o que também pode ser pensado como um mecanismo narrativo que vitimiza o escravo e, ao mesmo tempo, sensibiliza o leitor.

---

<sup>141</sup> FLORESTA, Nísia. *Páginas de uma vida obscura*. Brasil Illustrado. 1855. Vol.1. Typ. de N. (Nicolau) Lobo Vianna & Filhos na Rua D’Ajuda, nº 7, Rio de Janeiro.

<sup>142</sup> FLORESTA, Nísia. Op. cit. N°2, Vol. I. 30 de abril de 1855. p.31.

No texto de Nísia Floresta oposição entre escravo e senhor é inexistente. Quando está perto de sua morte, Domingos procura o seu senhor e expressa seus sentimentos de gratidão e lealdade por com ele. Além disso, o próprio senhor age com afeto em relação ao cativo, deixando claro que o conflito entre ambos é esvaziado.

...o nobre negro simulando um espectro, aproximou-se com avidez de seu senhor, pediu-lhe humildemente a mão que abraçou nas suas descarnadas mãos exclamando: “Pensava em morrer sem ver-vos ainda uma vez, ó meu bemfeitor! meu pai! Já não poderei mais servi-vos”

E as lágrimas embargarão-lhe a voz.

O branco estendeu a mão ao negro às portas da eternidade onde ia em breve baixar...<sup>143</sup>

Sabe-se que havia conflitos no Brasil entre senhores e escravos a todo momento e que o escravo nem sempre era passivo, como retratado no período em muitas obras antiescravistas e abolicionistas. Ao longo do século XIX diversas publicações pró-abolição circularam no país. Em todas elas o negro se fazia presente de diferentes formas. Como aponta Emília Viotti, o negro mecânico, saudosos da pátria de origem, o negro torturado no eito, mucamas fiéis, quilombolas, a escrava virtuosa perseguida pelo senhor, o escravo justiceiro que vingava sua honra ultrajada.

Sobre os conflitos entre senhor e escravos, no Brasil, principalmente a partir da década de 1830, ocorreram várias revoltas, mostrando a resistência e descontentamento dos cativos.

Essa temática preocupou enormemente as autoridades, políticos, jornalistas e senhores, que passaram a refletir muito sobre a aproximação de tais levantes nos centros urbanos, pois haveria a possibilidade de que tais protestos se potencializassem por estarem ao redor das cidades. Logo, começaram a surgir ligações entre a revolta ocorrida em São Domingos e o que poderia ocorrer no Brasil<sup>144</sup>, que vivenciava os impasses do período Regencial.<sup>145</sup> Se no século XVIII o medo que invadia a vida das pessoas era o Quilombo

<sup>143</sup> FLORESTA, Nísia. Op. cit. N°4, Vol. I. 30 de junho de 1855. p. 63.

<sup>144</sup> FARIAS, Juliana Barreto, GOMES, Flávio dos Santos, SOARES, Carlos Eugênio Líbano e ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. *Cidades Negras: Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006. p. 51.

<sup>145</sup> Tal período abarca os anos de 1830 a 1840, quando D. Pedro II ainda não era considerado apto para governar. Portanto, até ser considerado maior, pois nesse período D. Pedro II tinha apenas 5 anos de idade, o país seria governado por regentes. Estes foram



dos Palmares, no século XIX o medo de uma nova Revolta de São Domingos assombrou cada vez mais os diferentes grupos, mas os senhores, em especial. Silvia Lara aponta que o impacto da reformulação das práticas de governo dos escravos foi muito mais duradouro, pois a imagem do capitão-do-mato era totalmente associada à escravidão e tinha tanta força que, posteriormente, quando as campanhas abolicionistas se encontravam em atividade, os oficiais se recusavam a desempenhar essa função e até chegaram a solicitar ao governo imperial que os soldados não fossem mais designados a tal tarefa.<sup>146</sup>

Em 1835, eclodiu na Bahia a Revolta dos Malês que, segundo João José Reis, foi o levante urbano de escravos mais sério que ocorreu nas Américas e que possui efeitos a longo prazo na lógica escravista do país. Tal conflito durou apenas algumas horas, mas aumentou o medo dos senhores e a dureza com que os cativos eram tratados. No entanto, segundo Reis, isso só aumentou a reflexão por parte dos rebeldes sobre a escravidão e o tráfico.<sup>147</sup>

Dessa maneira, podemos perceber que a movimentação escrava existiu e que a trama da brasileira Nisia Floresta esvazia essas tensões, tal como a estadunidense; porém também podemos pensar em um argumento próprio do abolicionismo brasileiro que tendia a amenizar os conflitos entre senhor e escravo. Mais uma vez é preciso lembrar que, talvez, esse esvaziamento seja um modo de chamar a atenção do leitor para as atrocidades do sistema escravista e, por isso, o escravo é retratado com tamanha mansidão. Outro aspecto que pode ser considerado nesse ponto se liga ao fato de que Nisia escreveu sua trama na década de 1850. Não havia no Brasil, nesse período, um movimento abolicionista já conformado. Maria Helena Machado aponta que a intensificação da circulação de ideias com essa temática se daria nas próximas décadas, ainda que não fosse ausente nas anteriores, mas em especial na década de 1880, os ânimos estariam bastante exaltados, inclusive contando com o forte envolvimento popular e de diferentes posicionamentos abolicionistas. Foi nas últimas décadas da escravidão que o número de revoltas de escravos

---

nomeados regentes, por meio de votação em uma sessão extraordinária da Câmara dos Deputados e do Senado. LOPEZ, Adriana e MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora SENAC, 2008. p. 422 e 423.

<sup>146</sup>LARA, Sílvia Hunold. “Do singular ao Plural: Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos” in: REIS, João José e GOMES, Flávio S. *Liberdade por um fio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 100.

<sup>147</sup>REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p 09 e 10.

aumentou, sendo elas, incentivadas, principalmente, por grupos abolicionistas radicais que ficaram conhecidos como “cometas” e que se infiltravam nas fazendas, entrando em contato com os escravos e disseminando ideias abolicionistas entre eles.<sup>148</sup>

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que essa forma de representar o escravo segue um modelo estadunidense, menos utilizado no Brasil, mas não totalmente ausente. Segundo Emilia Viotti, o escravo era figura central em inúmeros livros, como *A escrava*, de Gonçalves Dias (1846). Foram construídas diversas situações incluindo cativos, nas quais estes se encontravam melancólicos, perseguidos pelo senhor, torturados, com saudades da terra natal, dentre outras situações. Jornais abolicionistas surgiram e desapareciam com enorme frequência. No fim, poucos negros eram libertos e a situação escravista em nada se modificava.<sup>149</sup>

É importante que não se recaia no erro de afirmar que todos os abolicionistas pertenciam a um mesmo grupo ou pensavam da mesma forma e teriam a tendência de produzir representações sobre a temática da escravidão, com o mesmo teor e elementos. Havia, segundo, Maria Helena Machado muitas vertentes ideológicas utilizadas para se referir aos abolicionistas, tais como positivistas, jacobinos, socialistas, etc. A historiadora aponta que não se pode buscar, de fato, um enraizamento ideológico único nos abolicionistas brasileiros.<sup>150</sup> As ações abolicionistas eram diversas em cada província, ou seja, não eram uniformes. Em São Paulo, por exemplo, o movimento teve sua origem mais marcante nas ações dos advogados abolicionistas que se utilizavam da lei para defender os escravos alcançar suas alforrias. Somente quando após a morte de Luis Gama o movimento abolicionista paulista se tornou mais ofensivo e radical, contando com a presença de Antônio Bento e de seu grupo – os caifazes – que ajudavam diretamente nas revoltas escravas. Em outros casos, as lojas maçônicas criaram redes de sociabilidade. O Club de Libertos de Niterói, considerado a vertente mais radical do movimento na corte, e que tinha José do Patrocínio como membro, não se limitava a pensar somente a abolição, mas debruçava-se sobre o tema da reforma social mais extensa, incluindo as camadas mais pobres da sociedade.<sup>151</sup> E outros lugares, como Santos, o abolicionismo tinha grande

---

<sup>148</sup>MACHADO, Maria Helena P. Toledo. *Escravos e cometas: movimentos sociais na década da abolição*. Tese de doutorado em História. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991. p. 151, 152 e 156.

<sup>149</sup>COSTA, Emília Viotti. *A abolição*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 40.

<sup>150</sup>MACHADO, Maria Helena P. Toledo. Op. cit. p. 174

<sup>151</sup>MACHADO, Maria Helena P. Toledo. Op. cit. p. 153, 174, 175 e 176..

participação popular e práticas bastante radicais, com invasões a delegacias e quartéis com o intuito de libertar escravos presos. A turbulência popular envolvia, segundo Maria H. Machado, monarquistas e republicanistas, mas ambos abolicionistas.<sup>152</sup>

Um elemento importante que baseia o discurso abolicionista de Stowe e de grande parte dos abolicionistas estadunidenses, como já foi mencionado, é a religião. De acordo com algumas análises aqui no Brasil, a campanha abolicionista não se utilizava de um argumento religioso almejando o fim do sistema escravista. Diferentemente dos grupos protestantes nos Estados Unidos, a Igreja Católica no Brasil, segundo Ângela Randolpho, reiterava a preservação da escravidão. A autora afirma:

Os valores religiosos do catolicismo brasileiro na época da abolição não podiam constituir nenhuma inspiração para o movimento abolicionista. Muito pelo contrário, esses valores continuavam descolados das questões sociais, levavam a uma religiosidade formal, e incentivavam práticas conservadoras. Havia, sim, uma justificativa religiosa para a perpetuação do sistema escravista, assim como uma ênfase na obediência e no respeito à hierarquia para a preservação da ordem estabelecida.<sup>153</sup>

Dessa forma, é perceptível no texto de Nísia Floresta, que ela também se baseou na questão religiosa para valorizar e engrandecer seu protagonista Domingos. No começo do texto a autora alerta os leitores a respeito da especificidade da trajetória, caráter e qualidades de seu personagem “Christãos! Não motegeis; é a biografia de um verdadeiro cristão que vamos escrever”.<sup>154</sup> Ao mostrar que o protagonista é um cristão constrói-se um apelo para que o leitor dê a devida atenção ao tema. Porém, esse argumento era muito mais utilizado pelos estadunidenses do que pelos brasileiros, já que aqui a Igreja costumava ser mais conivente com a escravatura. Segundo José Murilo de Carvalho, a Igreja Católica, no Brasil mantinha certa ambiguidade, pois criminalizava e, ao mesmo tempo, justificava a escravidão. Desde o período colonial, algumas lideranças religiosas condenavam a escravidão indígena, mas aceitavam de bom grado a negra, como era o caso do Pe. Antônio

---

<sup>152</sup>MACHADO, Maria Helena P. Toledo. Op. cit. p. 153.

<sup>153</sup>PAIVA, Sandra Randolpho. *Valores religiosos na construção da cidadania: estudo comparativo Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 62 e 63.

<sup>154</sup>FLORESTA, Nísia. Op. cit. Vol. I. Capítulo I. s/p.

Vieira.<sup>155</sup>

Por outro lado, muitas vezes o fim da escravidão era defendido por meio de um viés biológico, que enxergava a presença do negro na sociedade como um problema que deterioraria a raça brasileira. Tal pensamento foi influenciado pelo Darwinismo Social, que identificava a evolução dos grupos humanos a partir da raça. Nas últimas décadas do século XIX, com a intensificação do movimento abolicionista, a questão da raça foi mais uma vez pensada para evitar que os não brancos participassem da política. Assim, há grande presença desse discurso racial no interior do movimento abolicionista brasileiro, de forma que em vários textos, seus autores justificaram a necessidade da abolição tendo a raça como um ponto central.<sup>156</sup> Os elementos pertencentes ao Darwinismo Social também circularam em outros países além do Brasil. Segundo Stephen J. Gould, no século XIX, o conceito de evolução transformou o pensamento humano e muitas questões relacionadas as ciências foram pensadas por meio desse conceito. Os criacionistas e evolucionistas estabeleceram distinções entre os grupos humanos ao explorarem o tamanho do cérebro de diferentes indivíduos.<sup>157</sup>

Ao longo do século XIX, o negro não era visto com bons olhos. Algumas motivações foram responsáveis para essa consideração. A Revolução do Haiti provocou certo medo em todas as elites de que pudesse ocorrer o mesmo tipo de revolta no Brasil.<sup>158</sup> Além disso, quando passou a se pensar no fim da escravidão havia intelectuais que afirmavam que os negros se vingariam de seus opressores, ou seja, os brancos sofriam constante ameaça, criando, assim, uma espécie de “inimigo doméstico”, como aponta Celia Maria Marinho de Azevedo.<sup>159</sup> Por outro lado, o negro era visto de acordo com os princípios evolucionistas e racistas científicos, como um tipo viciado, preguiçoso que não contribuiria para o desenvolvimento do país. Mais uma vez o negro era atrelado ao estigma da incapacidade, devido a sua origem africana. Dessa forma, ele teria baixo nível mental

---

<sup>155</sup>CARVALHO, José Murilo. Apud PAIVA, Sandra Randolpho. *Valores religiosos na construção da cidadania: estudo comparativo Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p.63 e 64.

<sup>156</sup>NAVARRETE, Federico. “A invenção da etnicidade nos Estados-Nações americanos nos século XIX e XX” in: HARRES, Marluza Marques e HEINZ, Flavio M (Orgs.). *A História e seus territórios: Conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 103.

<sup>157</sup>GOULD, Stephen Jay. Op.cit. p. 111.

<sup>158</sup> Sobre o tema consultar JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2000.

<sup>159</sup> AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.p.36.

causado pela “vida selvática” da África, resistente a toda forma de civilização.

Percebe-se, então, que o abolicionismo brasileiro estabelecia-se baseado no próprio racismo, e Floresta, diferenciando-se dessas características brasileiras (sem abandonar totalmente o contexto nacional) acabou incorporando elementos do discurso estadunidense, como é o caso da religião. Outro elemento de aproximação entre as duas obras ocorre por meio das diferentes regiões do país. No caso do Brasil, Domingos é vendido de um senhor para outro, passando por diferentes províncias, como Minas Gerais e Rio de Janeiro. Na obra de Stowe ela também realça os locais por onde seus personagens passam como Kentucky, Mississipi e até mesmo o Canadá, para onde fogem a personagem Eliza, seu pequeno filho Harry e seu marido George.

No final de seu texto a autora estabelece uma comparação entre seu protagonista e o de Stowe. Nesse momento, ela intitula Domingos, como já apontamos, com o mesmo nome do personagem da estadunidense, chamando-o de “Tom Brasileiro”. Floresta tenta mostrar a importância do seu protagonista sobre o de Stowe:

O branco estendeu a mão ao negro as portas da eternidade onde ia em breve baixar, não o descuidoso philantropo St. Clare que deixando o martyr Tom exposto aos horrores do cativo de bárbaro senhor, mas sim o Tom Brasileiro, cuja vida de mais duras provanças ou antes de mais extraordinária fidelidade do que foi a do seu contemporâneo da União interessaria duplamente ao leitor se fosse escripta pela insigne Penna de Mrs. Stowe...<sup>160</sup>

A autora brasileira possui conhecimento de detalhes da obra estadunidense, o que indica que a mesma tenha lido a edição original, e provavelmente não a tradução para o Português que havia sido publicada em 1853. Esta edição já traduz Tom para Tomás e Floresta, ao citar o nome do protagonista, utiliza Tom tal como está presente nas edições em Francês e em Espanhol, que são traduções publicadas em período muito próximo da edição original.<sup>161</sup>

Além dos pontos de encontro entre as duas obras que se caracterizam na religião, nas regiões, no nome dos protagonistas, há também desencontros ou disparidades entre Stowe e Floresta no trecho da obra apresentado anteriormente. Floresta realiza uma crítica

---

<sup>160</sup>FLORESTA, Nísia. Op. cit. N°4, Vol. I. 30 de junho de 1855. p. 63.

<sup>161</sup>A tradução para o Espanhol foi publicada em 1853 e a versão para o Francês é de 1853 e, também, de 1879.

ao senhor de Tomás, St. Clare. O homem é acusado de ter deixado o negro morrer no poder de senhor tão cruel. Sabe-se que o último senhor de pai Tomás era um sulista bastante perverso. Na ocasião da morte de Domingos, o senhor fica com ele até que o escravo morra. Nesse ponto deve-se fazer uma ressalva sobre St. Clare, pois quando Tomás falece o seu senhor já havia morrido é, por isso que a esposa dele vende o cativo para o sulista Legree. Por outro lado, esse discurso de Floresta realiza um encaminhamento para que se pense que no Brasil senhor e escravo tinham tão boa relação e que a escravidão não teria sido tão terrível. Este é um ponto de divergência entre Stowe e Floresta. Talvez, textos como o de Nísia estejam na base de uma interpretação historiográfica que veio a desenvolver durante o século XIX.

Há diversos autores que, a partir deste momento, defenderam a concepção de que a escravidão no Brasil teria sido mais branda do que nos Estados Unidos ou em outros lugares. Esse ponto de vista atualmente é bastante questionado e criticado, mas é importante conhecê-lo, pois está baseado nos próprios agentes defensores do abolicionismo no século XIX. Assim, a análise se debruçará agora na reflexão acerca dessas teorias e as críticas que sofreram.

Um dos principais autores conhecidos por suas teorias que diluem o preconceito ao negro e sua exclusão na sociedade é o sociólogo Gilberto Freyre. Em sua principal obra, *Casa-Grande e Senzala*, publicada em 1933, realiza o estudo da formação nacional a partir do desenvolvimento da região Nordeste e mostra o papel e importância das três raças formadoras da população nacional. Segundo o autor, a miscigenação racial e cultural foi fundamental para o sucesso da ação colonial portuguesa no Brasil.<sup>162</sup> A superioridade dos povos africanos trazidos para a colônia também determinaram o desenvolvimento colonial. Freyre mostrou que os portugueses escolheram de forma mais particular os grupos que viriam para o Brasil; já os colonizadores ingleses levaram grupos de maior força e que apenas desempenhariam bem as atividades agrícolas. Já no caso brasileiro, segundo o autor, os negros possuíam uma cultura mais “adiantada” e foram um elemento ativo, criador e até mesmo nobre na colonização do Brasil.<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup>BASTOS, Elide Rugai. “Casa-Grande e Senzala” in: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico*, 1. São Paulo: Editora SENAC, 2001. p. 217.

<sup>163</sup>FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Ed. Recor, 1998. p. 306 e 307.

Ao longo de sua análise Freyre explora a ideia da existência de uma harmonia e de uma democracia racial. Tais expressões levam à interpretação de que no Brasil a escravidão não foi tão severa e violenta quanto, por exemplo, nas colônias inglesas. Dessa maneira, até mesmo o processo da abolição torna-se diluído e as práticas de resistências e revoltas podem ser esquecidas. Sabemos que essa forma de interpretação é bastante criticada atualmente, principalmente a partir de estudos que trouxeram à luz as ações escravas em resposta à escravidão, como no estudo de João José Reis sobre a Revolta dos Malês.<sup>164</sup>

Porém, interpretações como a de Freyre circularam por um bom tempo no século XX e foram utilizadas e reapropriadas em outros estudos como é o caso de Frank Tannenbaum e seu livro *Escravo e Cidadão*, publicado em 1947. Tal autor se utilizou em parte das ideias de Gilberto Freyre para mostrar como o escravo negro ocupou um lugar na sociedade brasileira, ou seja, esse indivíduo não sofrera a exclusão e, portanto, não estaria apartado da sociedade. Segundo esse autor o escravo, no caso brasileiro, não foi considerado uma mercadoria, ao contrário do que ocorrera em terras estadunidenses, onde o cativo era somente uma força em meio à *plantation*. Nesse último caso a liberdade não poderia acontecer a não ser de forma violenta, por meio de conflitos, como a Guerra Civil Americana e a Revolta do Haiti. Tannenbaum, em seu texto, mostrava claramente que a situação escrava brasileira era bastante diferenciada. Segundo o autor, as crueldades cometidas ao negro no Brasil eram punidas pela lei e, talvez, estas não fossem tão recorrentes como nas colônias inglesas. No caso das colônias inglesas, o autor afirma:

En las Índias Occidentales británicas el logro de la manumisión implicaba solo que el negro se había liberado de la obligación de servir a un amo especial. Ello no acarrea ningún nuevo derecho...<sup>165</sup>

No caso brasileiro ou das colônias espanholas, portanto, o negro teria uma condição de vida muito melhor e poderia disfrutar de sua liberdade de uma maneira que o negro nos Estados Unidos jamais poderia

Pero lo más importante era el hecho de que se le abría

---

<sup>164</sup>REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>165</sup>TANNENBAUM, Frank. *El negro em las Américas: Esclavo y Ciudadano*. Buenos Aires: Paidós. p. 91.

el camino a la libertad y de que, una vez libre, el negro disfrutaba, en su totalidad de un status legal idéntico al de cualquier otro súbdito del rey o de cualquier otro ciudadano de Estado...<sup>166</sup>

Quando os estudiosos acreditavam que os negros tinham pior tratamento nos Estados Unidos, logo eram demarcadas as ações realizadas aos libertos, evidenciando as violências sofridas por eles. Apresentando tais argumentos o autor buscava comparar o contexto brasileiro ao estadunidense.

Un negro libre podía ser esclavizado por ayudar a un esclavo fugitivo (...) Aunque libre en el Norte, se lo podía esclavizar al entrar en un Estado esclavista (Geórgia o Maryland) o por casarse con una esclava. (...) Em Maryland, a un hombre de color libre le cortaban las orejas si golpeaba a un hombre Blanco...<sup>167</sup>

Tais interpretações não surgiram do vazio. No século XIX, esse discurso de que o Brasil dava um tratamento mais brando ao negro e ao cativo, povoou significativamente o imaginário sobre o país e suas relações sociais. Os próprios abolicionistas brasileiros se utilizaram desses argumentos contrastando a realidade estadunidense daquela vivenciada no Brasil. Dessa forma, muitas vezes os senhores dos Estados Unidos eram retratados de forma maléfica, enquanto os brasileiros eram representados como condescendentes. Como vimos, esse traço é perceptível na narrativa de Nísia Floresta em *Páginas de uma vida obscura*, quando o escravo Domingos (Tom Brasileiro) falece. Nessa cena há a marcante presença do seu senhor oferecendo argumentos para que Floresta critique o senhor de *A Cabana do pai Tomás*, que abandonou o escravo sozinho em seu último suspiro.

Como a narrativa brasileira é uma tradução cultural, os pontos em que a obra original e a de Floresta divergem fazem parte do processo de recontextualização, tal como sugerido por Peter Burke<sup>168</sup>. Dessa maneira, a companhia do senhor de Domingos junto dele em seu momento de morte trata-se, por um lado, de uma marca já presente em Nísia e, logo, no abolicionismo brasileiro que, como foi mencionado anteriormente, tendeu a suavizar os efeitos da escravatura. Ao longo do século XX seria também uma marca da historiografia sobre a escravidão no Brasil. Por outro lado, podemos questionar se Floresta

---

<sup>166</sup>TANNEMBAUM, Frank. Op.cit. p. 91.

<sup>167</sup>TANNEMBAUM, Frank. Op. cit. p. 93.

<sup>168</sup>BURKE, Peter e R. PO-CHIA, Hsia. Op. cit. p. 15 e 16.



também não tinha o objetivo de trazer os olhares brasileiros, por meio de uma produção nacional, para a questão para ela tão séria e urgente que era a abolição, sendo que esse debate já era mais sólido e fortificado nos Estados Unidos.

O discurso que aproximava escravos e senhores não era uma representação somente brasileira acerca de sua realidade, mas em outros países havia realmente a crença de que aqui não existiam tamanhas barreiras sociais para o escravo ou para o liberto. Muitos acreditavam que o negro, no Brasil, era protegido legalmente, já que houve diversas leis que “libertavam” de alguma forma o escravo – Lei Eusébio de Queiroz, Lei do Sexagenário, Lei do Ventre Livre e, por fim a Lei Áurea -; nos Estados Unidos, por outro lado, houve por intermédio da lei um endurecimento nas relações com o cativo.<sup>169</sup> É importante lembrar que por volta de 1850 foi promulgada a Lei do Escravo Fugido, que impedia e proibia qualquer tipo de ajuda aos negros que por ventura fugissem das propriedades de seus senhores. A consequência para qualquer assistência seria a aplicação de multas.<sup>170</sup>

Essa imagem do Brasil como país tolerante ao negro/escravo era utilizada para criticar outras localidades onde o racismo era um fator declarado na sociedade. Os abolicionistas estadunidenses, por exemplo, não olhavam com bons olhos o seu país que já era uma República e ainda sofria desse mal. Sobre isso o abolicionista Frederick Douglas apontou:

Duvido que jamais tenha existido um povo mais tiranizado mais desavergonhadamente pisado e impiedosamente usado, do que as pessoas livres de cor destes Estados Unidos. Mesmo um país católico como o Brasil (...) não trata as pessoas de cor, livres ou escravas, do modo injusto, bárbaro e escandaloso como nós tratamos.

(...) A prática naquele país é uma vez emancipado o escravo, ele é imediatamente investido com todos os direitos de um homem – tornando-se igual a todos os outros súditos do Império. Nenhuma lembrança da sua servidão passada agarra-se a ele. Ele é um homem livre. A sua cor e aparência perdem-se de vista no brilho de sua Liberdade.<sup>171</sup>

Com essa fala de Douglas é possível notar claramente que a imagem de um Brasil

---

<sup>169</sup>TANNEMBAUM, Frank. Op. cit. p. 91.

<sup>170</sup>Sobre a Lei dos escravos fugidos, disponível em: <http://www.nationalcenter.org/FugitiveSlaveAct.html> (Acessado em 27/05/2015)

<sup>171</sup>Citado por AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Op. cit. (2004). p.159.

sem preconceitos e de harmonia racial circulou amplamente, em especial após 1860, quando os abolicionistas brasileiros intensificaram tal traço em suas obras. Também lembramos, do autor Frank Tannembaum e acreditamos ser possível notar uma forte relação entre as ideias dele e as de Douglas, mostrando-nos, assim, que essas ideias tiveram respaldo proveniente do próprio período em questão. Por outro lado, sabe-se que em meados do século XIX passou-se a defender a transição do trabalho escravo para o livre, que seria realizado por imigrantes europeus e brancos. A questão da inferioridade do negro aumentou, baseando-se a intelectualidade cada vez mais nas teorias científicas e raciais. Além disso, o fim da escravidão viria não somente pela piedade ao oprimido, mas, também, por causa das consequências e “prejuízos” resultantes desse regime de trabalho, que eram em parte o aumento da população negra no país, como apontou o deputado e advogado alagoano Aureliano Cândido Tavares Bastos em seus escritos ao longo da década de 1860.

Esse discurso de defesa da abolição para evitar outras consequências mais graves também está presente na obra de Nísia Floresta, em especial em seus relatos de viagem que foram analisados pela historiadora Stella Maris Scatena Franco. Em sua análise, aponta que para a autora, a abolição seria como um “remédio” que evitaria males maiores, como a rebeldia e a desordem. Além disso, o fim da escravidão também não serviria como um fim definitivo para a servidão e exploração do negro, mas sim como um modo de mantê-la, porém de outra forma. Assim, haveria uma servidão voluntária por parte dos ex-cativos aos seus senhores:

...a escravidão é uma obra maldita pela ciência, pela religião e pela própria política. Embrutece a inteligência do proprietário, corrompe seu coração e, cedo ou tarde, sua própria carne (...) O único meio de impedir essas soluções violentas é, parece-me, transformar a escravidão em “domesticidade”, incorporando-a às famílias. A solução da questão mais temível do mundo é, portanto, bem simples. Amai vossos negros e eles vos servirão, não como bichos, mas como homens livres e dedicados.<sup>172</sup>

Assim, algumas linhas do pensamento teórico sobre a História do Brasil, mais especificamente, sobre a escravidão, da primeira metade do século XX foram inspiradas

---

<sup>172</sup>FLORESTA, Nísia. Apud FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de Outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. p. 157 e 158.

por essas ideias que já circulavam intensamente no século XIX em diferentes grupos. Gilberto Freyre, sociólogo do século XX, apontou que as diferenças sociais entre os indivíduos brasileiros não eram um resultado do preconceito racial, mas sim da diferença de classes.<sup>173</sup> Também defendia a ideia de que o negro possuía mobilidade social, aspecto que diferenciaria o Brasil dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que no primeiro caso a miscigenação foi um modo de escapar dos problemas sociais.<sup>174</sup>

No entanto, Emília Viotti aponta que cerca de vinte anos depois das publicações de Freyre<sup>175</sup>, outros cientistas sociais realizaram novos estudos e mostraram que o preconceito racial tinha circulado no Brasil tão fortemente quanto nos Estados Unidos e que, talvez, o negro não tenha sido excluído pelas vias legais, mas em um processo informal de segregação.<sup>176</sup> Dessa maneira, uma suposta mobilidade social que o negro possuiria, na interpretação de Freyre, pode ser bastante contestada já que a maioria permaneceu em posições subalternas e, sendo muito difícil a ascensão social.<sup>177</sup> O negro livre muitas vezes também tinha que concorrer com os imigrantes brancos, nas últimas décadas do século XIX, para conseguir trabalhar. Como era considerado intelectualmente inferior ao imigrante, tornava-se, então, mais difícil ainda se integrar na sociedade e no mercado de trabalho. Segundo Roberto Ventura, os poderes públicos aplicaram recursos para estimular a imigração, sem criar condições ao negro na transição entre o mundo servil e sua nova existência de cidadão. Assim, a abolição contribuiu para a marginalização do afro-brasileiro ao barrar sua participação na esfera política e na nova ordem econômica.<sup>178</sup>

Era preciso comprovar que o negro possuía tanta inteligência quanto o branco, para que ele pudesse ocupar funções e obter alguma importância social. Eram comuns denúncias ao preconceito e exclusão ao negro, mas muitos desses artigos, quando buscavam defender os negros dizendo que eram capazes que sua raça não era inferior,

---

<sup>173</sup>COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 363.

<sup>174</sup>COSTA, Emília Viotti da. Op. cit. (1999). p. 364.

<sup>175</sup>As publicações de Gilberto Freyre se deram ao longo das décadas de 1930 e 1940. Sua principal obra *Casa-grande & senzala* foi publicada em 1937. Porém a historiadora Emília Viotti da Costa em seu livro *Da monarquia à república: momentos decisivos*, cita uma publicação de Freyre intitulada *Brazil: an interpretation*, que é fruto de uma série de palestras proferidas em Nova Iorque no ano 1945. Essa publicação no Brasil é de 1947.

<sup>176</sup>COSTA, Emília Viotti da. Op. cit. (1999). p. 366.

<sup>177</sup>COSTA, Emília Viotti da. Op. cit. (1999). p. 366

<sup>178</sup> VENTURA, Roberto. “Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república” in: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 340 e 341.

tenham como modelo racial aquele considerado dominante, ou seja, o branco. Até mesmo em obras de caráter abolicionista esse padrão também era utilizado ao longo da crítica à escravidão. O negro era constantemente “branqueado” pelos autores. Este aspecto fica evidente aqui no Brasil em obras como *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, em que a protagonista possui traços muito mais próximos do indivíduo branco. E se pensarmos em outras localidades podemos usar com exemplo a obra cubana de Gertrudis Gómez de Avellaneda, intitulada *Sab* (1841), na qual o protagonista é um mulato com características físicas bastante alvas.

No caso das obras que são analisadas nesse capítulo, tais traços não são identificados se observarmos somente o físico desses personagens, pois Tomás e Domingos não possuem quaisquer características físicas que os aproximem do biotipo branco. Porém, perguntamo-nos se esse “branqueamento” deve se relacionar somente a traços físicos ou se tal processo iria além, incorporando aos personagens elementos e práticas que os aproximem da cultura do homem branco. Lembramos, então, que ambos os protagonistas não seguem religiões vindas da África, mas aderem à religião do senhor, isto é a religião do branco, o cristianismo. Sabemos, como já foi afirmado anteriormente, que a religião foi um instrumento utilizado pelos abolicionistas, principalmente, estadunidenses para criticar a escravidão e angariar mais adeptos à causa. Mas, é importante notarmos que ainda que faça parte de um argumento abolicionista, a religião africana é totalmente descartada das tramas e, por consequência, há certo desenraizamento do africano de sua cultura nativa.

Por isso, em nossa visão, o discurso de harmonia racial e tolerância, proposto e desenvolvido por Gilberto Freyre e Frank Tannembaum – respaldado em autores e textos do século XIX, - pode e deve ser contestado, pois um estudo cuidadoso de obras do século XIX mostra que os autores, mesmo ao realizarem a defesa do negro, tendiam a segregá-lo ou a remodelá-lo nos padrões do sujeito branco e “civilizado”.

### **3. A Mulher e o Cativo: aproximações ou distanciamentos?**

Antes de concluirmos este capítulo pretendemos refletir sobre as possíveis analogias, nas duas obras analisadas, entre a condição das mulheres e dos escravos. Seria possível alguma identificação entre elas e esses indivíduos? As personagens femininas dessas tramas teriam alguma proximidade com os cativos, demonstrando dessa forma a falta de liberdade que viviam?

A identificação entre as mulheres e os cativos, é um traço possível de se notar em outras obras do mesmo período, por exemplo, em *Sab* (1841), da cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda. Nesse romance a autora, por meio de diálogos e da narrativa aproxima a condição das mulheres à dos escravos e, em certo momento aponta que as mulheres vivem uma condição subalterna, pela falta de liberdade, é até pior que a do escravo.<sup>179</sup> Segundo Adriana Mendez-Rodenas esse discurso combina a mulher com outros tipos nacionais, isto é, aproxima mulher e o negro e/ou o mulato escravo.<sup>180</sup> Dessa maneira haveria a intenção de refletir acerca da realidade de dois indivíduos diferentes, porém subalternos ou que de alguma forma eram marginalizados na sociedade do século XIX. Na obra de Avellaneda a mulher equiparada ao escravo pela sua condição é branca e abastada.

Como já foi afirmado anteriormente, Nísia Floresta escreveu e ficou bastante conhecida por seus textos sobre as mulheres e em alguns deles ela reflete sobre os papéis das mulheres na sociedade. Segundo Stella Maris Scatena Franco

A leitura dos relatos de Nísia Floresta nos remete a termos e imagens que prefiguram uma concepção idealizada da mulher e dos papéis femininos no século XIX: modéstia, simplicidade, ocultamento e altruísmo; caridade silenciosa, reclusão, recusa à sociabilidade burguesa e ao mundanismo...Essas evidências mostram que a autora se imbuía do próprio discurso da dominação, o mesmo discurso que, segundo cremos, visava determinar as desigualdades nas relações entre sexos no período.<sup>181</sup>

O período de produção de Floresta é de fato um momento em que o discurso dominante era o de separação das funções sociais, pautadas pelo sexo. Michelle Perrot aponta que

O século XIX claramente distinguiu as esferas, pública e privada...grosso modo, o mundo público, sobretudo econômico e político, é reservado aos homens (...) Nelas as mulheres se inserem como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e atitudes...<sup>182</sup>

---

<sup>179</sup> AVELLANEDA, Gertrudis Gómez de. *Sab*. Havana: Arte y Cultura, 1976. p.164 -165 e 280 – 281.

<sup>180</sup> MÉNDEZ-RODENAS, Adriana. Mujer, nación, y otredad en Gertrudis Gómez de Avellaneda. In: *Cuba en su imagen: historia e identidad en la literatura cubana*. Madrid: Editora Verbum, 2002. p. 15 e 16.

<sup>181</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. Op. cit. p. 158.

<sup>182</sup> PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina” in: *Revista Brasileira de História*.

No entanto, de acordo com as autoras, deve-se relativizar esse discurso, que acaba vitimizando a mulher e não observa que ela também foi um sujeito na história. Floresta, por exemplo, ainda que realizasse a defesa de uma série de características que a mulher deveria portar, não se limitava ao privado, pois passou a maior parte de sua vida viajando e escrevendo.<sup>183</sup> Floresta defendia a não atuação da mulher na política e ao mesmo tempo sua obra é permeada de críticas sociais e posicionamentos políticos. Ainda adotou um discurso que procurava corrigir o comportamento feminino que fora desvirtuado pelos homens. Estes faziam com que as mulheres agissem de maneira “artificial”, incentivando nelas as “ vaidades mundanas”. Dessa maneira, para Nísia as mulheres seriam fortemente injustiçadas pelos homens, que eram os reais culpados por desviarem-nas de seus papéis “naturais”.<sup>184</sup>

Ao pensar no discurso que estabelece relações entre subalternos, e que segundo Adriana Mendez-Rodenas, foi enraizado por Getrudis Gomez de Avellaneda, seria possível estabelecer algumas aproximações entre as concepções de Nísia sobre a mulher e o escravo. Em *Páginas de uma vida obscura*, diferentemente do livro cubano *Sab*, a equiparação da condição do escravo com a da mulher não é formalmente realizada. No entanto, não se pode negar os paralelos entre a forma como ela concebia idealmente a mulher e a condição do escravo. Em ambos os casos, há uma certa dose de resignação à condição “natural” desses indivíduos. Mesmo que, no caso da mulher, ela afirme o discurso da domesticidade para em seguida negá-lo ou subvertê-lo, o ideal de feminilidade acata convenções culturais como sendo dados da natureza. O mesmo se passa com os escravos. Ao invés de se rebelarem, eles deveriam se resignar. Esse conformismo é claro na história de Floresta, analisada neste capítulo. O protagonista Domingos em nenhum momento revolta-se contra sua condição de cativo; pelo contrário, serve a seus senhores com grande devoção até o último momento de sua vida.

Dessa maneira, é perceptível que mulher e escravo, enquanto marginalizados e subalternos, estão imbricados na narrativa, pela projeção da autora, no que diz respeito às suas maneiras de agir. Ambos deviam aceitar conformadamente sua situação e seriam beneficiados de alguma forma. A mulher auxiliaria para o bem da humanidade, mantendo a

---

São Paulo, V.9 n. 18, agosto/setembro, 1989. p. 10.

<sup>183</sup>FRANCO, Stella Maris Scatena. Op. cit. p. 159.

<sup>184</sup>Idem, *ibidem*. p.162

dignidade e valores morais cristãos, ao passo que os negros seriam absolvidos por tal comportamento bondoso e, por fim, alcançariam a glória eterna.<sup>185</sup>

No livro de Harriet Beecher Stowe a identificação da mulher com o cativo negro é bastante sutil e o leitor pode não captar tal relação rapidamente. Sabemos que Stowe era uma dentre oito filhos do reverendo calvinista Lyman Beecher. Entre eles, três mulheres – Catherine, a mais velha -, Mary e Harriet – e cinco homens – William, Edward, George, Henry Ward e Charles. Ao longo de sua trajetória frequentou escolas para moças e demonstrou ser bastante aplicada. Partilhou do mesmo ofício que sua irmã Catherine, na área de educação, tendo sido sua principal assistente na escola que fundou em meados da década de 1820.<sup>186</sup> Foi professora de Composição e Retórica na Hartford Female Seminary, escola fundada pela irmã. Catherine atribui a Stowe a fundação de um método de ensinar, por meio do qual os alunos melhoraram sua linguagem escrita e criaram formas de “falar” o que pensavam.<sup>187</sup>

No período em que escreveu *A Cabana* a autora havia perdido um filho. Sua principal biógrafa Joan Hedrick aponta que este pode ter sido um dos motivos pelos quais ela escreveu seu o livro, fato que também estaria na base de sua crítica, a Lei dos Escravos Fugidos (1850) que também estimulava a crueldade para com os cativos.

Talvez o próprio contexto estadunidense possa justificar a ausência dessa questão na obra da autora. Segundo Carl Degler, as mulheres em períodos recuados da História dos Estados Unidos já possuíam alguma liberdade.

...as mulheres na Inglaterra, nos séculos XVI e XVII, gozavam já de uma posição muito mais livre e independente, na família e na sociedade em geral (...) Além disso, há razões para acreditar que no princípio do século XVII, logo que se estabeleceram as colônias norte-americanas, a posição das mulheres inglesas na família e na sociedade melhorou consideravelmente. (...) Quanto às mulheres, pareciam muito menos temerosas de seus maridos e comportavam-se quase como iguais.”<sup>188</sup>

---

<sup>185</sup> Idem, *ibidem*. p. 163.

<sup>186</sup> STOWE, Charles Edward. Op. cit. p. 53.

<http://www.gutenberg.org/cache/epub/6702/pg6702.html>.

<sup>187</sup> HEDRICK, Joan D. *Harriet Beecher Stowe: a life*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 54.

<sup>188</sup> DEGLER, Karl N. *Nem preto nem branco: escravidão e relações sociais no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976. p. 244.

Porém, não podemos dizer que as mulheres dos Estados Unidos nesse período já desfrutavam de total liberdade. É necessário questionar e relativizar a afirmação acima, de Degler, de que havia uma quase total ausência de diferenças de condições entre os sexos no início da colonização, pois, caso contrário, teríamos que ignorar boa parte da luta feminina, nos Estados Unidos, em busca de direitos e espaço na sociedade. Algumas delas inclusive estavam atreladas à luta antiescravista. Um exemplo disso são as Sociedades Antiescravistas Femininas, que surgiram em 1830 nas cidades de Boston e da Filadélfia. Segundo Judith Mulcahy, essas Sociedades Antiescravistas muitas vezes inseriram pela primeira vez as mulheres fora do âmbito doméstico e no mundo da atividade política, que era dominada pelos homens:

O trabalho de grupos como a Sociedade Antiescravista Feminina de Boston e a Sociedade Antiescravista Feminina da Filadélfia (ambas fundadas em 1833) introduzira mulheres locais, muitas delas pela primeira vez, no mundo da atividade política dominada por homens.<sup>189</sup>

Estas Sociedades foram atacadas e suas sedes depredadas e queimadas, o que evidencia o quanto as mulheres, ainda que se movimentassem e conquistassem um pequeno lugar na sociedade e nas questões políticas, sentiam dificuldades para expor publicamente suas ideias.

Além disso, os movimentos em favor dos direitos das mulheres nos Estados Unidos, no século XIX, defendiam que elas tinham um papel mais amplo e mais importante, que seria o de ser cidadã ao invés de somente desempenhar funções como as de ser mãe, esposa e filha.<sup>190</sup> Portanto, temos que pensar que ainda que Stowe não tenha inserido a problemática da limitação da liberdade feminina em sua trama, esta existia e alimentava grupos que lutavam contra a opressão da mulher na sociedade estadunidense. Por isso, não é possível pensar que nesse país as mulheres eram totalmente munidas de liberdade e por isso esse tema estaria ausente do livro da autora.

No entanto, podemos perceber alguns elementos que nos levam a pensar em uma

---

<sup>189</sup>MULCAHY, Judith. “Primórdios do Ativismo feminino nos Estados Unidos e a Violência de Rua” in: *Impulso Piracicaba*, nº 37, vol. 15. Campinas: Editora UNIMEP, 2004. p. 63.

<sup>190</sup>KARNAL, Leandro (org.). *História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI*. São Paulo: Ed. Contexto, 2008. p. 188.



possível representação das mulheres e sua relação com os escravos. O traço religioso que perpassa todo o livro também é perceptível nas mulheres brancas. A maioria delas são adeptas dos preceitos cristãos, vivem mais envolvidas com a prática religiosa do que os homens, como é o caso da sra. Maria St. Clare e sra. Ophélia que sempre vão aos cultos dominicais<sup>191</sup>. Além disso, a maioria dessas personagens femininas tem a sensibilidade como um traço que compõe suas personalidades. A sra. Shelby, por exemplo segue esse perfil, como é possível notar no trecho a seguir:

Mrs. Shelby was a woman of a high class, both intellectually and morally. To that natural magnanimity and generosity of mind which one often marks as characteristic of the women of Kentucky, she added high moral and religious sensibility and principle, carried out with great energy and ability into practical results.<sup>192</sup>

Segundo Josephine Donovan, é possível identificar no livro de Stowe características nas mulheres e nos negros que se assemelham, ou seja, o cativo seria um indivíduo munido de sensibilidade, discernimento entre o bem e o mal e seria um cristão natural. Ele estaria no estágio mais alto da escala moral, diferentemente do branco. No século XIX era recorrente a ideia de que a mulher teria características próprias do sexo feminino. Esse argumento era baseado em pesquisas realizadas por cientistas em diferentes locais do mundo, como nos Estados Unidos, Europa e Brasil. Esses estudos defendiam que a mulher e alguns povos partilhavam de vários traços em comum o que levavam a crença que esses grupos fossem considerados inferiores. Stephen J. Gould mostra que na ótica de vários cientistas, as mulheres eram parecidas com os homens em seu estágio inicial, por isso emocionavam-se com maior facilidade e eram mais inconstantes emocionalmente, por isso também se suicidavam com mais frequência do que os homens. Todos esses traços evidenciavam ideia da inferioridade das mulheres e também de outros povos, como os africanos. Essa dita inferioridade também era constatada em estudos científicos que mediam crânios de mulheres, povos considerados selvagens e de homens brancos. Por meio da diferença do tamanho entre o crânio desses indivíduos concluía-se que existia

---

<sup>191</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. Vol I p. 261, 262 e 263.

<sup>192</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. Vol I, p. 25 e 26.

superioridade e inferioridade entre eles. Assim as mulheres, indígenas e africanos eram inseridos em grupos inferiores ao sexo masculino e caucasiano.<sup>193</sup>

Nesse ponto, percebe-se uma diferenciação. Entre os brancos haveria uma diferença entre homens e mulheres, pois estas se aproximariam das características do negro. Também, seriam sensíveis, cristãs e mais emocionais. Por outro lado, o homem branco possuiria características que se aproximariam da razão; dessa maneira, pode-se dizer que seriam mais frios, lógicos, objetivos e teriam maior capacidade intelectual, mas não necessariamente seriam bons cristãos. Assim, como aponta Donovan, o homem branco estaria em um nível cristão menor que o africano.<sup>194</sup>

Ao analisarmos a representação do escravo no livro estadunidense anteriormente, percebemos que a maioria possui essas características. Já os homens, como o sr. Shelby, sr. St. Clare e sr. Legree não participam dos ofícios religiosos como os escravos e as mulheres, e suas atitudes são baseadas na razão ao invés da sensibilidade. Podemos pontuar rapidamente momentos que evidenciam esse traço racional de personalidade em alguns dos personagens masculinos. No início do livro sr. Shelby vende Tomás e pretende vender Harry (filho de Eliza) para pagar suas dívidas; sr. St. Clare se nega a ir à igreja com sua esposa, filha e prima; e sr. Legree é violento, impaciente, arrogante, totalmente diferente daquelas características atribuídas aos negros e mulheres. O último senhor de Tomás se opõe totalmente à religião e à sua prática pelos escravos. Quando adquire o protagonista em um leilão em Nova Orleans, o senhor deixa claro que não aprecia negros que cantam e rezam, com podemos observar a seguir:

"Well, I'll soon have *that* out of you. I have none o' yer bawling, praying, singing niggers on my place; so remember. Now, mind yourself," he said, with a stamp and a fierce glance of his gray eye, directed at Tom, "*I'm* your church now! You understand,—you 've got to be as *I* say."<sup>195</sup>

Essas diferenças que foram elencadas entre esses personagens podem sugerir uma

---

<sup>193</sup>GOULD, Stephen Jay. Op. cit. p. 112, 113, 114, 115 e 116.

<sup>194</sup>DONOVAN, Josephine. Op. cit. p. 3, 4 e 5.

<sup>195</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. Vol II. p. 170. Tradução: *Pois isso não irá durar muito tempo, em minha casa não quero negros que rezam, que declamem e que cantam. Lembre-se de que agora seu Deus sou eu. Compreendeu? Você tem que obedecer somente a mim.* (STOWE, Harriet Beecher. op. cit. p. 279)

aproximação indireta entre as mulheres e os escravos. Indireta, pois não há situações em que o leitor possa realizar uma rápida relação/identificação, porém é possível notar esses traços ao longo de toda a trama que comporiam as essências desses grupos.

Por fim, concluindo esse capítulo, podemos dizer que Nísia Floresta selecionou alguns aspectos da obra de Stowe buscando sensibilizar seu leitor. Porém, a autora não se distanciou totalmente das ideias de cunho antiescravista que circulavam no Brasil ao longo do século XIX. A vitimização do negro era um forte instrumento para a crítica abolicionista estadunidense, mas a eliminação dos conflitos entre senhor e escravo era um ponto presente na defesa brasileira, devido ao discurso da harmonia racial que teve forte difusão não somente no interior do país, mas também em outras localidades. Porém, o apelo religioso utilizado pela brasileira é bastante influenciado pela estadunidense, já que desde o início do século XIX as lutas antiescravistas nos Estados Unidos eram pautadas por questões religiosas e grupos religiosos protestantes, não sendo tão frequente entre os brasileiros.

No que tange a maneira como o senhor é retratado, observamos que os senhores de Domingos eram bastante benevolentes, o que também condiz com os discursos do contexto brasileiro. No caso estadunidense o senhor sulista é tratado de forma negativa, pois o objetivo da autora é realizar uma crítica aos estados sulistas que mantinham a escravidão. Em relação aos senhores do Norte, não há exatamente o mesmo tratamento que o dado aos do Sul. Os nortistas são retratados como bondosos e a própria escravidão nesses estados é considerada mais branda. Os objetivos das autoras são diferentes nesses pontos, por isso há tais representações dos senhores.

Stowe, ao final de seu livro, empenha-se em manifestar sua crítica a respeito do cativo; já Floresta, expõe seu personagem mostrando que seria uma vida de mais dificuldades do que a do protagonista estadunidense, mas não deixa claro seu posicionamento frente aos rumos da escravidão. Sua postura diferenciava-se daquela defendida pela estadunidense; pois, como vimos, havia a defesa de alguns grupos no Brasil de que a eliminação da escravatura deveria acontecer para evitar outras consequências piores. Ao contrário, Stowe propunha seu fim definitivo, pois o escravo era retratado como um irmão. Mas também, há aqui certas limitações, já que enviou, em sua trama, George Harris para a Libéria, fato que gerou inúmeras críticas, tanto dos abolicionistas radicais, quanto do movimento negro. Podemos dizer que Nísia Floresta se apropriou de alguns

elementos que foram recontextualizados de acordo com a realidade na qual estava inserida. A autora brasileira conseguiu, ao tecer suas críticas, se inserir no debate sobre a emancipação e contribuir para a temática em um período em que o movimento abolicionista no Brasil ainda era um embrião e que ganharia força e intensidade nas últimas décadas do século XIX.

## CAPÍTULO 3

### *A CABANA DO PAI TOMÁS NAS PÁGINAS DE UM PERIÓDICO ABOLICIONISTA*

#### 1. Introdução

Percebemos, anteriormente, que o sucesso do livro *A Cabana do pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, extrapolou as fronteiras do país de sua publicação, os Estados Unidos. Suas mais variadas traduções circularam ao redor do mundo e tiveram seus lançamentos em datas muito próximas ao original. A tradução para a língua portuguesa é de 1853, realizada por Francisco Ladislau Álvares D'Andrada<sup>196</sup> e publicada em Paris pela editora Rey & Belhatte, Mercadores de Livros. No Brasil, uma tradução publicada no país só ocorreu em 1887/88, por meio do jornal *A Redenção* que era um periódico abolicionista de São Paulo. *A Redenção*, circulava às quintas-feiras e domingos, custava 60 Réis<sup>197</sup> e possuía quatro páginas sendo que, na maioria das edições a última era um espaço dedicado às propagandas de diversos tipos, como loja de roupas, padarias e outros gêneros de comércio.

Esse jornal era editado por Antônio Bento, um abolicionista radical e líder do grupo *Os caifazes* que, como se sabe, promovia críticas ferrenhas à escravidão e até auxiliava cativos em suas fugas. Antônio Bento nasceu em São Paulo, em 1843, e formou-se, em 1868, como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi juiz municipal de Atibaia, assumindo seu posto em 6 de março de 1871. Como juiz, tentou valer a lei de 1831, que, pouco expressiva e impactante, antecedeu à Eusébio de Queiroz, de 1850, proibindo o tráfico no país. Na função que ocupava, Bento tinha postura predisposta a atender às reivindicações dos escravos. Ao sentenciar os casos que chegavam a ele e ao julgar e realizar a justiça naqueles que tratavam da liberdade de escravos, suas sentenças eram marcadas muito mais pela sua forma de pensar em favor da liberdade do que pela formalidade da lei.<sup>198</sup>

---

<sup>196</sup>Sabemos muito pouco sobre esse tradutor. No entanto, no próprio volume d'*A Cabana*, traduzido por ele, é possível saber que D'Andrada é bacharel em Bellas Lettras e Filosofia pela Universidade de Paris, é sócio da Academia de Sciencias, Bellas Lettras e Artes d'Orleans e, por fim, membro da Sociedade de Antiquários da França e sócio da Sociedade de Estatística Universal.

<sup>197</sup>60 Reis é equivalente a, aproximadamente, R\$27.

<sup>198</sup>AZEVEDO, Elnice. "Antonio Bento, homem rude do sertão: um abolicionista nos meandros da justiça e política." in: *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, 2007. p. 141.

Bento era membro do Partido Republicano Paulista ao lado de Luiz Gama e Bernardo de Campos. O três defendiam os ideais republicanos e federalistas, bem como o abolicionismo. Quando a Lei do Ventre Livre foi promulgada, em 1871, muitos indivíduos conservadores e grandes donos de terras adentraram no Partido opondo-se ao Império. Assim, o PRP tornou-se, segundo Lilia Moritz Schwarcz, simplista em relação a escravidão, o que afastou os membros mais radicais.

Dessa maneira, tanto Antônio Bento quanto Luiz Gama e Bernardo de Campos romperam radicalmente suas relações com o Partido. Foi a partir de então que Antônio Bento e seu grupo passaram a agir mais fortemente na causa abolicionista, auxiliando em fugas e criando uma rede de proteção aos escravos fugidos.<sup>199</sup> Porém, foi depois do falecimento de Luiz Gama que a luta emancipatória de Antônio Bento intensificou-se. No entanto, devemos lembrar que o abolicionismo no Brasil intensificou-se a partir da década de 1870. Assim, não podemos enxergar a luta de Bento como algo único e à frente de seu tempo.

Dessa maneira, surgia o grupo denominado de Os *caifazes*. O grupo, que é um elemento importante para compreender as atividades do jornal *A Redenção*, realizava suas atividades na Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, da qual Bento era provedor. A Confraria de Nossa Senhora dos Remédios foi fundada no século XVIII. A Igreja dos Remédios se localizava, como aponta Antônia A. Quintão, no antigo Largo de São Gonçalo onde atualmente se localiza a praça João Mendes, e foi fundada em 1724. A irmandade foi extinta em 1782 e voltou a existir legalmente em 17 de julho de 1812.<sup>200</sup>

Segundo Antônia Aparecida Quintão, confrarias são associações religiosas nas quais se reuniam os leigos no catolicismo tradicional. Há dois tipos de confrarias: As irmandades e as Ordens Terceiras. Tanto as Irmandades quanto as Ordens Terceiras têm origem medieval. As primeiras constituem uma forma de sobrevivência na esfera religiosa das antigas corporações de artes e ofícios. As Ordens Terceiras são associações vinculadas às tradicionais ordens religiosas medievais, especificamente aos franciscanos, aos carmelitas e aos dominicanos. O que caracteriza a Confraria é a participação leiga no culto católico. Com frequência, a promoção do culto e a organização da Confraria se devem

---

<sup>199</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Preto e Branco: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987. p. 87.

<sup>200</sup>QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência (São Paulo: 1870-1890)*. São Paulo: Annablume, 2002. p. 81 e 82.

totalmente à iniciativa leiga. O princípio central das Confrarias medievais era o do culto e assistência mútua. As irmandades tiveram seu apogeu na época colonial e ainda se destacavam no período imperial. Porém, na segunda metade do século XIX e sob influência do catolicismo romanizado, esse tipo de associação será marginalizado e, aos poucos, substituído por outras formas de organização.<sup>201</sup>

Foi, então, na Confraria de Nossa Senhora dos Remédios que o grupo abolicionista liderado por Bento dividia-se em duas funções: um grupo organizaria o jornal *A Redenção*, que teve seu primeiro número lançado no dia 02 de janeiro de 1887, o outro grupo agiria mais diretamente com as ações abolicionistas, como o auxílio em fugas e rebeliões escravas.<sup>202</sup> O grupo atuou em várias cidades do interior e em Santos, o que demonstra sua ampla circulação, mas foi em São Paulo que suas atividades foram mais intensas, como Maria Helena Machado aponta em seu estudo, por meio de denúncias que muitas vezes envolviam nomes já conhecidos e que pertenciam aos caifazes.<sup>203</sup>

A cidade de São Paulo que passava por transformações e se modernizava, com a fundação da Faculdade de Direito de São Paulo em 1827, e partir da década de 1870 com a iluminação pública a gás, com bondes de tração animal e campanhas de vacinação,<sup>204</sup> também assistia a um movimento abolicionista, que anteriormente agia especialmente em questões jurídicas, mas que nas últimas décadas do século se acalorava tomando conta das ruas e se tornando muito mais intenso. Esse acirramento levou ao enfrentamento de muitos adeptos com a guarda da cidade. Nesse contexto, a presença de escravos libertos também foi expressiva.

Nesse período, também se multiplicaram os jornais da cidade. Até o ano de 1827, não existiam impressões de jornais em São Paulo. Segundo Lilia M. Schwarcz

Acontecimentos políticos, financeiros ou religiosos eram introduzidos nos serões nas residências, dos clubes recreativos ou ainda nos estabelecimentos comerciais e farmácias, destinando-se o sino da igreja a anunciar os fatos de muita relevância. Além disso, os atos administrativos eram

---

<sup>201</sup> QUINTÃO, Antônia Aparecida. Op. cit. p. 25 e 26.

<sup>202</sup> TOLEDO, Maria Helena Machado de. p. 157.

<sup>203</sup> Idem, ibidem. p. 159 e 160.

<sup>204</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit. p. 46 a 48.

geralmente divulgados com “bate-caixas” pelas ruas da cidade ou afixados na porta da residência do próprio presidente da província.<sup>205</sup>

Em 1827 fundou-se o primeiro jornal impresso em São Paulo, intitulado *O Farol Paulistano*, de tendência conservadora e que perdurou até 1833. Posteriormente, inúmeros outros periódicos passaram a entrar em vigor e ao mesmo tempo encerravam suas atividades, principalmente por falta de recursos financeiro. No entanto, na segunda metade do século XIX os jornais se multiplicaram, ainda que muitos tivessem trajetórias muito breves e só no ano de 1860 houve o aparecimento de 12 periódicos na cidade, fator bastante expressivo em uma cidade com cerca de 20 mil habitantes<sup>206</sup> e que até a segunda década do século não possuía veículo periódico algum.

O jornal aqui estudado, intitulado *A Redempção*, não tinha como objetivo noticiar qualquer tipo de acontecimento da cidade de São Paulo, mas visava acompanhar a luta abolicionista de forma fervorosa, ao mesmo tempo em que incitava os leitores a tomar partido da causa. Em seu primeiro número, em janeiro de 1887, logo na primeira página, é explicado ao leitor quais eram os objetivos e ideias defendidas pelo jornal:

O título do nosso jornal já indica nossa missão na imprensa.

Divergimos completamente tanto dos liberaes resistentes, como dos escravocratas, não concordamos com as idéas conservadoras e detestamos aquelles que trazendo o capacete phrygio na cabeça trazem na mão o bacalhau com que quotidianamente surram os seus miseros escravos.

Nós queremos a libertação immediata sem praso (...) não podemos admitir que continuem debaixo do azorrague e da escravidão tantos brasileiros que, livres, poderiam concorrer vantajosamente

---

<sup>205</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit. p. 56.

<sup>206</sup>Idem, *ibidem*. p. 57.



para a felicidade de nossa patria<sup>207</sup>

Assim, percebemos claramente que a intenção do jornal é discutir a abolição e, por meio de seu material impresso, protestar em favor dela, ao mesmo tempo em que lançaria críticas a outros veículos que não aderiram a essa mesma tendência e, por meio de seus textos – em suas quatro páginas de impressão – pressionariam as autoridades e a população a refletir sobre a problemática escravista.

A redação do jornal também evidenciava o fato de que qualquer um poderia contribuir para essa “folha noticiosa”<sup>208</sup>. Na seção intitulada “Notícias”, no primeiro número do jornal, a redação diz que

As columnas da nossa folha estão à disposição de todas as pessoas que com heroísmo e denodo pretendam defender a grande causa da actualidade – a Abolição.<sup>209</sup>

Dessa forma, nota-se que o jornal não continha conteúdos fixos, mas que tanto os autores quanto as notícias podem se diferenciar ao longo dos números. Como o jornal pertencia ao grupo de abolicionistas. *Os Caifazes*, ao longo dos números do periódico aparecem denúncias por parte dos leitores sobre donos de escravos ou sobre capturas de escravos fugidos. Essas denúncias, muitas vezes apresentam um tom de apelo para que tais situações fossem resolvidas e os escravos, em questão, auxiliados. Nessa seção, chamada “Correspondência”, os leitores se dirigem ao próprio redator chamando-o de Sr. Redator, e várias vezes não assinam com seus nomes verdadeiros, simplesmente assinam como “um abolicionista” ou “o correspondente”. Tal seção demonstra como o jornal proporcionava uma rede de comunicação entre o grupo liderado por Antônio Bento e os demais abolicionistas. O jornal nada mais seria que um meio de ampliar a ação dos caifazes na província de São Paulo e até mesmo em outras regiões.

Ainda que os conteúdos do jornal não fossem inteiramente fixos em todos os números d'*A Redempção* há, do meio ao final da primeira página, a publicação de um folhetim. O objetivo desse capítulo é, justamente, analisar uma dessas publicações e que

---

<sup>207</sup>Jornal *A Redempção*. Anno 1, nº 1, São Paulo, 2 de janeiro de 1887. p. 1.

<sup>208</sup>O subtítulo de *A Redempção* era: Folha Abolicionista, commercial e noticiosa.

<sup>209</sup>Jornal *A Redempção*. Anno 1, nº 1, São Paulo, 2 de janeiro de 1887. p. 2.

perpassa por toda a trajetória do jornal, que é a tradução do romance *A Cabana do pai Tomás*. O livro foi seriadamente publicado desde a primeira edição em janeiro de 1887 até o último número em maio de 1888. Nosso objetivo é observar a tradução que aparece nesse veículo comparando-o com a versão original do romance e analisando as possíveis alterações realizadas ao longo dos capítulos, como eliminação de trechos, a ausência de capítulos, a troca de palavras em títulos ou mesmo ao longo da trama. Tais elementos aqui evidenciados fazem parte de estratégias editoriais que podem existir nessa publicação e que cumprem um objetivo específico que pode relacionar-se com o público leitor, com as ideias do grupo provedor do jornal, no nosso caso *Os Caifazes*. Roger Chartier, ao estudar a *Bibliothèque Bleu*, na França, citou algumas transformações sofridas pelos livros, por meio do trabalho editorial.

Encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divagações considerados supérfluos, simplificam os enunciados aliviando as frases das orações relativas e intercalares. Dividem os textos criando novos capítulos, multiplicando os parágrafos, acrescentando títulos e resumos. Censuram as alusões tidas por blasfematórias ou sacrílegas, as descrições consideradas licenciosas, os termos escatológicos ou inconvenientes.<sup>210</sup>

Além da “mão” do editor, também não podemos nos esquecer que estudamos uma tradução e que esse processo é conflituoso e resulta em perdas em relação ao texto original. Não é possível ler uma tradução sem que existam modificações e até mesmo perda de sentido na ideia do autor; o próprio tradutor pode exercer a função de editor. Por isso devemos levar em consideração os questionamentos propostos por Peter Burke, ao discutir traduções culturais. Como já foi visto no capítulo anterior, é necessário refletir sobre quem era o tradutor e qual era a intenção de traduzir certo texto.<sup>211</sup> Por último, a obra que foi traduzida não foi publicada em qualquer jornal, mas sim em um periódico abolicionista paulista do século XIX. Portanto, é preciso notar as condições desse jornal em seu contexto e sua função social, tal como aponta Tânia Regina de Lucca. Assim, é importante observar para quem esse jornal era destinado – não esquecendo que o público leitor brasileiro do século em questão não tinha grandes proporções, devido ao alto analfabetismo -, quais

<sup>210</sup>CHARTIER, Roger *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002. p. 129 e 130.

<sup>211</sup>BURKE, Peter e R. PO-CHIA, Hsia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ed. UNESP, p. 14 e 15.

ideias eram defendidas pelo veículo, já que, segundo a historiadora

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX (...) Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade as propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas. A imprensa teve papel relevante em momentos políticos decisivos, com o a Independência, a Abdicação de D. Pedro I, a Abolição e a República.<sup>212</sup>

Portanto, buscaremos levar em consideração todos esses fatores metodológicos sobre edição, tradução e a utilização de jornais como fonte para nos debruçar, a partir de agora, na reflexão e comparação da tradução da *A Cabana do pai Tomás* feita pelo jornal *A Redenção* com a versão original em inglês do texto de 1852.

## **2. A tradução de *A Cabana do pai Tomás* no jornal *A Redenção***

Passamos agora a refletir de forma mais aprofundada sobre a tradução d'*A Cabana* pelo jornal abolicionista *A Redenção*. O primeiro número do jornal já era marcado pela presença de um trecho do primeiro capítulo do livro de Stowe, dividido em quatro colunas, logo na primeira página.

O primeiro capítulo, intitulado “Aonde o leitor faz conhecimento de um homem muito humano”, já é exposto para o leitor. Assim, o mesmo entra em contato com alguns dos personagens da trama – Sr. Shelby (primeiro senhor de Tomás), sua esposa, a Sra. Shelby, e o comerciante de escravos chamado Haley. A versão original do romance não se inicia no primeiro capítulo, mas há um prefácio que o antecede, pelo qual o leitor pode conhecer um pouco dos objetivos e das ideias da autora ao escrever tal obra. Nesse prefácio, porém, são construídas algumas representações do negro, que foram muito criticadas por correntes abolicionistas. Podemos notar tais argumentos no seguinte trecho do prefácio:

---

<sup>212</sup>LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.133, 134 e 135.

The scenes of this story, as its title indicates, life among a race hitherto ignored by the associations of polite and refined society; an exotic race, whose ancestors, born beneath a tropic sun, brought with them, and perpetuated to their descendants, a character so essentially unlike the hard and dominant Anglo-Saxon race, as for many years to have won from it only misunderstanding and contempt...<sup>213</sup>

No trecho anterior podemos observar que os africanos são considerados indivíduos exóticos, que foram incompreendidos, e são o oposto da raça anglo-saxônica, ou seja, são opostos à raça branca. Talvez, ao descrever o negro como mal compreendido este já seja considerado inferior, pois por ser diferente do branco não pode ser compreendido com facilidade e, assim, não seria semelhante ao homem ocidental. Adiante, Stowe atenta para uma mudança contextual pela qual os Estados Unidos estaria passando. Ela afirma que, a partir do empenho dos escritores, poetas e artistas, a “infeliz” África estava sendo lembrada por pessoas que representavam a “mão” da “benevolência”. O continente africano outrora excluído, passaria a receber “olhares compassivos”, como pode-se observar abaixo:

In this general movement, unhappy Africa at last is remembered; Africa, who began the race of civilization and human progress in the dim, gray dawn of early time, but who, for centuries, has lain bound and bleeding at the foot of civilized and Christianized humanity, imploring compassion in vain.<sup>214</sup>

---

<sup>213</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. (VOL I). p. V. Tradução livre: *As cenas desta história, como o próprio título indica, a vida entre uma raça até então ignorada pelas associações da sociedade educada e refinada; uma raça exótica, cujos antepassados, nascidos debaixo de um sol do trópico, trouxeram com eles, e perpetuaram a seus descendentes, características tão essencialmente contrárias da dura e dominante raça Anglo-Saxônica, que por muitos anos ganharam apenas incompreensão e desprezo.*

<sup>214</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. (VOL I). p. VI. Tradução livre: *Neste movimento geral, a África, infeliz no passado, é lembrada; África, que começou a corrida da civilização e do progresso humano no escuro amanhecer cinza do início dos tempos, mas que, por séculos, tem ficado amarrada e sangrando no pé da humanidade civilizada e cristianizada, implorando compaixão em vão.*

Mais uma vez observamos a África e conseqüentemente, o negro, representados por meio do olhar do branco. Ainda que a autora defenda a necessidade de defender o continente africano e o sujeito advindo de lá, é perceptível que estes são vistos como incivilizados. No trecho acima, segunda a autora, a África iniciou sua trajetória civilizacional “no escuro”, o que evidencia a distância e diferença entre o branco e o negro. Além disso, é como se a África implorasse por ser salva, tanto de sua barbárie quanto de seu paganismo. É possível questionar se o objetivo do livro da estadunidense era justificar de alguma maneira a luta pela abolição por meio de um pedido do negro ao branco. Nesse ponto, o branco teria sido designado para essa importante missão – salvar o africano e a África da escuridão, levando-os às luzes da Civilização e do Cristianismo. Sabemos que Stowe foi defensora da Colonização e que defendia a ida dos escravos recém libertos para a Libéria, o que já demonstra os limites de sua escrita abolicionista e o não objetivo de igualar brancos e negros (escravos e libertos).<sup>215</sup> Segundo Marcelle Braga para a autora e abolicionistas que possuíam ideias semelhantes às dela

... os estadunidenses deveriam ajudá-los (os negros/os escravos) por compaixão, não como concidadãos; como seres moralmente superiores pelas circunstâncias históricas, os brancos deveriam ajudar os negros a construírem sua própria nação. Mesmo que a maioria dos escravos nos EUA e no romance *A Cabana do Pai Tomás* tenha nascido e crescido nos EUA.<sup>216</sup>

No final do prefácio a autora afirma que os caminhos da liberdade estão nas mãos de um só, que podemos identificar como sendo o Deus cristão, pois os políticos possuem interesses ligados a causas particulares, como observamos a seguir

For, while politicians contend, and men are swerved this way and that by conflicting tides of interest and passion, the great cause of human liberty is in the hands

---

<sup>215</sup>A ideia de colonização foi discutida no capítulo II.

<sup>216</sup>BRAGA, Marcelle Danielle de Carvalho. Op. cit. p. 25

of one, of whom it is said:

"He shall not fail nor be discouraged

Till He have set judgment in the earth."

"He shall deliver the needy when he crieth,

The poor, and him that hath no helper."

"He shall redeem their soul from deceit and violence,

And precious shall their blood be in His sight."<sup>217</sup>

Stowe utiliza citações bíblicas do livro de Isaías (42, 4 ) e dos Salmos (72,12-14)<sup>218</sup> para evidenciar o caráter cristão das questões relacionadas à liberdade. Pode-se pensar que, ainda que houvesse luta e empenho por parte das pessoas para alcançar a liberdade ao africano, somente Deus é que realmente a traria. Tais trechos mostram, na concepção da autora, que Deus está sempre em favor do oprimido, libertando-o e realizando a justiça sem desanimar.

No jornal *A Redempção*, este prefácio foi suprimido, fato que denota a intervenção do editor e/ou do tradutor. Em um primeiro momento não é possível identificar quem é o autor da tradução da obra para o jornal. Em nenhum número do periódico o nome é revelado. Podemos pensar que o periódico não revelou, o nome do tradutor para que o grupo dos Caifazes fosse entendido como autor de tal ato. Seria, assim, um trabalho coletivo no qual o nome de um indivíduo, não teria importância, mas sim todo o ideal desse grupo abolicionista que ganhava força em suas investidas em diversas cidades. Nesse sentido, a tradução d'*A Cabana* serviria aos objetivos do periódico e, conseqüentemente, não seria relevante saber a identidade do tradutor. A luta abolicionista deveria estar acima dos interesses individuais. Porém ao longo de nossa análise voltaremos a discutir sobre o tradutor desse romance no jornal.

Por isso consideramos figura do tradutor é importante ao longo da história do livro

---

<sup>217</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. (VOL I). p. VIII. Tradução livre: *Pois, enquanto os políticos afirmam, os homens se desviam desta maneira e por conflitos de interesse e paixão, a grande causa da liberdade humana está nas mãos de um, de quem se diz:*

*"Ele não falhará, não desanime*

*Até que ponha na terra a justiça "*

*"Ele livrará ao necessitado quando clama,*

*Os pobres, e ao que não tem auxílio".*

*"Ele os liberta da opressão e da violência,*

*E precioso será o seu sangue aos Seus olhos. "*

<sup>218</sup>Ver: <http://utc.iath.virginia.edu/christn/chapters/pref.html>

e da leitura. Esse sujeito, que muitas vezes é desconhecido pelos leitores, realiza uma tarefa fundamental no processo de edição e circulação de obras estrangeiras em um país. Roger Chartier atenta para esse fato ao refletir sobre as traduções de textos espanhóis para outras línguas europeias no século XVII. Segundo o historiador,

A tradução, na verdade, sempre implica uma apropriação especial de textos. Há diversas razões para isso. Primeiro, há a personalidade do tradutor, para quem a tradução era muitas vezes uma entrada para uma carreira nas letras. Para alguns, a tradução era simplesmente uma atividade profissional; para outros, era uma tarefa da qual foram encarregados, mas podia tornar-se também um ato literário.<sup>219</sup>

Ainda que não saibamos às claras a identidade do tradutor d'*A Cabana* para o periódico paulista, podemos pensar que a escolha do romance de Stowe não tenha sido em vão, pois, como dissemos no início do capítulo, este livro alcançou notoriedade, mesmo que por vezes tenha sido criticado, e suas tiragens foram altas para o período de sua publicação. Nas últimas décadas do século XIX a fama do livro já era considerável e havia se tornado um símbolo do abolicionismo nos EUA, sendo citado por diversas vezes em obras brasileiras, bem como encenado em teatros. Assim, pensamos que a escolha para ocupar as colunas do espaço de folhetim no periódico em questão tenha sido uma estratégia para atrair os leitores e ao mesmo tempo, legitimar seus argumentos em favor da abolição, tendo como embasamento uma obra já consagrada.

O prefácio de Stowe contém ideias que foram duramente criticadas em seu período, como o fato do continente africano ser representado como incivilizado. Tal argumento poderia ser deslegitimador para um grupo abolicionista denominado como radical e que exigia a abolição a todo custo. No entanto, não podemos afirmar que *A Redenção* defendia um grande projeto que buscava a igualdade absoluta e a inserção do negro na sociedade após a abolição. O periódico também era marcado por seus limites, próprios de

---

<sup>219</sup>CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014. p. 187 e 188.

seu período. Em alguns momentos ao longo de sua trajetória, em muitos artigos, o negro geraria a desordem quando fosse liberto e dessa maneira precisaria ser novamente dominado para que a ordem fosse estabelecida. O escravo e, portanto, o negro poderia ser identificado como um aspecto de atraso ao desenvolvimento do país. Por isso, a escravidão deveria ser imediatamente abolida.

No discurso promovido pelos abolicionistas do jornal aqui estudado, há a recorrência de uma retórica que inferiorizava o negro, mesmo que não utilizasse os argumentos biológicos, como era costumeiro. Em muitos artigos o cativo é representado como passivo, ou seja, ele não seria um sujeito ativo de sua própria história e, ao mesmo tempo, seria culpado pela permanência do cativeiro, pois a escravidão teria contaminado tais indivíduos e muitas gerações seriam necessárias para que eles fossem purificados.

É possível notar os aspectos ressaltados anteriormente na edição do dia 06 de janeiro de 1887, em artigo intitulado “A Escravidão”, na primeira página de *A Redenção*. O autor cuja a identidade desconhecemos, pois o artigo não possui autoria divulgada, afirma

...a necessidade da abolição, porque já não é a humanidade, a justiça, a moral que impõe, mas a maioria da população que exige a regeneração da pátria.

No trecho anterior já podemos notar que a escravidão é tida como degenerada e se pensarmos mais além, pode-se dizer que o escravo também, já que este seria resultado desta instituição. Mais adiante no artigo o autor argumenta “O roubo da liberdade, do trabalho, da felicidade, em resumo o roubo da pessoa...”. Ao dizer o “roubo da pessoa” podemos pensar que o escravo teria sido tão afetado pelo cativeiro que já não possuiria traços humanos, pois a escravidão lhe arrancaria a humanidade.

Esse discurso, que tornava o negro apático como consequência da escravidão, teria circulado em diversas localidades e foi até mesmo discutido pela historiografia. Manuel Moreno Fraginals, ao discutir as questões sobre o sistema escravista em Cuba, no período colonial, aponta para esse mesmo argumento. Segundo o autor,

A plantação tratou de desenraizar as culturas africanas, sem



impor a europeia, mas criando uma cultura de submissão. Homens e mulheres eram transformados em seres que só respondiam, mediante a força bruta, a um trabalho para eles sem sentido, e onde lhes impunha toda a relação com o mundo exterior: casa, alimentação, vestimenta...<sup>220</sup>

Porém, temos conhecimento que os escravos não eram passivos como retrata o historiador citado acima e os abolicionistas do jornal paulista. Houve diversas rebeliões e meios de resistência à escravidão e ao senhor em diversas localidades. Segundo Maria Helena Machado, na década de 1880 os movimentos de resistência escrava se intensificaram e a escravidão tornou-se cada vez menos legítima e era cada vez mais difícil impor algum controle sobre os cativos. Além disso, muitas revoltas escravas eram influenciadas por elementos religiosos e sociedades secretas. Machado aponta que essas práticas continuaram a existir, mesmo depois da penetração do abolicionismo considerado mais radical em outras cidades como na região de Campinas.<sup>221</sup> Portanto, fica claro que o escravo constituía sua própria organização e estabelecia seus próprios meios de resistência, ao contrário do que indicava os abolicionistas de *A Redempção*.

Por outro lado, a literatura do período em muitas ocasiões representou o escravo como um ser passivo, quase inerte e que só sabia obedecer, como é o caso de Pai Tomás em *A Cabana do pai Tomás*, de Harriet B. Stowe, do protagonista Domingos na tradução cultural *Páginas de uma vida obscura* (1855), escrita por Nísia Floresta e na obra cubana *Sab* (1841), escrita por Gertrudis Gómez de Avellaneda. Nos três casos o protagonista é passivo quanto a sua condição de escravo, como já foi discutido no capítulo 2.

*A Redempção*, por sua vez, também construiu representações do negro como um ser apático, sendo esta apatia, o resultado da escravidão. Nesse ponto, o abolicionista executaria um papel fundamental, pois seria o único capaz de libertar esses seres desumanizados. Mais uma vez caberia ao branco a missão de resgatar o negro, como foi observado no prefácio do livro estadunidense. Nesse sentido, não é possível dizer que o jornal tenha omitido o prefácio do livro de Stowe devido ao seu conteúdo.

Até certo momento o periódico manteve um posicionamento bem menos radical. Ainda que estimulasse revoltas escravas e as auxiliasse e encaminhasse os revoltosos

---

<sup>220</sup>FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba, Espanha, Cuba*. São Paulo, 2008. p. 224.

<sup>221</sup>MACHADO, Maria Helena P. Toledo. Op. cit. p. 99, 104 e 117.

para quilombos o jornal não exigia, de fato e às claras a abolição imediata e incondicional, onde os escravos não continuariam servindo nas fazendas de seus ex-senhores. Até certo ponto *A Redempção*, não criticava a abolição gradual. No entanto, *os caifazes* e, conseqüentemente, o jornal, se tornaram mais radicais nos últimos meses de 1887, após uma publicação no dia 23 de setembro de 1887. A publicação era a reprodução do discurso do senador Godoy representante de São Paulo. Ele dizia que existia uma perturbação no trabalho servil nas fazendas, pois muitos libertos não queriam mais servir aos seus senhores e não confiavam nas promessas de liberdades deles. Muitos negros deixavam as fazendas e o senador dizia que as reclamações dos libertos eram pacíficas, mas questionava até quando seriam, temendo que se tornassem violentas. Posteriormente, a essa publicação o jornal aumentou suas críticas aos escravistas<sup>222</sup>

A omissão do prefácio da obra estadunidense, nesse caso, parece-nos uma estratégia editorial que devido a falta de recursos financeiros levou a necessidade de introduzir o leitor mais rapidamente à trama. Ter contato com os personagens, seus conflitos e sofrimentos seria um modo mais eficaz de introduzi-lo no debate sobre a abolição e fazê-lo sensibilizar-se pela causa. Por outro lado, se pensarmos a respeito do público leitor desse jornal poderíamos inferir que tais pessoas não fossem totalmente alheias e que desconhecessem o tema, mas que ao contrário fossem de alguma forma interessadas e informadas a esse respeito. *A Redempção* teve uma trajetória curta, de aproximadamente dois anos, e ao longo de sua existência, por diversas vezes a redação publicava pedidos de pagamentos aos leitores assinantes, pois o jornal dependia desse montante para continuar suas atividades. O público leitor desse jornal, provavelmente era constituído pelos membros dos *caifazes* e/ou indivíduos que não pertenciam exatamente a essa associação mas que simpatizavam com a causa.

O título do livro traduzido para o português é *A Cabana do pae Thomaz*<sup>223</sup>. Nesse ponto já é possível notar uma alteração em relação ao título original em que o protagonista é chamado de “*uncle*”, palavra em inglês que significa “tio”. Provavelmente essa mudança faça parte de uma estratégia de aproximar o leitor de forma afetiva ao protagonista. A esposa de Tomás, que na versão original é chamada de *aunt* Chloé que significa “tia Cloé”, na tradução aqui estudada foi modificada para “mãe Cloé”, como podemos observar no

---

<sup>222</sup>AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Op. cit. (2004). p. 200 e 201.

<sup>223</sup>Esta é a grafia utilizada na tradução, a palavra pai ainda possuía a terminação E.

trecho a seguir:

O dia tinha amanhecido húmido e triste sobre a cabana do pai Thomaz, aonde se apercebiam só rostos abatidos, reflectindo a tristeza de corações ulcerados. No lar, estendidas sobre as costas de uma cadeira, viam-se duas grosseiras camisas, ultimamente lavadas e engommadas; um pouco mais longe, mãe Chloé engommava outra com a mais escrupulosa exactidão, largando de vez em quando da mão o ferro de engommar para enxugar as lágrimas que lhe corriam pela cara abaixo.<sup>224</sup>

No Brasil, o termo “pai” ao ser utilizado pelos escravos, muitas vezes representava os cativos conformados em relação ao cativo. Eduardo Silva e João José Reis apontam para a existência de uma memória coletiva que criou uma dicotomia sobre a imagem do escravo. De um lado haveria o negro resistente que seria representado por Zumbi, e do outro, Pai João, que seria o escravo submisso.<sup>225</sup> Martha Abreu afirma que a presença de Pai João é marcante em inúmeras poesias e contos registrados por folcloristas desde o final do século XIX até aproximadamente 1950. Segundo a autora

O final do século XIX, marcado pelas lutas em torno da abolição e da redefinição das hierarquias raciais no pós-abolição, coincide com a inauguração dos estudos folclóricos no Brasil e com as primeiras notícias de Pai João na poesia popular.<sup>226</sup>

A modificação do termo utilizado na tradução d'*A Cabana* para referir-se a Tomás

---

<sup>224</sup>STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo X: Fica expedida a mercadoria. Jornal A Redempção. Anno 1, nº 30, São Paulo, 21 de abril de 1887. p.1.

<sup>225</sup> REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito. Resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.13. O capítulo em que os autores apontam para essa dicotomia que representa o escravo intitula-se “Entre Zumbi e Pai João: O escravo que negocia”.

<sup>226</sup> ABREU, Martha. *Outras histórias de Pai João: Conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880-1950* in: *Afro-Ásia*, 31, 2004. p. 237.

pode ter sido realizada devido à existência desse personagem folclórico que teria proximidades de caráter com o protagonista do romance estadunidense, sendo um indivíduo afetuoso, leal e submisso ao senhor. A tradução da obra para o Português é a única que possui essa troca de palavras, pois em outros idiomas, como o Espanhol, Tomás é chamado de “tio”, como na versão original.<sup>227</sup> Porém a primeira tradução do livro estadunidense para o Português (de Portugal) é de 1853, como já foi apontado no início do capítulo. Nessa tradução, Tomás já é chamado de “pai” e não de “tio”. Por essa razão, podemos inferir que o termo “pai” já teria sido utilizado em períodos mais recuados ao se referir a escravos, como o protagonista, ou seja, personagens de idade avançada, leais e afetuosos.

Nesse ponto concordamos com Lawrence Venuti, em seu texto *O escândalo da tradução*, quando ele aponta que o processo de tradução realiza uma domesticação do texto original, onde haverá uma supressão de diferenças linguísticas e culturais, pois a tradução assimila o texto aos valores da cultura alvo – ao público leitor e ao contexto – e, assim, torna a obra reconhecível.<sup>228</sup> No caso de Tomás, que citamos anteriormente, é possível perceber essa tentativa de adaptar o texto ao contexto brasileiro. A palavra “tio” não causaria o mesmo efeito que a palavra “pai” e, provavelmente, o leitor teria maior proximidade e identificação com o personagem em questão.

Logo na primeira parte do livro de Stowe que é publicado em *A Redempção*, há uma nota do tradutor que atenta o leitor sobre o nome do protagonista. Nessa nota afirma-se que Tom é abreviação de Thomaz.<sup>229</sup> Na tradução, o nome do protagonista também sofre uma pequena modificação, pois no texto original o escravo é chamado a todo momento de Tom. Em outros idiomas mantém-se o nome Tom. Somente em Língua Portuguesa ele é chamado de Thomaz. No entanto, ambos os nomes são utilizados ao longo da publicação do jornal. Há momentos em que no periódico utiliza-se Thomaz e outros em que aparece em sua versão original, como percebemos no seguinte trecho por meio da fala do traficante de escravos, Halley: “Ajunte-o a Tom, diz elle a Shelby, batendo-lhe sobre o hombro e está feito o negócio.”<sup>230</sup>

---

<sup>227</sup> Na tradução para o espanhol o título é *La Cabaña del tio Tom* (1853) e em francês é (1859) *Case de l'oncle Tom, ou, vie des negres en Amerique: roman american*.

<sup>228</sup> VENUTI, Lawrence. O escândalo da tradução. In: *TradTerm*, vol 3, 1996. p.111 e 112.

<sup>229</sup> STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo I: Aonde o leitor faz conhecimento de um homem muito humano. *Jornal A Redempção*. Anno 1, nº 1, São Paulo, 02 de janeiro de 1887. p.1.

<sup>230</sup> STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo I: Aonde o leitor faz conhecimento de um

Além do protagonista, outros personagens tiveram seus nomes alterados e, portanto, aproximados para a Língua Portuguesa. O mulato George, que é casado com a escrava Eliza, tem seu nome modificado para Jorge, como é observado a seguir:

sua senhora consentio no seu casamento com um  
joveu mulato, chamado Jorge, bello moço, cheio de talento  
natural, escravo como ella...<sup>231</sup>

O filho de Eliza e George, no texto original, chama-se Harry, e na versão em Português teve seu nome alterado para Henrique. Nesse caso, poderia ocorrer alguma confusão por parte do leitor, pois Henrique é o nome, na versão original, do sobrinho do segundo dono de pai Tomás. Esse último teve seu nome mantido na tradução e, assim, ambos os personagens – o garoto escravo e o garoto branco – possuem o mesmo nome. Obviamente, um leitor atento notaria a diferença entre os dois por meio da trama e de suas descrições, mas essa adaptação para o Português causou uma pequena proximidade entre dois personagens com trajetórias totalmente distintas.

O terceiro senhor de pai Tomás também possui seu nome alterado. Se no original chama-se Simon Legree, na tradução passa a ser chamado Simão Legree. Apenas seu sobrenome permanece o mesmo.

É curioso que tais nomes tenham sido adaptados para a Língua Portuguesa enquanto outros continuaram com suas grafias em Inglês, como o traficante de escravos Haley, Tom Locker que é um caçador de escravos, a pequena escrava chamada Topsy que também tem seu nome mantido na tradução de *A Redempção* e outros. Logo, percebemos que ao mesmo tempo em que o tradutor se preocupou em aproximar o texto original ao público-alvo que seria o brasileiro ele deixou de realizar tal tarefa de maneira completa.

Ao observarmos os nomes que ganharam grafia em Português podemos inferir que, talvez, a preocupação do tradutor tenha sido de demarcar com nomes mais próximos ao público, aqueles personagens que com maior relevância para a história. O terceiro senhor de Tomás, o Sr. Legree, possivelmente, não teria boa aceitação do público, mas é um personagem com bastante enfoque na história, já que é responsável pela morte do

---

homem muito humano. *Jornal A Redempção*. Anno 1, nº 2, São Paulo, 06 de janeiro de 1887. p.1.

<sup>231</sup> STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo II: A mãe. *Jornal A Redempção*. Anno 1, nº 5, São Paulo, 16 de janeiro de 1887. p.1.

protagonista. Outra hipótese é a de que traduziram os nomes que têm seus correlatos mais óbvios em Português.

O tradutor também inseriu, ao longo do texto, diversas notas de rodapé informativas ao leitor. Na versão original essas observações não existem, mas na tradução elas complementam o texto de Stowe. Ao longo da trama a autora estadunidense faz referência a vários trechos bíblicos, que talvez ela acreditasse que seu leitor entenderia, pois estão incorporados de maneira natural à história. No capítulo intitulado “A fuga de Eliza”, a Sra. Shelby, dona da escrava, a qual tinha conhecimento da fuga da moça, pede informações sobre ela a outro escravo. Ele, por sua vez, diz:

Minha senhora, Deus toma cuidado dos seus! Eliza passou o Ohio d’uma maneira tão extraordinária, como se o Senhor. a houvesse tomado n’um carro de fogo puxado por dois cavallos!<sup>232</sup>

Logo abaixo da fala do homem, o narrador diz que “Em presença de sua senhora, a devoção de Samuel era sempre exemplar, prodigalizando as figuras e as imagens Bíblicas”<sup>233</sup>. Assim, fica claro que o diálogo é permeado por um significado religioso e que Deus estaria guiando a escrava, por isso haveria coerência em realizar essa metáfora bíblica. Na tradução, ao finalizar a fala do escravo, há uma nota de rodapé e o tradutor explica que esse trecho faria alusão à ascensão do profeta Elias.<sup>234</sup> O livro bíblico de Reis, segundo capítulo, versículo onze, diz:

De repente, enquanto caminhavam e conversavam, apareceu um carro de fogo, puxado por cavalos de fogo, que os separou, e Elias foi levado aos céus num redemoinho.<sup>235</sup>

É possível pensar que o público leitor dessa tradução poderia não ter tamanha vivência e proximidade com as imagens e acontecimentos bíblicos para entender tão

---

<sup>232</sup> STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo VIII: A fuga d'Eliza . Jornal A Redempção. Anno 1, nº 23, São Paulo, 24 de março de 1887. p.1.

<sup>233</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>234</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>235</sup> Ver: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/2rs/2>

prontamente as referências como a discutida anteriormente. A nota que expusemos acima não é a única ao nos referirmos às citações bíblicas. No final do capítulo XXIX o tradutor também informa ao leitor que o seguinte trecho pertence ao Salmo IX: “Quando elle inquire a respeito dos homicídios, não esquece as lagrimas dos afflictos”. Logo em seguida, no início do capítulo XXX, a seguinte citação antecipa o desenvolvimento do capítulo:

Tens os olhos demasiado puros para vêr o mal. Nem poderías supportar a violencia. Porque verias tu os pérfidos e te callarias, quando o malvado devora o que é mais justo do que elle?<sup>236</sup>

Na versão original do romance, o trecho acima traz ao seu fim a referência bíblica de forma abreviada: HAB. 1:13<sup>237</sup>. Em *A Redempção*, o tradutor mais uma vez complementa a informação dizendo: “Vêde na Biblia o livro do Propheta Habacuc”<sup>238</sup>. Dessa forma, o leitor teria maior entendimento da referência proposta pela autora estadunidense.

Sabemos que Stowe sempre esteve bastante inserida em ambiente religioso e seu discurso de defesa da liberdade ao escravo aliava-se fortemente com ideias abolicionistas fundadas no cristianismo. Segundo Ângela Randolpho nos Estados Unidos:

até meados do século XVIII não havia nenhuma condenação religiosa às práticas escravistas. Quem assumiu a liderança foram os *Quakers*: em 1758, dispendo-se a barrar das atividades da congregação todos que estivessem ligados com a compra e venda de escravos. (...) <sup>239</sup>

---

<sup>236</sup>As citações do capítulo XXIX e XXX pertencem a seguinte referência: STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo VIII: A fuga d'Eliza . Jornal A Redempção. Anno II, nº 120, São Paulo, 11 de março de 1888. p.1.

<sup>237</sup>STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin or; Life Among the Lowly*. Boston: John P. Jewett & Company. Cleverland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington, 1852. (Vol II). p. 168.

<sup>238</sup>STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo VIII: A fuga d'Eliza . Jornal A Redempção. Anno II, nº 120, São Paulo, 11 de março de 1888. p.1.

<sup>239</sup>PAIVA, Angela Randolpho. *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p.56

E Lester B. Scherer aponta que:

a escravidão estava em contradição com a necessidade puritana de ser diligente para a obtenção da graça; a escravidão levava os brancos à indolência; e impedia os cristãos de praticarem a humildade e docilidade, uma vez que os senhores de escravos estariam desempenhando o papel de Deus. Tal argumentação iria ganhar força renovada nos anos que precederam a Guerra Civil.<sup>240</sup>

É possível notar que, desde o início, o abolicionismo estadunidense foi bastante embasado em ideias cristãs. O movimento conhecido como O Grande Despertar que ocorreu no século XVIII, também foi importante para a luta pela abolição do século XIX. Além disso, a partir de 1830 desenvolveu-se em muitas denominações religiosas a crença de que haveria um julgamento divino que puniria os comportamentos pecaminosos e a escravidão seria um desses pecados e que deveria ser combatido de forma urgente. Foi nesse período também que as principais organizações favoráveis à abolição imediata surgiram, como *American Anti-Slavery Society*, em 1833, com uma forte inclinação religiosa.<sup>241</sup> Por esta, razão pode-se pensar que a utilização de trechos da Bíblia como um meio de legitimar e até mesmo fortificar o discurso abolicionista fosse um elemento recorrente na produção desses indivíduos. Além do trecho utilizado pelo escravo para mostrar como Deus tem guiado Eliza para encontrar sua liberdade após fugir com seu filho evitando que esse não fosse vendido, há ainda outros capítulos que iniciam-se com citações de salmos bíblicos.

No Brasil, por outro lado, o discurso religioso não foi motivador de um movimento fortificado como nos Estados Unidos. Em grande parte, a Igreja Católica apoiava a escravidão e não forjou muitas críticas à ela, exceto pelas irmandades, como vimos no início desse capítulo. A atuação dessas associações, como aponta Lilia M. Schwarcz, não eram exclusivamente religiosas, pois organizavam caixas de auxílio, de empréstimos e também juntas de alforrias.<sup>242</sup> Talvez essas diferenças contextuais tenham exercido certa motivação para a presença de notas explicativas em relação às referências bíblicas.

---

<sup>240</sup>SCHERER. *Slavery and the Churches in Early America*, 1619 - 1819, p. 72-73. APUD: PAIVA, Angela Randolph. Op. cit. p.56

<sup>241</sup>PAIVA, Angela Randolph. Op. cit. p. 59 e 61.

<sup>242</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit. p.38.



Não somente trechos bíblicos foram explicados ao leitor. Outras informações estão presentes em forma de nota de rodapé para contextualizá-lo acerca dos assuntos a que se referem a trama.<sup>243</sup> No capítulo oitavo, “A fuga d' Eliza”, duas observações são realizadas para explicar ao leitor A Lei dos Escravos Fugidos. Na trama, quando Eliza foge com o filho, dois homens são contratados por Halley, o traficante de escravos, para capturá-los. Um dos homens em um certo momento, ao planejar a busca afim de alcançá-los, diz:

Olhe dizia Marks, ao passo que mechia o seu ponche, —sob e todos os pontos do rio temos juizes de consciencia larga, inteirameute rasoaveis, que estarão pelo que nós dissermos; basta que prestemos o juramento, e tudo irá ás mil maravilhas!<sup>244</sup>

O tradutor explica a que se refere o juramento citado pelo homem:

Segundo os termos do ultimo Fugitive Slave Bill, basta, na maior parte dos casos, qualquer branco jure perante um juiz, que um preto lhe pertence, para que elle lhe seja provisoriamente entregue. Apoderar-se assim d'um preto, quer livre, quer pertencente a outren é uma das formas mais communs do crime, chamado na America-Ingleza Kidnapping<sup>\*245</sup>.

A Lei dos Escravos Fugitivos ou Fugitive Slave Bill foi criada em 1793, mas foi emendada na década de 1850 do século XIX, intensificando sua rigidez. Era proibido, então, auxiliar qualquer escravo fugitivo e quem o fizesse poderia até mesmo ser multado. Nesse momento podemos fazer uma breverreferência de um caso de rapto ou Kidnapping,

---

<sup>243</sup>Foi possível contar trinta e quatro notas de rodapé sobre diferentes assuntos, entre elas, catorze continham referências sobre citações bíblicas.

<sup>244</sup>STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo VIII: A fuga d'Eliza . Jornal A Redempção. Anno I, nº 21, São Paulo, 13 de março de 1887. p.1.

\*Não conseguimos identificar claramente do que se tratava o crime em questão, no entanto, a palavra Kidnapping significa rapto/sequestro. Assim pensamos que o crime comentado pelo tradutor seja o de raptar um negro sem saber se ele possui um senhor ou se e livre.

<sup>245</sup>STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo VIII: A fuga d'Eliza . Jornal A Redempção. Anno I, nº 21, São Paulo, 13 de março de 1887. p.1.

como aponta o tradutor d' *A Cabana*.

Solomon Northup, que era um negro livre e contemporâneo de Stowe, foi raptado em 1841 em Washington, escravizado e levado ao trabalho em uma fazenda de algodão. Após 12 anos de cativo conseguiu sua libertação e, posteriormente, escreveu suas memórias que deram origem ao livro *Doze anos de escravidão*. Esse livro, por sua vez é dedicado a Harriet B. Stowe que, supostamente o teria citado dizendo que havia uma coincidência singular que Solomon Northup tenha sido levado para a mesma região que Tomás em sua história.<sup>246</sup> Portanto, percebemos que a prática do rapto de negros poderia ser algo recorrente, de modo que o indivíduo sequestrado não tivesse como comprovar sua liberdade e, assim, fosse obrigado ao cativo. Essa lei estadunidense acabou fortificando a lógica escravista, ao mesmo tempo em que corroborou para a intensificação das críticas de cunho abolicionistas em relação ao sistema, tendo em vista, como já falamos, anteriormente, que foi nesse período que as principais associações abolicionistas surgiram.

No Brasil, a escravidão teve sua lógica reafirmada após a outorga da Constituição de 1824 que, segundo Rafael de Bivar Marquese, não discutiu em nenhum momento a questão do cativo, e foi esse silêncio que conferiu legitimidade à instituição. Em 1830 o Código Criminal, regulou, agora, com leis, o funcionamento da escravidão<sup>247</sup>. Nesse documento, no capítulo IV denominado “Insurreição”, há ideia semelhante à Lei dos Escravos fugitivos dos Estados Unidos. Segundo o Código Criminal do Brasil:

Art.113. Julgar-se-ha commettido este crime (de Insurreição), retinindo-se vinte ou mais escravos para haverem a liberdade por meio da força.

Penas - Aos cabeças - de morte no gráo maximo; de galés perpetuas no médio; e por quinze annos no minimo; - aos mais – açoutes.

Art.114. Se os cabeças da insurreição forem pessoas livres, incorrerão nas mesmas penas impostas, no artigo antecedente, aos cabeças, quando são escravos.

Art.115. Ajudar, excitar, ou aconselhar escravos á

---

<sup>246</sup>NORTHUP, Solomon. *Doze anos de Escravidão*. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014. p. 11 e 12.

<sup>247</sup>MARQUESE, Rafael de Bivar. Op. cit. p. 262.

insurgir-se, fornecendo-lhes armas, munições, ou outros meios para o mesmo fim.

Penas - de prisão com trabalho por vinte annos no gráo maximo; por doze no médio; e por oito no minimo.<sup>248</sup>

O artigo 115 expressa a mesma ideia da lei estadunidense, onde é considerado crime auxiliar cativos que queiram ou tenham insurgido da propriedade de seu senhor. Assim, há semelhança entre o texto de Stowe e o contexto brasileiro, que ao ser explicado pelo tradutor, ofereceria ao leitor possibilidade de identificação ainda maior com a trama, caso este conhecesse as leis que se aplicam ao tratamento em relação ao escravo.

No entanto, deve-se lembrar que a tradução aqui estudada foi publicada nos últimos anos da escravidão e a abolição completa já estaria próxima de ocorrer. Na década de promulgação do Código Criminal (1830), o volume do tráfico negreiro ainda era intenso e sua abolição legal só aconteceria em 1831. Nesse período, o temor de uma revolta como aquela ocorrida em São Domingos, que culminou na fundação do Haiti, e de eventos como a Revolta dos Malês em 1835, também foram responsáveis por um controle maior do cativo e por novas reflexões sobre a administração escrava no Brasil.<sup>249</sup>

Nas últimas décadas do século XIX, o grupo criador do jornal aqui estudado, *Os Caifazes*, auxiliou de maneira intensa nas insurreições e fugas escravas. Segundo Maria Helena Machado havia, também, indivíduos – caxeiros-viajantes, conhecidos como cometas – que eram defensores do ideal abolicionista que penetravam livremente em fazendas buscando disseminar ideias emancipacionistas entre os cativos.<sup>250</sup> Nesse sentido, devemos atentar para as transformações ocorridas ao longo do tempo. No final do século XIX a abolição já ganhava adeptos em todas as cidades, o apoio popular era bastante expressivo, bem como as redes de solidariedade que envolviam desde advogados até Lojas Maçônicas<sup>251</sup> e a propaganda abolicionista já teria força.

Retornando à discussão sobre a tradução d' *A Cabana*, a versão publicada pelo jornal também constrói ao leitor uma representação acerca dos estados do sul dos Estados

---

<sup>248</sup>Para saber mais sobre o Código Criminal de 1830 acesse:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm)

<sup>249</sup>MARQUESE, Rafael de Bivar. Op. cit. p. 266.

<sup>250</sup>TOLEDO, Maria Helena Machado de. Op. cit. p. 156.

<sup>251</sup>TOLEDO, Maria Helena Machado de. Op. cit. p. 155

Unidos. No terceiro capítulo, George conta para sua esposa Eliza que seu dono não queria mais permitir que ele a visitasse e que ordenou que ele se casasse com uma outra escrava, senão iria vendê-lo para algum proprietário do Sul. A nota do tradutor, nesse ponto, diz que:

Ser vendido para o sul é a mais terrível ameaça que se pode fazer a um escravo do Kentucky; porque quanto mais se avança para o sul mais pesado e dificultoso é o trabalho nos engenhos, e nos pantanos de arroz.<sup>252</sup>

É possível notar que o tradutor reforça, por meio de sua nota, a representação do Sul já desenvolvida por Stowe. Os estados nortistas teriam melhores condições de vida para o cativo do que os sulistas. Esses últimos explorariam o trabalhador até o limite e as próprias tarefas a serem executadas por eles seriam mais penosas. Dessa forma, poderíamos pensar que essa nota buscava envolver o leitor ainda mais no objetivo de Stowe, que era aproximar o leitor de sua bandeira abolicionista. No livro, o senhor sulista de Tomás, Simon Legree, é um homem bastante rude e cruel. Uma das estratégias dos abolicionistas estadunidenses era demonizar os sulistas, criticando-os e demonstrar de que maneira estes seriam cruéis, bem como a vida naqueles estados.

Ainda que o leitor brasileiro conhecesse o contexto escravista estadunidense ele seria levado a aderir ao discurso extremamente negativo em relação aos estados sulistas e poderia pensar que os estados do norte estavam quase que totalmente livres da escravidão. Porém, Ira Berlin nos mostra que até 1863 os estados nortistas não eram declaradamente totalmente livres e que a escravidão é de grande importância para compreender a trajetória desses lugares. O autor ainda sugere que talvez a melhor forma de refletir sobre os Estados Unidos antes da Guerra Civil seria lançar um olhar para uma sociedade de senhores e escravos e não uma nação totalmente dividida, como é comum de se observar.<sup>253</sup>

O leitor é contextualizado a todo momento, pelo tradutor, o que nos faz pensar que ele teria suposto que, o indivíduo que consumiria esse romance desconheceria informações sobre o contexto estrangeiro; no caso, até os aspectos geográficos foram algumas vezes explicados pelo autor. Quando alguns estados são citados há notas que explicam ao

---

<sup>252</sup>Jornal *A Redenção*. Anno 1, nº 7, São Paulo, 23 de janeiro de 1887. p. 1.

<sup>253</sup>BERLIN, Ira. *Gerações de Cativo*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.32.

público.

A residência do primeiro senhor de Tomás localiza-se em Kentucky onde, como se sabe permitia a escravidão, mas, ao longo da Guerra Civil, foi aliado dos estados pertencentes à União.<sup>254</sup> O primeiro capítulo do livro inicia-se citando que dois homens “habitantes da cidade P...no Kentucki, um dos Estados da América do Norte discutiam calorosamente”<sup>255</sup>. O trecho que diz “um dos Estados da América do Norte” não faz parte da narrativa em inglês, mas o texto original traz

two gentlemen were sitting alone over their wine, in a well-furnished dining parlor, in the town of P——, in Kentucky.<sup>256</sup>

Da mesma maneira, quando aparece o estado onde a prima Ophelia<sup>257</sup> morava antes de se mudar para a residência dos St. Clare, o tradutor informa que essa palavra refere-se a um estado. A mulher era habitante de Vermont, mas diferentemente do caso apresentado anteriormente, em que o tradutor incorpora a referência no próprio corpo do texto como se fizesse parte da narrativa, dessa vez, ele opta por inserir a informação em uma nota de rodapé.<sup>258</sup> Mais uma vez lembramos um aspecto importante do processo de tradução, que é o de minimizar as diferenças culturais, para que o texto de outra cultura consiga atingir um público-alvo diferente daquele para qual foi pensado em primeiro lugar pelo autor da obra. Se essas notas e informações do tradutor fossem inexistentes e ele somente tivesse traduzido o texto do Inglês para o Português, o público poderia encontrar problemas de entendimento pela falta de informação.

Em outro momento George, questiona a ideia de pátria para um escravo e cita a data da Independência dos Estados Unidos,

...senhor Wilson, vós tendes uma patria; mas eu, e

---

<sup>254</sup> EISENBERG, Peter. *Guerra Civil Americana*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982. p.65.

<sup>255</sup> STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo VIII: A fuga d'Eliza . *Jornal A Redempção*. Anno I, nº 1, São Paulo, 02 de janeiro de 1887. p.1.

<sup>256</sup> STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin or; Life Among the Lowly*. Boston: John P. Jewett & Company. Cleverland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington, 1852. (Vol. I). p. 13

Tradução: Ao entardecer de um frio dia de fevereiro, dois cavalheiros apreciavam o sabor de seus respectivos copos de vinho, sentados, a sós, em uma sala de jantar, na cidade de P..., em Kentucky

<sup>257</sup> Essa personagem é prima de Maria St. Clare. Esposa do segundo senhor de pai Tomás.

<sup>258</sup> STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo XV: Que trata do novo senhor de Thomaz e de diversas outras cousas . *Jornal A Redempção*. Anno I, nº 53, São Paulo, 14 de julho de 1887. p.1.

todos os desgraçados que, como eu, nasceram escravos, que patria temos nós? Quaes são as leis que nos protegem? Não somos nós que fazemos as vossas leis, não somos nós que as ratificamos, nada temos a fazer com ellas; ellas esmagão-nos, calcão-nos aos pés, eis o que lhes devemos! Não tenho por ventura ouvido os vossos discursos do dia 4 de julho?<sup>259</sup>

Nesse trecho há uma nota de rodapé onde o leitor tomará conhecimento do significado da data 4 de julho. Além de explicar a que se refere tal data ele, oferece maiores detalhes dos festejos desse dia.

No dia 4 de Julho, anniversario da independência dos Estados-Unidos, o povo todo se reúne, primeiramente nas igrejas, e depois em diiferentes assembléas, méetings, aonde são lidos os últimos conselhos de Washington, e aonde oradores pronunciam discursos sobre os direitos, e os deveres dos cidadãos.<sup>260</sup>

O trecho utilizado por Stowe, faz alusão à Independência questionando a falta de igualdade e liberdade aos negros, o que teria sido renegado na escrita desse documento, pois a escravidão não fora refletida no momento da Independência. Nesse ponto, podemos pensar que se por um lado a tradução pode significar e provocar o temor da perda e da distorção dos objetivos e das intenções do autor, como aponta Lawrence Venuti,<sup>261</sup> por outro, pode ampliar o conhecimento de uma obra para públicos bastante diferenciados. Por meio das notas de rodapé é possível que o leitor d' *A Cabana do pai Tomás* realize com maior facilidade as relações entre o texto e o discurso de Stowe.

Por isso, pensamos que os objetivos da autora se mantiveram, pois o tradutor respeitou a narrativa e a trama. Apenas fazendo essas modificações já citadas ele buscou conduzir o leitor de modo que este conseguisse ter maior compreensão do romance. Nesse momento gostaríamos de retomar a discussão sobre o tradutor do romance no periódico.

---

<sup>259</sup>STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo XI: Em que a propriedade viva se atreve a fazer indecorosas reflexões. *Jornal A Redempção*. Anno I, nº 36, São Paulo, 12 de maio de 1887. p.1.

<sup>260</sup>Idem, *ibidem*.

<sup>261</sup>VENUTI, Lawrence. Op. cit. p. 111.

Como afirmamos, no início de nossa análise não conseguíamos identificar com clareza o tradutor do livro em *A Redenção*. Passamos, ao longo de nossa reflexão, a questionar sua identidade. Por duas vezes o tradutor cria notas de rodapé citando Portugal e o fato de Stowe não conhecer tal país.

Sabemos que a primeira versão para a Língua Portuguesa realizada d' *A Cabana* foi feita pelo tradutor Francisco Ladislau, sendo publicada em 1853, em Paris, como já apontamos em outro momento. Ao consultar a versão realizada por Ladislau questionamos se esta não teria sido utilizada e publicada pelo jornal de Antônio Bento e dos caifazes. A maioria das notas aqui analisadas também se fazem presentes na versão portuguesa.

Em certo ponto do texto publicado no jornal o tradutor explica, por meio de uma nota de rodapé, que seu trabalho de tradução foi pensado para o público brasileiro, por isso que em alguns momentos ele se utiliza de termos já conhecidos por aqui, como é o caso da palavra “engenho”. O trecho em questão trata-se de um diálogo entre St. Clare e a prima Ophelia, em que o homem conta sobre sua família, sua propriedade, os bens de seu pai até que passa a falar de um empregado que tinha tido em sua propriedade. Na versão original o trecho aparece da seguinte forma:

Besides all, he had an overseer,—a great, tall, slab-sided, two-fisted renegade son of Vermont—(begging your pardon),—who had gone through a regular apprenticeship in hardness and brutality, and taken his degree to be admitted to practice. My mother never could endure him, nor I; but he obtained an entire ascendancy over my father; and this man was the absolute despot of the estate.<sup>262</sup>

Já na versão traduzida, tanto do jornal, quanto a de Ladislau, o mesmo trecho pode ser visto dessa forma:

Alem d'sso, meu pae tinha por administrador um latagão. com pulsos de ferro, um verdadeiro renegado do Vermont (desculpe e se a offendo!), que tinha feito um estudo profundo da dureza e da brutalidade, e que tinha

---

<sup>262</sup>STOWE, Harriet Beecher. Op. cit. (Vol II). p. 15 e 16.

tomado os seus grãos antes que ser admittido a praticar. Minha mãe não podia soffre-lo, nem eu tão pouco; mas havia adquirido sobre meu pae um ascendente extraordinário, tornando-se o soberano absoluto do engenho.<sup>263</sup>

“The state” pode ser traduzido como “a propriedade”, de acordo com o contexto da trama. Na tradução para o Português, preferiu se utilizar da palavra “engenho”, já que no Brasil essas propriedades eram bastante conhecidas, devido à grande produção de açúcar. O tradutor enfatiza com uma nota de rodapé, como citado anteriormente, que seu trabalho era destinado ao público brasileiro. Assim, sua nota diz:

Como este meu trabalho é principalmente destinado para o Brasil, aonde a admiravel obra de Mrs. Stowe pode e deve ser mais apreciada que em parte alguma, por isso adoptei os termos proprios d'aquelle paiz, como, por exemplo, este d'engenho, que talvez algum leitor de Europa não saiba o que quer dizer, em lingua Brasileira, fabrica aonde se manipula o assucar, e aonde vive ordinariamente o senhor d'ella com os seus numerosos escravos.<sup>264</sup>

Por meio do trecho anterior fica evidente que o tradutor da publicação do jornal não é brasileiro, mas se encontra preocupado em adaptar o idioma de forma que o público-alvo compreenda e identifique-se. Caso o tradutor tivesse utilizado a palavra propriedade, o leitor também teria bom entendimento do trecho em questão, mas ao utilizar o termo engenho há uma tentativa de aproximação ainda maior com o brasileiro, pois a história ganha outros contornos de modo a assemelhar-se mais com o contexto o qual a tradução se destina. Então, pode-se dizer que a tradução realizou uma negociação com o texto original, privilegiando o leitor.

No entanto, não é possível saber se o leitor realmente teria se identificado com esta

---

<sup>263</sup>STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo XVIII: Experiências e opiniões de Miss Ophélia. *Jornal A Redempção*. Anno I, nº 76, São Paulo, 2 de outubro de 1887. p.1. e STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pai Thomaz ou a vida dos pretos na América Romance moral*. Paris: Rey & Belhatte, Mercadores de Livros, 1853 Trad. Francisco Ladislau A. de Andrada. Tomo II. p. 32 e 33

<sup>264</sup>Idem, *ibidem*.



tradução devido às alterações propostas, pois cada sujeito se apropria de um texto de uma maneira. Nesse ponto, a prática de leitura apontada por Roger Chartier deve ser levada em consideração. Ainda que o autor, editor e tradutor busquem guiar e indicar a melhor maneira de certo texto ser lido, o leitor pode ultrapassar essas resistências, o que vai depender sua própria experiência; assim os significados de cada texto não são fixos.<sup>265</sup>

Ainda que haja essas modificações e adaptações para o contexto local a tradução do romance estadunidense publicada no periódico não sofreu edições em seus capítulos. A trama continua a mesma, sem retiradas de personagens, mudanças de cenários e recortes de cenas, como era comum na prática do folhetim. Porém, o livro original possui quarenta e cinco capítulos e mais o prefácio. A tradução publicada em *A Redempção* possui trinta e seis. O último capítulo publicado intitula-se “Liberdade” e nesse momento acompanhamos toda a angústia e emoção da fuga de Eliza, George e seu filho Harry para o Canadá. A última frase que assim encerra a publicação do romance de Harriet B. Stowe diz

O’ vós que roubais ao homem a sua liberdade, que terríveis contas tereis que dar áquelle que fez dela a base da felicidade humana!<sup>266</sup>

Essa última passagem faz, mais uma vez, uma crítica a escravidão e encerra a trama. No entanto, não é possível saber o que teria acontecido com pai Tomás, pois o capítulo em que ele falece devido aos maus tratos sofridos seria o de número trinta e nove e este foi retirado. Além desse capítulo bastante dramático há outro, também retirado, ainda intitulado *Concluding Remarks* ou *Observações Finais*, onde a autora realiza um verdadeiro manifesto em favor da abolição.

O jornal *A Redempção* também interrompe sua trajetória no mesmo número em que conclui o capítulo “Liberdade”, no dia treze de maio de 1888,<sup>267</sup> em seu nº 138. O fechamento do jornal pode ter ocorrido por falta de verba para continuar a publicação do mesmo. Na edição de número 136, do dia seis de maio de 1888 toma-se conhecimento que Antônio Bento estaria deixando o jornal e não seria mais o editor. Não conseguimos

---

<sup>265</sup>CHATIER, Roger. Op. cit. (2002). p.121. E CHARTIER, Roger. Op. cit. (1998). p. 7 e 8.

<sup>266</sup>STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do pae Thomaz*. Capítulo XXXVI: Liberdade. Jornal *A Redempção*. Anno II, nº 138, São Paulo, 13 de maio de 1888. p.1.

<sup>267</sup>Data da abolição oficial no Brasil.

identificar o real motivo de sua saída. A partir dessa edição o jornal passa a ser Propriedade de Diniz & Sol. Após a saída de Bento o jornal só publica mais dois números e encerra suas atividades.

Por um lado, cria-se um novo final que ousamos dizer que é digno do último número de um jornal abolicionista. Afinal, o tão sonhado objetivo de libertação ocorre. Nesse novo final Eliza, George e Harry se tornam os heróis da história demonstrando a todos os simpatizantes da causa abolicionista que esta luta pela liberdade valeria qualquer esforço, como pode observar abaixo

todavia esses dois esposos não possuíam um palmo de terra, não tinham um tecto que pode-se chamar seu, não tinham mesmo um real, porque haviam gastado tudo na sua viagem; eram como os passarinhos do ar, ou as flores do campo, mas a liberdade compensava todo isso!<sup>268</sup>

Questionamo-nos a respeito da dos cortes do romance nesse ponto, deixando o leitor sem saber o desfecho do protagonista, pai Tomás. É possível pensar que o encerramento de atividades do jornal tenha ocorrido de forma repentina e por isso não houve um planejamento para a publicação do fim da trama. Contudo, se inferirmos que o jornal possa ter pensado em seus leitores ao publicar o último número do periódico, é possível que a escolha de ter mantido o capítulo “Liberdade” como o último, ao invés de revelar a morte do protagonista que é considerado um mártir, foi parte do objetivo de privilegiar o leitor, de modo que houvesse um final satisfatório e que contemplasse a causa abolicionista como bem sucedida. Ao contrário de pai Tomás, que morreria pelas mãos da escravidão, Eliza, George e Harry poderiam representar o êxito da luta abolicionista.

Não é possível saber os dados da circulação desse jornal em São Paulo, devido à escassez de material sobre *A Redenção*. Em vários números a redação pede aos leitores que paguem suas assinaturas, como vimos no começo do capítulo, o que nos leva a crer que havia um grupo de leitores fixos, inclusive em outras cidades. Dessa maneira, não sabemos o quanto o livro estadunidense pode ter auxiliado o jornal e angariado simpatizantes para a luta em favor da abolição. Contudo, é possível pensar que por ser um livro clássico contra a escravidão e de ampla circulação mundial a sua escolha, para

---

<sup>268</sup>Idem, *ibidem*.

preencher colunas de folhetim do jornal tenha sido uma tentativa de buscar maior visibilidade e proximidade com o público, que já poderia conhecer a autora, por intermédio de citações em outros livros de autores brasileiros e peças teatrais. Caso o leitor não a conhecesse teria a oportunidade de sensibilizar-se por meio da trajetória das personagens, ao mesmo tempo em que poderia ser convencido da importância da abolição e de sua emergência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo nos revelou que o livro *A Cabana do pai Tomás* obteve grande circulação no Brasil, principalmente nas últimas décadas do século XIX e, conseqüentemente, nos últimos momentos do sistema escravista brasileiro. Nesse período, como sabemos, o abolicionismo no país ganhava cada vez mais força e correntes radicais adeptas até mesmo da violência surgiam e ganhavam adeptos. No entanto, as referências feitas ao romance quando o abolicionismo brasileiro ainda não estava totalmente conformado, mostra o descontentamento em relação à escravidão por parte de alguns indivíduos e ao mesmo tempo evidencia a rápida circulação do romance. Essa rápida circulação só foi possível por meio do desenvolvimento das tecnologias relacionadas à impressão e, também, não podemos nos esquecer do desenvolvimento das ferrovias que auxiliaram na distribuição dos livros e baratearam o custo das viagens.

Foi possível notar que o discurso brasileiro e o estadunidense tinham suas proximidades, como a vitimização do escravo, mas, ao mesmo tempo, observamos a apropriação de elementos d'*A Cabana* em tramas nacionais, como é o caso de *A escrava Isaura* analisada no primeiro capítulo, romance no qual a escravidão ganha traços bem característicos. A aproximação entre as obras não ocorreu de maneira direta, mas por meio de trechos da trama e até mesmo na personalidade da protagonista. Em geral, os protagonistas foram construídos à luz do mártir, pai Tomás, que, como vimos desapega-se de sua própria vida em benefício de seus senhores. Por outro lado, o elemento religioso constantemente presente na narrativa estadunidense, não era um elemento tão recorrente no discurso brasileiro. Porém, também foi apropriado em alguns momentos, como em *Páginas de uma vida obscura*, de Nísia Floresta, de modo que o leitor fosse levado a sentir-se próximo do cativo e também sentisse pena do mesmo.

O jornal *A Redenção*, por sua vez, buscou maior visibilidade por meio da publicação da tradução do livro e, assim, expressava o desejo de ganhar adeptos para a causa abolicionista. O ideal defendido pelos *caifazes* era a abolição completa e imediata; já Floresta não era adepta de tal ideia; a autora concordava que deveria haver uma abolição gradual. Joaquim Manuel de Macedo, autor de *Vítimas-Algozes* era a favor da abolição, mas para ele o negro que poderia ter sido animalizado pelo cativo deveria ser liberto para que não houvesse conseqüências graves para os senhores. Pode-se pensar que

tal pensamento era uma expressão do temor das grandes revoltas, como a Revolução do Haiti que a princípio era uma revolta escrava e levou à independência da colônia francesa de São Domingos. Tal episódio que ocasionou a morte de muitos brancos, tornou-se um exemplo para que os senhores tivessem maior rigidez no tratamento em relação ao escravo ou os libertassem para impedir um evento semelhante em território brasileiro. Dessa forma, é possível notar que mesmo que tais veículos citassem o livro de Stowe, cada um deles defenderia um modelo abolicionista. O que também demonstra, claramente, que o movimento abolicionista brasileiro possuía diversas facetas e que foi se modificando ao longo do tempo.

As traduções culturais aqui analisadas não perdiam de vista o seu público leitor. Pensamos especialmente na tradução publicada no periódico paulista abolicionista. Nele, o tradutor verteu nomes, adaptou lugares para o contexto brasileiro (é o caso da palavra *state*, que foi traduzida como “engenho”) e indicou ao leitor trechos bíblicos e seus livros. Nesse sentido pensamos que essa dedicação ao leitor tinha um interesse especial em aumentar o número de adeptos à causa. Quanto mais o público estivesse imerso no universo da trama de Stowe as chances dele se sensibilizar e convencer-se da relevância de sua participação na defesa da emancipação aumentariam consideravelmente. A informação ao leitor poderia fazer grande diferença para seu entendimento e interesse pela causa. Floresta, que chama seu protagonista de Tom Brasileiro, se equipara a autora estadunidense em relação à produção sobre o tema. Por meio dela, poder-se-ia se pensar que o Brasil e seus escritores estariam informados acerca das ideias que circulavam mundialmente. A crítica à escravidão também estava sendo realizada no país e, ao mesmo tempo, Floresta se inseria no debate sobre a emancipação, ainda que possuísse um posicionamento diferenciado de Stowe.

Os meios de discutir e realizar propagandas sobre a abolição foram intensificados nas últimas décadas de diferentes maneiras. Aqui percebemos essa propaganda por meio de peças teatrais. *A Cabana do pai Tomás* foi constantemente encenada em diferentes cidades, como vimos no levantamento realizado no primeiro capítulo. Há forte presença de companhias de teatro encenando a trama no Rio de Janeiro, mas também há referência disso em Minas Gerais.

Por fim, percebemos que o livro estadunidense teve grande alcance no Brasil e que foi apropriado de diversas maneiras defendendo diferentes objetivos. Como apontamos no

terceiro capítulo, ele ofereceu inúmeras possibilidades interpretativas, o que mais uma vez demonstra a complexidade do romance. Stowe criou um universo bastante complexo, com sujeitos diferenciados em sua maneira de agir. Os escravos também possuem suas diferenças. Ainda que o protagonista siga um modelo submisso e fiel, conseguimos encontrar escravos que lutam por sua liberdade, como George e Eliza. No Brasil também percebemos diferentes perfis de cativos, desde Isaura e Túlio, que eram submissos, até Lucinda, a mucama de *Vítimas-Algozes*, que possui desejo de vingança em relação ao senhores por ser escrava. Por isso, percebemos que a produção brasileira também ofereceu diversos caminhos, interpretações e defesas. O público-alvo, nesse sentido, também seria amplo e diferenciado, cada grupo poderia se identificar com uma ou outra obra, com um ideal ou outro, mesmo que todos estivessem discutindo o mesmo tema, qual seja a abolição.

## FONTES

### Fontes primordiais

STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin or; Life Among the Lowly*. Boston: John P. Jewett & Company. Cleverland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington, 1852 (vol. 1 e 2).

STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do Pai Thomaz ou a vida dos pretos na America: romance moral*. Paris: Rey et Belhatte, 1853.

FLORESTA, Nísia. "Páginas de uma vida obscura". in: *Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro: s/n, 1854.

FLORESTA, Nísia. *O opúsculo humanitário*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

*A Redempção* – janeiro/1887 à maio/1888.

### Fontes secundárias

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.doselect\\_action=&co\\_obra=1775](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.doselect_action=&co_obra=1775). Acessado em: Dezembro de 2015.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Vítimas Algozes*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2134](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2134). Acessado em: Dezembro de 2015.

REIS, Maria Firminas dos. *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

### Fontes para o mapeamento

AZEVEDO, Arthur e DUARTE. Urbano. *O escravocrata*. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asplink=http://www.biblio.com.br/conteudo/arturazevedo/oescravocata.htm>. Acessado em: Dezembro de 2015.

Carta: De Joaquim Nabuco a Doutor Domingos Jaguaribe. Londres, 16 de novembro de 1882. Revista da Biblioteca Nacional, Ano 5, nº 56, Maio de 2010.

ASSIS, Machado de. A Crítica Teatral: José de Alencar: *Mãe*. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact04.pdf>. Acessado em: Dezembro de 2015.

Lei 28 de setembro, drama em cinco actos. Peça Teatral. Rio de Janeiro, 1877.

### **Periódicos**

A província de Minas. Ouro Preto. Ano IV, nº 206, Maio de 1884.

Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 16 de maio de 1865.

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro. 29 de maio de 1875.

Revista da Biblioteca Nacional, Ano 5, nº 56, Maio de 2010.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 1, nº 23, Julho de 1876.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 1, nº 27, Julho de 1876.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 1, nº 29, Julho de 1876.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 1, nº 45, Dezembro de 1876.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 2, nº 86, Outubro de 1877.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 3, nº 220, Agosto de 1880.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 6, nº 258, Julho de 1881.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 10, nº 400, 1885.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 11, nº 443, Novembro de 1886.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 12, nº 471, Novembro de 1887.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Ano 12, nº 472, Novembro de 1887.



## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- ABREU, Martha. *Outras histórias de Pai João: Conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880-1950* in: *Afro-Ásia*, 31, 2004.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARMITAGE, David. *Declaração de independência: Uma história global*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- ARANGO-KEETH, Fanny. “Del angel del hogar y la obrera del pensamiento: Construcción de la identidad sociohistorica y literaria de la escritora peruana del siglo XIX.” in: ANDRE, Juan e GUARDIA, Sara Beatriz. *Historia de las mujeres em America Latina*. Murcia: Centro de estudios La mujer em la Historia de la America Latina, 2013.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada século XIX*. São Paulo: Annablume, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Inimigo: o escravo no imaginário abolicionista dos Estados Unidos e do Brasil” in: *Revista USP*, Vol. 28. São Paulo, 1995/96.
- \_\_\_\_\_. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.
- AZEVEDO, Cecília. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA.” in: *Revista Tempo*, nº 11. Rio de Janeiro, 2001.
- BASTOS, Elide Rugai. “Casa grande & Senzala” in: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil. Um banquete no tropico* vol. 1. São Paulo: SENAC, 2001.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BENNETT, Michael. *Democratic discourses : the radical abolition movement and antebellum American literature*. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press, 2005
- BERLIN, Ira. *Gerações de Cativo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BETHELL, Leslie. *A abolição do tráfico de escravos no Brasil: a Grã-Bretanha, o Brasil e a questão do tráfico de escravos, 1807-1869*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1976.
- BETHEL, Leslie e CARVALHO, José Murilo de. *Joaquim Nabuco e os abolicionistas*

- britânicos. Correspondência, 1880-1905. *Estudos Avançados*, 23 (65), 2009.
- BRAGA, Marcelle Danielle de Carvalho. *Um mosaico de fatos: Produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados Unidos em meados do XIX - A Cabana do Pai Tomás e os romance anti-tom*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Ouro Preto, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” in: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BURKE, Peter e R. PO-CHIA, Hsia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Imprensa, uma mercadoria política.” in: *História e perspectivas*. Uberlândia: UFU, n.4, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- CARVALHO, José Murilo. “Estudos de História e política” in: *Pontos e Bordados*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. *O teatro das Sombras: A política Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Escravidão e Razão Nacional” in: *Pontos e Bordados*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. “Minha formação” in: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico, 2*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- CASTILHO, Celso Thomas. “Propõe-se a Qualquer Consignação, Menos de Escravos!': o problema da emancipação no Recife, ca. 1870,” in: MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo e CASTILHO, Celso Thomas. (Orgs.) *Tornando-se Livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição*. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UNB, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- COOPER-RICHET, Diana. “Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?” in: *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 25, nº 42. julho/dezembro, 2009.
- COSTA, Emília Viotti. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Editora UNESP,

1999.

\_\_\_\_\_. *A abolição*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

COSTA, Celso. *A Revista no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Ed. Alameda, 2013.

CUNHA, Álisson Veloso da e OLIVEIRA, Wellington. “A memória e a história da favela Cabana do Pai Tomás nos primeiros anos de seu surgimento” in: RELUCÉ, Gonzalo Espino (compilador). *Tradición oral, culturas peruanas – una invitación al debate*. Serie Humanidades. Fondo Editorial de la UNMSM, Lima, 2003

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2011.

DEGLER, Carl N. *Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

DÉPÊCHE, Maria-France. “As traduções subversivas feministas ontem e hoje” in: Labrys, Estudos Feministas. Nº 1 e 2. Julho/Dezembro, 2012.

DONOVAN, Josephine. “A source for Stowe's Ideas on Race in Uncle Tom's Cabin”. In: *NWSA Journal* Vol. 7, No. 3, Autumn, 1995.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Editora da UFRN, 1995.

\_\_\_\_\_. “O canône literário e a autoria feminina” in: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1997

\_\_\_\_\_. “Feminismo e Literatura no Brasil” in: *Estudos Avançados*. Vol.17, nº 49. São Paulo, Set./Dec., 2003.

EISENBERG, Peter. *Guerra Civil Americana*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

FARIAS, Juliana Barreto, GOMES, Flávio dos Santos, SOARES, Carlos Eugênio Líbano e ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. *Cidades Negras: Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

FIGUEIRÔA, Meirevandra Soares. *Matéria livre... espírito livre para pensar: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2007.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

FRANKLIN, John Hope. *Da escravidão a liberdade: a história no negro norte-americano*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Ed. Recor, 1998.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. “O poder das letras” in: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 6, nº66, março/2011.

GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: EDUERJ, 1994.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. “Pai Tomás no romantismo brasileiro” in: *Teresa revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, 2013.

GUSMÃO, Emery Marques. “Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho” in: *Estudos Históricos*. Vol. 25, nº. 50. Rio de Janeiro, Julho/Dezembro, 2012.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985

HEDRICK, Joan D. *Parlor Literature: Harriet Beecher Stowe and the question of “Great Women Artists”*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Harriet Beecher Stowe: a life*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

IZECKSOHN, Vitor. “Escravidão, Federalismo e Democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão” *Topoi*, Rio de Janeiro, março 2003.

JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2000.

JUNQUEIRA, Mary A. *Estados Unidos: A consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções. Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2000.

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2005.

KARNAL, Leandro (Org.). *História dos Estados Unidos das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KARNAL, Leandro. “Estados Unidos: Liberdade e Cidadania” in: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da Cidadania*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

LARA, Sílvia Hunold. “Do singular ao Plural: Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos” in: REIS, João José e GOMES, Flávio S. *Liberdade por um fio*. São Paulo: Cia.

das Letras, 1996.

LOPEZ, Adriana e MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

LUCA, Tânia Regina de e MARTINS, Ana Luiza; (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Maria Helena A. P. “Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão.” in: *Revista Brasileira de História*. v.16, 1988.

\_\_\_\_\_. *Escravos e cometas: movimentos sociais na década da abolição*. Tese de doutorado em História. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: história das idéias da administração de escravos nas Américas, séc. XVII-XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Governo dos escravos e ordem nacional: Brasil e Estados Unidos, 1820-1860*. São Paulo: Hucitec, 2003.

MATTOS, Augusto. “Rainha das Manchetas” in: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 7, nº 80, 05/2012.

MENDES, Algemira de Macedo. “O discurso antiescravagista em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis” in: *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*. Brasília: UNB, v. 20, n. 31, 2011.

MÉNDEZ-RODENAS, Adriana. Mujer, nación, y otredad en Gertrudis Gómez de Avellaneda. In: *Cuba en su imagen: historia e identidad en la literatura cubana*. Madrid: Editora Verbum, 2002.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEYER, Marlyse. “Folhetim: Uma história de leitura” in: BATISTA, Antônio Augusto Gomes e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOLLIER, Jean-Yves. “A história do livro e da edição um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX” in: *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 25, nº 42, jul/dez 2009.

- MORAES, Evaristo de. *Campanha abolicionista: 1879-1888*. Brasília: UnB, 1986.
- MOTTA, Ivânia Pocinho. *Em defesa dos direitos da mulher, de Mary Wollstonecraft*. Dissertação de Mestrado em Ciência Social. Universidade de São Paulo, 2004
- MOYSÉS, Sarita Maria Affonso. “Literatura e história Imagens de leitura e de leitores no Brasil no século XIX.” in: *Revista Brasileira de Educação*. Nº 0. Set/Out/Nov/Dez, 1995.
- MULCAHY, Judith. “Primórdios do Ativismo feminino nos Estados Unidos e a Violência de Rua” in: *Impulso Piracicaba*, nº 37, vol. 15. Campinas: Editora UNIMEP, 2004.
- NAVARRETE, Federico. “A invenção da etnicidade nos Estados-Nações americanos nos século XIX e XX” in: HARRES, Marluza Marques e HEINZ, Flavio M (Orgs.). *A História e seus territórios: Conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- PAIVA, Angela Randolpho. “Nos moldes da religião” in: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 6, nº66, março/2011.
- \_\_\_\_\_. *Valores religiosos na construção da cidadania: estudo comparativo Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PAUL, Heike. “Cultural mobility between Boston and Berlin: how Germans have read and reread narratives of American slavery.” in: GREENBLATT, Stephen. *Cultural Mobility: a manifesto*. England: Crambridge University Press, 2009.
- PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina” in: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V.9 n. 18, agosto/setembro, 1989.
- PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. “Igualdade e especificidade” in: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da Cidadania*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.
- PISCITELLI, Adriana. “Re-criando a (categoria) mulher?” in: ALGRANTI, Leila Mezan, PISCITELLI, Adriana e GOLDANI, Ana Maria. *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/UNICAMP Nº48, 2002.
- QUEIRÓZ, Suely R. Reis de. *A abolição da escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- RAGO, Margareth. *Descobrimos historicamente o gênero*. Campinas: Unicamp. Cadernos Pagu nº 11, 1998.
- RANSON, Edward e HOOK, Andrew. “O Velho Sul” in: BRADYBURY, Malcolm e

- TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*. São Paulo: Editora Forense.
- REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- THOMPSON Jr., J. Earl. “Lyman Beecher's Long Road to Conservative Abolitionism”. In: *Church History*, Vol. 42, Nº. 1. Cambridge University Press, 1973.
- REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_ “Os Traficantes de Africanos e seu ‘Infame Comércio’ (1827-1860)” in: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh/Ed. Contexto, vol. 15, nº 29, 1995.
- SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D’ O Brasil Ilustrado (1855-1856) À Revista Ilustrada (1876-1898)*. São Paulo: Paco Editorial, 2011.
- SAYERS, Raymond. *O negro na literatura brasileira*. Trad. de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1958.
- SCHAMA, Simon. *O futuro da América: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista” in: *Varia História*. Vol. 26, nº 44. Belo Horizonte Julho/Dezembro, 2010.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Preto e Branco: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOIHET, Rachel. “História, mulheres, gênero: Contribuições para um debate” in: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1997.
- SOUZA, Silvia Cristina Martins de. “Cantando e Encenando a Abolição: história, música e teatro no Império Brasileiro (segunda metade do século XIX)”. Comunicação apresentada no 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional de 13 a 15 de maio de 2009.

Curitiba.

STOWE, Charles Edward. *The life of Harriet Beecher Stowe*. Middlesex: The Echo Library, 2006.

TANNEMBAUM, Frank. *El negro em las Américas: Esclavo y Ciudadano*. Buenos Aires: Paidós.

TELLES, Norma. “Rebeldes, escritoras, abolicionistas” in: *R. História*, São Paulo, 120, jan/jul, 1989.

VENTURA, Roberto. “Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república” in: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: SENAC, 2000.

ZAGARELL, Sandra A. *The conscience of her age*. The Women's Review of Books, Vol. 11, No. 7. Old City Publishing, 1994.